



**FACS – Faculdade de Ciências da Saúde**  
**Curso de Psicologia**  
**Disciplina: Monografia**

**MUNDO GLOBALIZADO E A SUBJETIVIDADE**  
**EM BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS:**  
**UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

Claudia Helge Möller

Brasília  
Junho de 2007

**Claudia Helge Möller**

**MUNDO GLOBALIZADO E A SUBJETIVIDADE  
EM BUSCA DE NOVOS PARADIGMAS:  
UM ESTUDO PSICANALÍTICO**

Monografia apresentada  
como requisito para  
conclusão do curso de  
Psicologia do UniCEUB –  
Centro Universitário de  
Brasília. Professor orientador  
Sr. Marcos Chedid Abel.

Brasília/DF, Junho de 2007.



Faculdade de Ciências da Saúde – FACS  
Curso de Psicologia  
Disciplina: Monografia

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Professor Marcos Abel	Assinatura_____
Professora Leonor Bicalho	Assinatura_____
Professor Maurício Neubern	Assinatura_____

A Menção Final obtida foi:

\_\_\_\_\_

BRASÍLIA, JULHO DE 2007

## AGRADECIMENTO

Agradeço a paciência do meu espôso, Carlos Augusto, e dos filhos, Christian, Martin e Mathias, pelas tantas horas que tiveram que renunciar à minha presença e, pelo incentivo recebido para não desistir diante das dificuldades de tempo.

Os homens perdem a saúde para juntar dinheiro, depois perdem o dinheiro para recuperar a saúde. E por pensarem ansiosamente no futuro, esquecem do presente de tal forma que acabam por não viver nem o presente nem o futuro. E vivem como se nunca fossem morrer..... morrem como se nunca tivessem vivido (Dalai Lama).

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo levantar informações gerais, subsídios que sirvam de orientação de análise para contextualizar o sujeito, o ser sujeito, numa base psicanalítica, e averiguar o seu adoecimento inserido em um mundo ocidental atual, globalizado, capitalista, científico e individualista. Para tanto, o primeiro capítulo visa trazer algumas reflexões sobre o panorama atual do mundo contemporâneo, o momento histórico-cultural e seus valores. O segundo capítulo pretende iluminar a família, sob a luz psicanalítica, em seus aspectos que envolvem o poder do paterno, a sexualidade e o advento do materno, e as mudanças observadas em sua constelação interna. O terceiro capítulo traz resumidamente alguns conceitos sobre a psique, tanto de Freud como de Jung, relevantes para a análise do funcionamento subjetivo. O quarto capítulo levanta questões de hedonismo, o princípio do prazer que impulsiona o sujeito, e desdobramentos do ser sujeito frente às exigências do mundo globalizado e consumista, e como influenciam, como interferem ou corrobam a maneira de ser, sentir e adoecer do sujeito e, o conflito do sujeito diante das inúmeras possibilidades apresentadas e sua angústia de escolha. O quinto capítulo lança um olhar sobre a Psicanálise hoje, estendendo o olhar sobre alguns aspectos observados na histeria e na depressão, suas principais sintomatologias e a sua plasticidade no panorama da sociedade atual. Na conclusão pretende-se unir os dados levantados sobre as mudanças sociais e articulá-los com os quadros da histeria e da depressão na atualidade.

Globalização – Subjetividade – novas doenças da alma

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
I – SABER E CONHECIMENTO: O PROCESSO CIVILIZATÓRIO...	3
1.1. Avanços científicos.....	4
1.2. Civilização.....	9
1.3. Cultura, sociedade e linguagem.....	11
1.4. Meios de comunicação social e ideologia.....	13
1.5. Globalização.....	19
1.6. O homem-máquina.....	21
1.7. Consumismo.....	22
1.8. Contemporaneidade e subjetividade.....	26
II – A FAMÍLIA.....	28
2.1. Transformações sociais.....	30
2.2. A queda do paterno e o advento do materno.....	32
2.3. Configuração atual.....	36
III – APARELHO PSÍQUICO.....	40
IV – GRATIFICAÇÃO NARCÍSICA E O PRINCÍPIO DO PRAZER..	45
3.1. Loucura e normalidade.....	48
3.2. O corpo e o abandono do corpo.....	50
3.3. Estabilidade emocional e adoecimento.....	53
3.4. Desamparo.....	54
3.5. Subjetividade e a angústia de escolha.....	56
V – E A PSICANÁLISE?.....	57
5.1. Histeria.....	60
5.2. Depressão.....	66
CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	76

## INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho nasceu, principalmente, a partir de três pilares: das aulas com o Prof. Fernando Rey sobre subjetividade; com a Profa. Claudia Feres sobre a teoria psicanalítica e da experiência clínica proporcionada pelo estágio supervisionado em psicanálise; com o Prof. Moacir Rodrigues sobre teoria jungiana, como também a curiosidade inerente a minha pessoa de buscar, através de publicações, bibliografias e palestras informações, conhecimentos sobre o que, nos últimos séculos, possa ter influenciado, permeado, organizado e desorganizado o ser e estar no mundo, a sociedade, o próprio ser humano e a sua psique, a família. Seriam os avanços científicos, o mundo sem fronteiras, globalizado, ligado pela internet, os rápidos crescimentos das grandes cidades, a perda de valores tradicionais, os novos valores sociais, o poder econômico reinante? Por outro lado, o que este novo panorama mundial, social, familiar tem a ver com modo de adoecimento, por exemplo, na histeria e na depressão, e com a plasticidade de sua rede sintomática.

Pois, somos confrontados com constantes, marcantes e rápidas mudanças, no mundo, na sociedade atual, nas famílias, nos relacionamentos, nos seus aspectos políticos, econômicos e estruturais, envolvendo aspectos que englobam valores culturais, éticos, étnicos e religiosos. Objetiva-se, portanto, baseado na teoria psicanalítica, humanista, levantar dados sobre as diferentes influências que o sujeito sofre e como a sua psique consegue absorver esta gama de informações e, compreender melhorar os desdobramentos subjetivos, e assim, as queixas dos pacientes.

Observa-se que os quadros clínicos da histeria e da depressão, permeados pela contemporaneidade, adequam a sua plasticidade, a sua rede sintomática, influenciando a postura do paciente frente o seu adoecimento. Pergunta-se, se o paciente muda sua forma de adoecer, sua sintomatologia, ou se o determinismo levantado por Freud, teria a sua validade, mostrando a maleabilidade do super-ego e o trabalho atual do ego, diante das exigências do id, englobando a questão biológica, diante das grandes descobertas das neurociências.

E a Psicanálise? Ainda tem lugar neste mundo empírico, comportamental, científico, reducionista, de respostas rápidas, mas paradoxais.

No primeiro capítulo buscou-se dados, informações, situações, mudanças ocorridas no mundo contemporâneo, quanto aos aspectos envolvendo políticas, avanços tecnológicos, cultura, valores, desenvolvimento, que pudessem ter influenciado a nova ordem mundial globalizada e dominada pelo poder econômico, consumista e individualista. Onde a violência, mesmo no século XXI, repito século XXI, é cotidiana, aceita (vide Quantamano), tolerada (vide Oriente Médio), assistida passivamente (vide a situação do Rio de Janeiro), desejada

(vide pena de morte, por exemplo, nos EUA, vide o uso dos animais para cobaias), e velada (vide violência sexual contra mulheres e crianças). Verifica-se que para manter o *status quo* vale qualquer negócio, os políticos perdem a dignidade e a sociedade apela para a violência.

No segundo capítulo, pretende-se com o auxílio da escritora francesa Roudinesco iluminar a família, quanto aos valores, mudanças relevantes, aspectos atuais, a ordem e a desordem em que culminou. Demonstrando a queda do paterno e o advento do materno, onde mudou totalmente a posição de hierarquia dentro da constelação familiar, transformando-a, concedendo um espaço aos filhos nunca antes conquistado.

No terceiro capítulo, objetiva-se buscar alguns conceitos a partir da base teórica, especificamente no aparelho psíquico, em Freud e Jung, para deferir suporte no entendimento das funções como ego, super-ego, id, consciente, inconsciente, inconsciente pessoal, inconsciente coletivo e o self, e qual o papel das pulsões nas atitudes e nos sentimentos do sujeito movido pelo princípio do prazer.

No quarto capítulo, se tentará articular o princípio do prazer, a gratificação narcísica e o princípio da realidade, sob base teórica psicanalítica. Aventando a possibilidade de haver uma relação entre a busca do prazer, loucura da violência, adoração ao corpo, adoecimento, e desamparo, e a angústia da escolha.

No quinto capítulo, objetiva-se levantar algumas preocupações com a situação da Psicanálise no panorama subjetivo atual, para tal baseou-se em informações trazidas por Roudinesco e Zimmerman em especial. Perguntando-se como deve ser, decorrer a adequação, a atualização da teoria psicanalítica, fato já levantado por Freud, que acreditava que mais conhecimentos seriam agregados às sua descobertas. Neste contexto destaca-se os quadros da histeria e da depressão, a partir de uma breve recapitulação dos principais aspectos da histeria, numa perspectiva atual, dentro deste mundo do espetáculo (Birman). E a depressão, será iluminada numa análise geral, relacionando a forte tristeza que aflige muitos sujeitos no mundo globalizado e individualista, fato encontrado em tantos outros quadros depressivos, com uma angústia existencial.

Por fim, o término dessa tarefa objetiva relacionar e articular os diferentes conteúdos desenvolvidos ao longo da pesquisa e de todo o trabalho escrito. Na esperança de reunir informações, dados que possam completar o quadro para um melhor entendimento e compreensão da histeria e da depressão, a partir da convergência de diversos fatores, a saber, históricos, políticos, ancestrais, culturais, familiares e psíquicos, permeados pelos valores ideológicos transmitidos pela globalização, e a individuação na atualidade.

## 1 SABER E CONHECIMENTO: PROCESSO CIVILIZATÓRIO

Desde seus primórdios, o homem busca significados para a existência e o universo, sentidos sobre si mesmo e a compreensão de suas relações com o próximo. A concepção de mundo na Antiguidade, para o homem grego, como também para o da Idade Média era de algo harmonioso, finito e divino. O cosmo era visto como perfeito e acabado, restando ao homem a função de admirar ou contemplar a natureza e o mundo. A admiração — assim Platão definiu a filosofia — era considerada a mais bela atividade humana, e caberia ao homem refazer em seu pensar a ordem existente no cosmo, não atuando na natureza, pelo contrário, devia a ela um profundo respeito. A Terra e o homem eram entendidos como o centro do universo.

Embora apresentadas por Aristarco quinze séculos antes de Copérnico, e a imagem de mundo ter passado a opor-se àquela compreendida pelos princípios de Ptolomeu, as idéias de Copérnico modificaram a visão de mundo, isto é, não mais a Terra é o centro do universo, e sim o Sol. O mundo deixa de ser algo acabado, perfeito, finito, e passa a ser visto como infinito e sem hierarquias. É o início da supremacia do mecanicismo contra o animismo e, de contemplativo, o homem passou à condição de ativo na natureza. Posteriormente, Descartes, que adotou a subjetividade como o pilar, a partir da qual tudo ocorre, é iluminado e ganha sentido (Carmo, 1974). Com isso, seguindo a razão impessoal, a subjetividade tornou-se idealista, atingindo seu apogeu com Hegel.

O século XVII marca a presença revolucionária do racionalismo, e o cada vez mais aprimorado método cartesiano, que possibilitou o domínio praticamente completo da razão, permitiu, e tem permitido, grandes avanços científicos e tecnológicos, estimulando o homem a empolgar-se com o cosmo, “alimentando tal ilusão a cada avanço alcançado e incorporando também a idéia de *estar fora* do universo” (Carmo, 1974, p. 6-10).

Na pós-modernidade encontramos um mundo, um sistema internacional marcado pela globalização e influenciado pelos acontecimentos pós Guerra Fria, num estado de instabilidade, complexidade e fragmentação, multipolar e multicultural. Onde a discrepância não é mais de ordem política, ideológica ou econômica, mas cultural. Assim, no início do século XXI observa-se choques e crises diplomáticas no âmbito estratégico, sem que se possa prever outras formas de convivência internacional a não ser por acordos. Na área econômica e social cada questão levantada traz outros problemas, como por exemplo, a questão da biogenética e epidemias como BSE (vaca-louca) ou a gripe aviária. Os políticos como elementos de decisão, na busca de uma visão mundial da ordem internacional, se confrontam nos debates

com posições tensas, onde cada um só tenta defender os seus interesses econômicos e sociais, o que inviabiliza uma visão de mundo unido para o bem-estar dos humanos. Pois, com a queda do muro em Berlim também caíram as últimas barreiras que ainda estavam emperrando os dois fenômenos de final de século, uma globalização ímpar do comércio exterior e uma crise geral dos modelos tradicionais de identidade política, situações nunca antes vividas pela humanidade.

### **1.1 Avanços científicos**

Nesse sentido, levanta-se alguns aspectos dos avanços científicos que influenciaram nos últimos quatro séculos a percepção das coisas e do ser no mundo. Descobertas científicas, como a teoria da relatividade e a física quântica mudaram radicalmente a visão de mundo dos cientistas, mudando conceitos básicos como tempo e espaço, matéria e energia, causa e efeito, fazendo com que eles percebessem que o universo era muito mais complexo do que haviam inicialmente acreditado, a partir das idéias de Newton. Por outro lado, houve mudanças muito significativas e abrangentes desde o século XVII, como nunca houve na história da humanidade. O desenvolvimento econômico, principalmente no século XX, foi a força por trás das grandes mudanças no cotidiano, em nível sem precedentes na história humana.

Assim, enquanto que as mudanças em séculos passados abrangiam, principalmente, as idéias, a religião e as conquistas militares, no século XVII destituiu-se a idéia da ordem divina da criação e em seu lugar colocou-se a idéia de um mundo mecanicista, influenciado pelas idéias de Descartes (1596-1650), separando pensar e experiência humana concreta, afirmando-se *cogito ergo sum* (penso logo existo). Segue Newton (1643-1727) completando as idéias com sua teoria de mecânica, afirmando que se absorve o mundo pelo pensamento e o formulou matematicamente, partindo logicamente de pequenas partes concretas, a partir das quais se descobriria os fenômenos. Excluindo, portanto, das ciências naturais tudo aquilo que não fosse possível verificar e medir empiricamente.

Ao contrário da visão mecanicista e cartesiana de mundo, a nova visão de mundo, a partir dos conhecimentos da física moderna, pode ser caracterizada com palavras como orgânico, global, ecológico, um sistema. O universo não é mais uma máquina que é constituída de vários objetos, mas um inteiro inseparável e dinâmico. A nova física descobriu que se de um lado tudo pareça estar acontecendo ao acaso no plano micro-físico, observa-se na plano macro-físico uma relativa estabilidade, como seres humanos, animais, plantas, casas, ruas e o chão sob os pés. Nesse sentido Pauli (físico atômico) já disse que há uma estrutura

dinâmica e rítmica no construto das partículas, assim também Jung, não falavam, em conexão com esses fenômenos, de causalidade, mas de sincronia, de sincronicidade (Capra, 1982).

Ocorreram mudanças em todas as facetas da vida humana, como na saúde (DNA, clonagem), no modo de vida (individualista), na qualidade do meio ambiente (poluição), nas relações sociais (família em crise), na economia (aumento dos bens materiais, poder), na tecnologia (automóvel, avião, internet), na indústria (linha de montagem e produção em massa), na política (autoritária, democrática, poder), e nos valores morais (avareza, corrupção) e religiosos (distanciamento, fanatismo), etc. O que levou à uma crise profunda, complexa, multidimensional e mundial, uma crise de dimensões intelectuais, uma crise sem precedentes em toda a história da humanidade. “Pela primeira vez, temos que nos defrontar com a real ameaça de extinção da raça humana e de toda a vida no planeta”, diz Capra (1982, p.19), através, principalmente, da poluição atmosférica e a da contaminação da água e dos alimentos, por diversos tipos de produtos químicos tóxicos, interferindo na qualidade de vida. E, além do mais, as principais fontes de energia estão se esgotando, como os combustíveis fósseis, carvão, petróleo e gás natural, que são usados e gastos pela indústria moderna.

O ser humano modificou de tal forma o meio em que vive que perdeu o contato com a sua base biológica e ecológica, mais do que em qualquer outra época no passado. Mesmo que as invenções como a energia elétrica, o automóvel, o telefone, e a internet terem melhorado a qualidade de vida de muitos no século XX, percebe-se uma separação, de um lado entre o desenvolvimento do poder intelectual, do conhecimento científico e das qualificações tecnológicas, e por outro, da sabedoria, da espiritualidade, e da ética. Onde o “progresso foi uma questão predominantemente racional e intelectual, numa evolução unilateral, paradoxal, beirando a insanidade”, diz Capra (p. 39-49).

Os avanços e a intensidade de contatos interpessoais a partir dos anos 70, através dos meios de comunicação como o telefone e a internet, e o aumento das viagens por avião, entre os diferentes hemisférios do planeta terra, fez com que a diferença entre as nações ricas e as pobres fosse percebida, e pela industrialização acentuada, surgindo a diferenciação entre terceiro e primeiro mundo. Este andar, voar de um lado para o outro relativizou muitos costumes culturais e, conseqüentemente, aumentou a ameaça por doenças de contágio como sars, aids, gripe aviária, por exemplo.

Oberva-se que várias tecnologias e descobertas mudaram o modo de vida e influenciaram a libertação dos afazeres do cotidiano e melhoraram o conforto do ser humano. Invenções como a máquina de lavar, o micro-ondas, o plástico, e ar condicionado, os meios anticonceptivos, os antibióticos, entre outros tantos, deram ao ser humano atual maior

conforto e liberdade. Aumentando também, o acesso às informações, através da mídia como filme, rádio e televisão, telefone e internet, possibilitando a comunicação, o contato, com qualquer lugar conectado, e ainda possibilitando um entretenimento com impacto sem precedentes na história. Mas, por outro, abriu espaço para mensagens de cunho político e ideológico, como no exemplo atual do terrorismo. Com essas facilidades e as conquistas alcançadas, também em termos trabalhistas, onde de 12 a 15 horas de trabalho em séculos passados, preocupa-se hoje com o que fazer depois do trabalho, na hora do lazer, se tornando uma sociedade na busca por aventura (*Erlebnisgesellschaft*). Mas esse tempo, em vez do sujeito ocupar o seu tempo com coisas que o edificam como ser pensante, se ocupa com destruições e agressões, também contra os seus filhos, caindo em marasmos e coisas inúteis que levam à uma vida sem sentido, ao isolamento, à adoecimentos.

Essas mudanças galopantes, o desencanto diante da alienação humana e afetiva, e a mecanização das relações de trabalho, foram sentidas por muitas pessoas de várias áreas, que o expressaram em suas publicações, em seus discursos e também através de movimentos artísticos, como por exemplo, as percepções expressadas nos filmes como *Metrópolis* (de Lang) e em *Tempos Modernos* (de Charlie Chaplin), ou pela arte com o Dadaísmo, ou a Escola de Frankfurt, na Alemanha, e os vários movimentos operários, na Europa como a Revolução Russa de 1917, movimento que foi neutralizado pelo capitalismo lucrativo. Os Estados Unidos influenciaram o surgimento do quadro mecanicista que provocou o questionamento do modo de vida mercantilista da sociedade ocidental, mas de forma imperativa, através de novas descobertas e pelo poder econômico, minando a visão de mundo para um mundo causal, determinista e materialista dominante, causando uma separação entre pessoas, coisas e eventos, baseada no individualismo e na separatividade (Capra, 1982).

Estamos, portanto, no início do século XXI, dentro da maior globalização já vivida pela humanidade, vivendo um novo domínio que não é através de guerras como no passado, mas, especificamente uma americanização, fazendo surgirem ao mesmo tempo as defesas, causando sentimentos anti-ocidente e anti-americano em muitas partes do mundo, especialmente no Oriente Médio. O inglês tornou-se uma língua global, sendo vista como algo que discrimina os povos em relação aos que não o dominam.

Observa-se que as tendências de mecanização de bens e serviços, e redes de comunicação global, que haviam sido iniciadas no século XIX continuam em crescimento acelerado no século XXI, trazendo o terrorismo, a ditadura, o poder econômico e o aumento de países com armas nucleares, que também são questões que requerem atenção imediata, culminando na ameaça à paz mundial pelas armas nucleares (também no Irã). Por isso, o autor

apresenta uma tentativa de melhoria na percepção das coisas no mundo e sugere uma mudança no rumo dessas acelerações, chamando para a reflexão sobre uma nova visão do mundo que chamou de *era solar*, onde a nova visão se basearia no reconhecimento que todos os fenômenos, físicos, biológicos, psíquicos, sociais e culturais, basicamente interligados e dependentes uns dos outros. Pois, para um mundo global e entrelaçado de hoje, só há uma visão ecológica adequada, uma visão interdisciplinar e global da realidade. O que Capra (1982) no prefácio de seu livro resume:

Os novos conceitos da física provocaram uma profunda mudança em nossa visão do mundo, passou-se da concepção mecanicista de Descartes e Newton para uma visão holística e ecológica, que reputo semelhante às visões dos místicos de todas as épocas e tradições. (...) Em seu esforço de apreensão dessa nova realidade, os cientistas tornaram-se irremediavelmente conscientes de que seus conceitos básicos, sua linguagem e todo o seu modo de pensar, eram inadequados para descrever fenômenos atômicos. Seus problemas não eram meramente intelectuais; remontavam ao significado de uma intensa crise emocional e, poderíamos dizer, até mesmo existencial. (...) .... tudo isso [desemprego, crise energética ,crise na área da saúde, poluição, desastres ambientais, violência, etc. são facetas diferentes de uma só crise, que é, essencialmente, uma crise de percepção (p. 13).

Urge pois, percebe o autor, uma nova visão, uma nova percepção da realidade, de idéias e valores que diferem dos valores associados às correntes culturais do período da Revolução Científica, do Iluminismo ou da Revolução Industrial. Precisa-se de um novo paradigma, uma mudança fundamental e profunda nos pensamentos, percepções e valores, e na visão da realidade. Observa-se que os primórdios dessa mudança, da “transferência da concepção mecanicista para a holística da realidade, já são visíveis, se atentarmos para tal, em todos os campos e suscetíveis de dominar a década atual” (p. 28).

Capra (1982) sugere duas maneiras de orientar-se nesta busca por novos paradigmas. Baseando-se na concepção chinesa de *yang* e *yin*, isto é, pelo método intuitivo e pelo método racional, os quais estão tradicionalmente associados à religião ou ao misticismo e à ciência, que funcionariam de modo complementar na mente humana. Onde o racional seria linear e concentrado no analítico, e pertenceria ao intelecto, cuja função é discriminar, medir e classificar. Enquanto que o intuitivo seria não intelectual, baseado “numa experiência direta da realidade, em decorrência de um estado ampliado de percepção consciente. Tendendo a ser sintetizador, holístico e não-linear” idem (p. 35).

E, baseando-se em I Ching, o autor argumenta que depois de um período de decadência chega o *ponto de mutação*. Afirmado que com os movimentos sociais dos anos 60 e 70, o movimento feminista e o movimento pelo meio ambiente são preparadores do novo caminho. Eles foram importantes para uma nova cultura em ascensão, destinada a substituir as rígidas instituições e suas tecnologias obsoletas, delineando uma nova visão da realidade, dotando os vários movimentos de uma estrutura conceitual comum, de modo a permitir que eles fluam conjuntamente para formar uma força poderosa de mudança social. Seria necessário uma fusão das concepções asiáticas e ocidentais como um possível paradigma, e a tarefa das pessoas seria fazer andar rapidamente e sem conflitos este avanço para o novo paradigma. Assim, a conscientização e a mudança de pensamento urgente, o entendimento mecanicista do mundo do Iluminismo deve ser trocado por um pensamento mais complexo e meditativo, uma maneira mais abrangente e ecológica (p.36-40).

O autor deixa bem claro, que a sobrevivência humana, que é ameaçada por várias ações igualmente humanas, advém de uma visão de um mundo mecanicista e fragmentada, só será possível se formos capazes de mudar radicalmente os métodos e os valores subjacentes à nossa cultura individualista e materialista atual, e à nossa tecnologia de exploração do meio-ambiente. Esta mudança de paradigma deverá, logicamente, refletir-se em atitudes mais orgânicas, holísticas e fraternas entre os seres humanos e entre estes e a natureza, em todos os seus aspectos.

Nessa nova visão Capra (1982) inclui conceitos de espaço, de tempo, de matéria, desenvolvidos pela Física subatômica; inclui a visão de sistemas emergentes que abrangem a vida, a mente, a consciência e a evolução; numa correspondente abordagem holística da saúde e da medicina; e sugere a integração entre as abordagens ocidental e oriental da Psicologia e da Psicoterapia, e uma nova estrutura conceitual para a economia e a tecnologia; somando uma perspectiva ecológica e da ordem do feminino. E tudo isto, apoiado no fato de que as descobertas relativas à física subatômica revelam essa nova compreensão, cuja busca por respostas encontramos nos movimentos ambientais e nas mudanças sociais, os quais se intensificaram no momento em que o homem visualizou as imagens recebidas das naves espaciais, da grande massa terrestre, de seu planeta terra, de seu *habitat*.

Na verdade, o fracasso das promessas de um paraíso na terra, baseado num ideal puramente materialista advindo do progresso da ciência e expresso na crença positivista de que a tecnologia resolveria todos os problemas e deixaria as maravilhas da modernidade acessível a todos, rachou espetacularmente diante da tragédia bizarra das duas Grandes Guerras. Mas, ainda mantendo conceitos e valores máximos como a corrupção, avareza,

racionalidade e a busca por interesses individuais, os quais tomam a roupagem do racionalismo científico, positivista. Está na hora, clama o autor, de uma catarse coletiva, pois há uma contradição em disser-se que está se agindo para o bem-estar comum, anunciando que é de forma científica e racional, mas agride-se o meio-ambiente, o espaço que possibilita a sobrevivência na terra.

Mas o sujeito do início do século XXI, diz o autor, ainda com pensamento mecanicista de ver o mundo, cegado pela produção e pelo consumo desenfreado e inútil de alguns bens de consumo, não percebe o mal que causa a si mesmo e a seu meio ambiente, à terra. Pois, a situação é camuflada pelo poder econômico, fazendo com que o sujeito atual, para se sentir menos culpado, e mais ligado a uma ideologia que justifique as suas atitudes insanas, se deixa levar pela obsessão de produção e consumo a todo custo, pela busca desumana de um desenvolvimento econômico individualista, sob o qual há um sistema de valores, que construíram um mundo físico e psíquico, no qual não é mais possível viver humanamente, um mundo agressivo e doentio para os seres humanos.

De repente está muito visível, que não era na crença do progresso técnico que estava a questão da possível felicidade humana, mas na maturação psicológica das pessoas que usam de toda esta tecnologia e na divisão dos frutos do progresso com todos, conseqüentemente devem buscar, aquilo que existe de mais fundamental, para transformar o sujeito biológico, que é a educação, a saúde, e a busca pela ampliação das capacidades mais especificamente humanas, como a fraternidade e o altruísmo, através de uma nova percepção do mundo e das coisas no mundo. Quando o autor pergunta, que tipo de paz nós buscamos?”, que tipo de paz faz com que a vida na Terra vale a pena ser vivida? Completando que nossos problemas são causados pelo Homem, portanto, podem ser resolvidos pelo Homem.

## **1.2 Civilização**

Como vimos no capítulo anterior, o mundo pós-moderno se caracteriza pelas suas constantes mudanças e a rapidez dos acontecimentos, pelos avanços tecnológicos, pela evolução dos meios de comunicação e a rapidez da informação ao redor do globo, num mundo interligado, globalizado e massificado. Nesse sentido, o mundo no qual vivemos se apresenta, muitas vezes, de forma perturbada e conturbada e, com efeito, proporcionando novas modalidades de inscrição da subjetividade no mundo da atualidade. Contudo, essa rapidez e dinamismo no mundo atual, não é acompanhada, de forma simultânea, nem por

todos os humanos e nem pelos instrumentos interpretativos que possuímos, dentre eles a psicanálise, e muito menos pela maioria da população mundial.

Essa interligação entre o subjetivo e o mundo globalizado é consequência do fenômeno humano que é a vida em grupo, pulsionado pela curiosidade e pela necessidade de reconhecimento através do olhar do Outro. A vida humana em grupo somente torna-se viável quando há a reunião de uma maioria mais forte, do que qualquer indivíduo isolado e que permaneça junta. Pois, a substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade, constitui o passo decisivo da civilização. E, de acordo com Freud (1930), a civilização tem o propósito de proteger os homens contra a sua natureza e ajustar os seus relacionamentos mútuos, isto é, cada grupo social regula “os relacionamentos mútuos dos homens, seus relacionamentos sociais, [...] – relacionamentos estes que afetam uma pessoa como próximo, como fonte de auxílio, como objeto sexual de outra pessoa, como membro de uma família e de um Estado” idem (p. 48). O elemento de civilização que entra em cena com a primeira tentativa de regular esses relacionamentos sociais consiste em sua essência “no fato de os membros da comunidade se restringirem em suas possibilidades de satisfação” idem (p. 49). Isto é, o indivíduo deve abrir mão do relacionamento sexual entre as pessoas da família, e buscar o estabelecimento de novos vínculos no meio extra-familiar.

Por outro lado, este processo de restrição da vida sexual, conforme Freud (1930), é o principal responsável pelas perturbações do espírito, pois, a proibição de uma escolha de objeto incestuoso constitui o trauma mais intenso que a vida erótica do sujeito possa experimentar, o que ocorre na sua primeira fase, na fase totêmica que já traz a proibição de uma escolha de objeto incestuoso. Pois, a satisfação de uma pulsão, o amor sexual, proporcionaria ao homem as mais intensas experiências de satisfação, o que equivaleria a uma forma de felicidade, por outro, a sua recusa leva ao sofrimento.

No entanto, se o sujeito escolhe somente o caminho das relações sexuais, o erotismo genital, como o ponto central de sua vida, passaria a depender de uma forma perigosa de uma parte do mundo externo, de seu objeto amoroso escolhido, expondo-se ao sofrimento extremo, a uma frustração, caso fosse rejeitado por esse objeto. Um meio identificado por Freud para apaziguar as exigências das forças pulsionais seria pelo viés da sublimação, porém essa capacidade seria atribuída a poucos seres humanos, constata Freud. Mas, o estabelecimento de vínculos extra-familiares, ou seja, exogamia se faz necessário para que se constitua a civilização.

O homem, segundo Freud (1930), teria trocado uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança proporcionada pela civilização, assim, o sujeito pode

assim ser considerado como um inimigo em potencial, um obstáculo da civilização. Esta que se constitui a partir das limitações à liberdade individual. Contudo, de acordo com Marcuse (2001), a cultura desenvolve meios para diminuir e sublimar a agressão, a violência e a miséria humana, de modo a tornar o homem menos hostil para com a civilização. Nesse sentido, a civilização vai estabelecendo, proporcionando sempre um equilíbrio entre as exigências pulsionais do sujeito de um lado, e a quota de limitações e impedimentos pela cultura do outro lado. Assim, “o princípio da realidade é idêntico ao princípio do progresso” diz o autor (p.122).

Segundo Freud (1930), para que haja civilização é preciso que o princípio do prazer seja substituído, de certa forma, por um outro princípio, que permita e mantenha a sociedade, a saber, o princípio da realidade, e além do mais a civilização não imporá sacrifícios apenas à sexualidade humana, mas também à agressividade, que seria em sua essência, decorrente da insatisfação das pulsões sexuais. Não seria fundamentalmente do recalque das pulsões associadas ao eros que se deriva o mal-estar no homem civilizado, e sim, o recalque das pulsões agressivas. Os instintos vem acompanhados de certa crueldade, parecida com a dos povos primitivos, que podem naturalmente serem exteriorizados e voltarem-se contra o próprio ser humano. E, de acordo com Marcuse (2001), a felicidade, a que nos propomos primária e primordialmente, está unida ao programa da primazia do prazer, e torna-se proibida pela primeira lei que domina na sociedade do homem civilizado, a proibição do incesto. E uma das formas do sujeito enfrentar as inúmeras e sucessivas frustrações impostas pela cultura, seria refugiar-se na neurose e na psicose. Pois, a idéia de que a liberdade seria companheira da cultura, não confere, ela antes limita, porquanto impõe fronteiras ao livre acesso das pulsões, restringindo a busca, o princípio do prazer. “Felicidade e liberdade são incompatíveis com a civilização”, diz o autor (p.120). E, conforme Jung (1999) diz que “o processo cultural consiste na repressão progressivo do que há de animal no homem; é um processo de domesticação” (p. 11).

### **1.3 Cultura, sociedade e linguagem**

Dentro do processo de civilização que vimos no capítulo próprio, há a cultura, que é um fenômeno, é algo que acontece, que aparece, que revela o altero, o natural, o étnico, que apresenta a humanidade do homem, e é construída pelas suas crenças, artes, estilos, padrões, saberes, modos de viver etc. A cultura separa o homem do puramente biológico, da natureza, do animal. Nos animais observamos os mecanismos geneticamente estabelecidos que

comandam o comportamento, como uma conduta ordenada, programada, enquanto que no homem, contrariamente, ele aprende também conceitos de moral e ética. Assim, o ser humano é o resultado do meio cultural em que foi socializado, e o seu comportamento é influenciado, formado através de uma aprendizagem, de padrões orientadores e importantes para a sua vida intelectual. Pois a estrutura psíquica, as crenças e as expressões de valores não são biologicamente pré-determinados.

A cultura não age apenas suplementando, desenvolvendo e ampliando capacidades dependentes do organismo, geneticamente anteriores a cultura, mas é um componente dessas próprias capacidades. A cognição no homem depende, de tal maneira, da existência de modelos simbólicos externos, da realidade em que vive, que não pode ser comparada a nenhum animal. Pois o homem depende emocionalmente desta orientação, quanto às idéias comumente aceitas, encontradas em costumes, ritos, mitos, arte, música, para saber como deve viver, sentir, reagir e adoecer, pois idéias e emoções são artefatos sociais. Por isso, o homem é produtor e ao mesmo tempo produto de sua cultura. Ele é um ser de cultura, que é subjetiva, e que influencia a sua estruturação, formando um indivíduo pensante. Essa cultura, na qual o ser humano está inserido é construída, um construto, lhe é invisível, ele já nasce dentro dela, ele tem e faz história. Portanto, o ser humano precisa de cultura para se individualizar.

Assim, observa-se que o homem não tem apenas inteligência, mas também consciência, não só das necessidades, mas também de valores, senso moral, ele tem história, fabrica instrumentos, passa os seus conhecimentos à próxima geração, acumula saberes, adota símbolos e é capaz de falar. Ele tem a necessidade de se comunicar. E para isso ele utiliza a linguagem, seja verbal ou não-verbal, através de signos, simbolicamente. Este processo acontece no campo puramente lógico, pois a linguagem é uma abstração, onde há uma imposição de um sistema de significações simbólicas arbitrárias à realidade, o pensamento simbólico. Só o ser humano analisa a diferença e faz as associações entre nuvens escuras e chuva, entre nuvens escuras e depressão, tristeza. A fala é, então, um mecanismo, de alta flexibilidade e eficiência, para a transmissão do pensamento, de idéias, de sentimentos, de conceitos de produção mecânica, e para o ensino e educação.

Todo fenômeno cultura funciona porque é um fenômeno de comunicação, uma produção de linguagem e de sentido, produtos da mente, consciência. Pois o nosso estar-no-mundo é mediado por uma rede intrínseca e plural de linguagem, isto é, nos comunicamos e nos orientamos através de imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes, objetos, sons, gestos, cheiro, tato, leitura, etc. É no homem e pelo homem que se opera o processo de

alteração dos sinais, qualquer estímulo emitido pelos objetos do mundo (Santaella, 1983). A comunicação do homem é tão complexa quanto o seu ser em sociedade, mas é a linguagem que dá ao homem o acesso ao mundo e compreensão das coisas no mundo.

Para Saussure (apud Santaella, 1983) a língua é um sistema de valores diferenciais, é uma forma na qual cada elemento adquire valor na relação com os outros, que falada, isto é, linguagem articulada, só pode produzir sentido, segundo regras combinatórias, baseada na convenção, um sistema abstrato de regras, um pacto coletivo do grupo social no qual se encontra inserido o ser humano, se tornando um fenômeno social, que possibilita a comunicação de experiências complexas. Além do mais, o ser humano interpreta o mundo, os pensamentos, através de sinais, de signos, numa síntese intelectual, que representam não o objeto em si, primeiro, mas o que representa para as pessoas que usam um certo signo. Estes signos podem ser ícones, índices ou símbolos, conforme Pierce (apud Santaella, 1983). Eles tem o significado e o significante, conforme de Saussure, idem. Por isso, o signo não existe isolado, e sim, num sistema de coisas vividas. Esta técnica de substituir o significado por um signo é uma técnica mental, *a coisa-na-mente*, que está no lugar de um outro objeto, que representa um outro.

A técnica de representar, os signos, a linguagem simbólica, uma coisa no lugar de outra, símbolos e palavras provocam o desenvolvimento de uma mente numa direção bem definida, de pensamento abstrato, que é pensamento do tipo humano, que precisa para comunicar as suas experiências complexas, isto é, precisa abstrair o pensamento e as idéias, criando, então, uma linguagem mais complexa. Para Pierce (idem, 1983) todas as relações humanas, como o modo de viver, de fazer as coisas, suas angústias e a representação no mundo, configuram-se no seu interior da medição inalienável da linguagem. Assim, o ser humano apreende o mundo pelas palavras, seus signos, símbolos e significados. Freud usa o símbolo no sentido de signo simbólico como Pierce, não como Saussure. O símbolo seria inconsciente e é sempre motivado, pulsionado.

#### **1.4 Meios de comunicação social e ideologia**

Um dos grandes impulsionadores de linguagem simbólica, de ideologias e agente da desconstrução da família na atualidade são os meios de comunicação social, através do controle de massas e de mercado econômico. Para tal, usam a exposição persuasiva de bens de consumo, numa ação crescente e coletiva quando motivaram um fenômeno inédito, um novo tipo de cultura - a cultura de massas - cujas características essenciais seriam a homogeneidade, a baixa qualidade, padronizando os gostos e preferências, hábitos, valores, idéias, interesses,

atitudes, e motivações, enfim, o comportamento do homem contemporâneo parece cada vez mais condicionado pelos meios de comunicação de massa: a imprensa, o rádio, a televisão, o cinema e a internet. Assim, um novo ritmo de música, vestidos curtos, calças estreitas, cabelos longos ou um novo modelo de carro conquistam, de repente, a preferência do mercado.

Desse modo, a massificação é condição necessária à sobrevivência, à existência das estruturas sócio-econômicas geradas pelo desenvolvimento capitalista. “Os meios de comunicação são meros instrumentos; não são geradores de estruturas, mas resultados delas, servidores delas”, diz Ávila (1982, p.78). E o objetivo principal dos meios de comunicação social é a propaganda de ideologias<sup>1</sup> através de produtos, para que sejam assimilados e incorporados, isto é, transformados em imprescindíveis para a consciência individual e social, sob o controle dos magnatas da produção e dos governos, representantes, em sua maioria, da elite dominante. As crianças e os jovens são alvos preferidos na criação de novas necessidades pela mídia. Incapazes de entender todo o significado da TV e o propósito da propaganda passam a desejar tudo que lhes é apresentado, crescendo assim hipersensíveis ao prazer, o que Lorenz (1974) denomina de *neofilia*: afinidade irresistível com tudo o que aparece como novidade resultante da doutrinação das massas (p.63 e 97).

A TV equivale a uma vitrine, não só pela gama de produtos de consumo que oferece, mas em especial enquanto meio de controle ideológico por parte de grupos econômicos e do próprio governo representativo da elite dominante. E, para manter a ideologia hegemônica, tudo que passa pela mídia é selecionado para referendá-la. Mesmo as informações científicas, já que poucos têm acesso às fontes primárias, são igualmente selecionadas, para serem contempladas e absorvidas. Em outras palavras, teorias científicas que referendam a ideologia ou que ratificam sua hegemonia são apresentadas pela mídia de forma exacerbada, sensacionalista e, às vezes, como verdades absolutas (= dogmas). Esse patrulhamento ideológico não é novo. Copérnico, Galileu e Freud, apenas para citar alguns, somente foram reconhecidos quando suas idéias puderam ser incorporadas na ideologia da época, isto porque o ser humano é preguiçoso para pensar e busca aquelas informações que são mais fáceis de assimilar, repugnando os outros e acompanhando a massa.

---

<sup>1</sup> Ideologia é o conjunto lógico e sistemático de idéias, valores e normas de conduta que indicam aos indivíduos o que e como fazer, pensar, agir, sentir e valorizar. Sua função é fornecer aos membros de uma sociedade uma justificativa para as diferenças ali existentes, sem nunca referir que essas diferenças são resultantes da divisão da sociedade em classes. É também a forma pela qual as idéias da classe dominante podem tornar-se ou parecer universais, naturais e verdadeiras para todas as classes. A origem da ideologia está na própria divisão da sociedade em classes contraditórias, a partir das divisões nas esferas de produção, Chauí 2002 (p. 82 -118).

Sempre que se liga a televisão, o espaço privado é invadido por uma série de programas de auditório, noticiários, reportagens, novelas e filmes. No geral, se escolhe o programa pressionando o botão do controle remoto, buscando o que agrada ou merece a atenção. Mas, ficam as propagandas que intercalam o programa escolhido. Suas imagens passam quase que despercebidas pela percepção, pela consciência, ou seja, não se costuma parar para prestar atenção ao seu conteúdo. Isto quer dizer que as imagens intencionais transmitidas pelos meios de comunicação são consumidas inocentemente pelo público, que não as vê como sistemas de valores, mas como fatos dados, um processo natural, conforme Barthes (1989).

As formas simbólicas de determinada propaganda são criadas para reforçar e estabelecer relações de dominação, de gênero, de classe, de raça, etc, ou excluem, e que na dimensão cultural, passam a carregar consigo relações ideológicas (Thomson, 1999). E, conforme Hall (1997) estereotipar faz parte da manutenção da ordem social e simbólica, estabelecendo uma fronteira entre o normal/desviante, entre normal/patológico, aceitável/naceitável, entre pertence/não pertence, ente nós/eles. Estereotipar reduz, essencializa, naturaliza e conserta as almeçadas diferenças, excluindo ou expelindo tudo aquilo que não se enquadra, tudo aquilo que é diferente.

No momento em que se atribuem estereótipos às pessoas, duas alternativas possíveis, que interagem, se conformar ou não se conformar à maioria, como explicam Levine e Pavelchak (1991, apud Moscovici, 2003) "existe conformidade quando um indivíduo modifica seu comportamento ou atitude a fim de harmonizá-los com o comportamento ou atitude de um grupo" (p. 43). Às vezes as pessoas tem consciência desta relação de dominação, mas não conquistaram o poder de reivindicar seus direitos para transformar tal situação. Conforme conceitos usados por Moscovici (2003), as pessoas ficam entre o *caráter nômico* (ativo) ou *anômico* (passivo). A presença ou ausência de uma posição definida, de um ponto de vista coerente, de uma norma própria, é que converte uma minoria em uma pessoa ativa ou passiva em suas relações sociais. Assim, "o primeiro sinal distintivo de uma minoria, autora de um processo de inovação, está relacionado com sua oposição consciente à norma da maioria e com sua adesão firme, com sua defesa de uma contra-norma que fazem dela um sócio ativo potencial nas relações sociais" (p. 79).

Para manter a ordem da dualidade excluídos/as-exclusores/as, discriminados/as-discriminadores/as, recursos ou meios são utilizados (consciente ou inconscientemente) pela maioria, tal como os meios de comunicação de massa através das propagandas. Este processo de exclusão é criado e se desenvolve dentro de contextos culturais historicamente construídos,

e que hoje se tornam centrais à compreensão de nossa cultura. A mediação da cultura moderna, para Thompson (1999), é o processo geral através do qual a transmissão das formas simbólicas se torna sempre mais mediada pelos aparatos técnicos e institucionais das indústrias da mídia: "Vivemos, hoje, em sociedades onde a produção e a recepção das formas simbólicas é sempre mais mediada por uma rede complexa, transnacional, de interesses institucionais" idem (p. 12).

A exclusão se processa não somente em termos do real, do concreto, mas do virtual, extrapolando o tempo e o espaço, aumentando o espectro em que a exclusão pode ser criada e reforçada, em um movimento sutil, mas muito produtivo: o sistema, através da mídia e de outros recursos, procura transformar *o diferente* (minorias) em *o igual* (maioria). Quanto mais pessoas agirem de forma massificada, mais se pode vender em uma sociedade de consumo. Alimentando o império da moda e da tecnologia que tem se apropriado muito bem dessa idéia, pois quanto mais padronizados os desejos em relação a determinado estilo de vestimenta ou tecnologia, maior será a venda, fato impescendível em uma sociedade capitalista, em uma sociedade modernizada, onde é muito mais fácil economicamente, produzir em grande escala peças para uma maioria, como jeans, acessórios, computadores, telefones, celulares, vestimentas, etc. Isto é, transformando os desejos das minorias nos mesmos desejos da maioria. O paradoxo disto é que se procura, dentro deste *modelo padronizado*, criar a ilusão de seres diferenciados, únicos. Não com o intuito de reforçar um senso de comunidade, mas para acentuar características de uma sociedade cada vez mais individualista, onde o comportamento de consumo é um dos mais incentivados.

Ao nível da realidade há nas propagandas inúmeros códigos que já fazem parte do cotidiano das pessoas, por exemplo, quando as outras pessoas fazem sentido pela sua aparência, de acordo com os códigos culturais. Isto é, o que passa por realidade em qualquer cultura é o produto desses códigos culturais. Ao nível da representação, precisa-se entender a relação entre significante, significado e signo. A semiótica (conforme Saussure e Barthes, apud Barthes, 1989), nos apresenta conceitos e princípios importantes que ajudam na compreensão de formas simbólicas como os de significante, significado e signo. Simplificando, o significante é som-imagem, é a forma de alguma coisa; e o significado é o sentido que é gerado a partir do significante. O signo é uma combinação de um significado com o som-imagem. Ele designa o todo (mensagem); é a combinação do significado com o significante. Como na propaganda da calça jeans (significante), que produz um significado (moderno, status, felicidade, versátil, universal), e a combinação destes dois produz o signo, ou seja a mensagem: para ser igual à maioria, basta vestir o jeans de tal da propaganda. A

relação entre o significante e o significado é arbitrária, quer dizer que os significados precisam ser aprendidos. De alguma forma, o que está implícito é que existem certas associações estruturadas, ou códigos, que nos ajudam a interpretar os signos (Berger, 1991).

Esses códigos, de acordo com o autor, são padrões altamente complexos de associações que aprendemos em uma determinada sociedade e cultura. São *estruturas secretas* na mente que afetam o modo de interpretar os signos. Assim, para Fisker (1990) os códigos televisivos baseiam-se em três níveis que se entrecruzam: (a) realidade (aparência, vestimenta, comportamento, discurso, etc.); (b) representação (como o uso da câmera), luz, música, narrativa, ação, conflito, etc.); e (c) ideologia (relações assimétricas já sedimentadas ou não, como patriarcado, diferenças de raça, classe e gênero).

Deste modo, ao comprar uma calça jeans, não se está simplesmente comprando uma roupa, mas sim, algo que faz estar na moda, faz com que não mais se sinta diferente da maioria e, não sendo diferente, não será excluído/a, discriminado/a. As pessoas compram os produtos *certos* esperando que esses produtos signifiquem certo status social, estilo de vida, etc. (Berger, 1991). Ou a escolha dos nomes dos produtos pode indicar a ideologia subjacente. Como por exemplo, a escolha do número, do nome, "21", vinte e um, que sugere o novo século que está começando, as esperanças se renovam, sugere também transpor inúmeras barreiras, como a tecnológica, por exemplo, e, na propaganda, sugere também atenuar a saudade, aproximar pessoas, mudança de relação. Criando a ilusão de que todos são iguais. E, quem sabe, no decorrer do século 21 os bens de consumo, no momento ainda privilégio da maioria, poderão ser acessíveis também às minorias. Ou, por exemplo, o idioma inglês escolhido empresta também um caráter sofisticado à propaganda. Hoje em dia, falar inglês é um código representativo de quem tem educação e tem dinheiro para investir em cursos de idioma e em viagens internacionais, de pertencer à uma camada social mais privilegiada e mais culta, um estatus que tinha o latim no passado.

A fala também revela o tipo de relação estabelecida entre os personagens. São os personagens negros que perguntam, e os brancos que respondem. Não tem sido assim há séculos? São eles que têm mais acesso às escolas e universidades; são eles que decidem e mandam. O chefe é branco, o empregado é negro. Ao que tudo indica, às minorias resta fazer, obedecer, e quando muito perguntar. As propagandas perpetuam uma imagem negativa dos grupos minoritários, criando esteriótipos e preconceções sociais.

As contradições da nossa sociedade consumista também estão presentes na propaganda, pois ao mesmo tempo em que se quer que todos tenham acesso aos produtos, não se dá condições para que a minoria adquira o que é veiculado. Há uma produção capitalista de

desejos; produção maquiavélica e sórdida. Algumas propagandas, salienta Sodré (1999), reforçam o problema das desigualdades sociais, da autodiscriminação por parte das minorias, devido à internalização de imagens negativas sobre si mesmas, pois se trata de processos inconscientes de autodesvalorização. Se as imagens veiculadas das minorias são discriminatórias, como poderão as minorias gostar e valorizar a si mesmas. Ou como poderão mudar do caráter anônimo para nômico? As alternativas são escassas, já que a mídia continua apontando como solução que as minorias desfavorecidas economicamente peçam favores (aos políticos) ou consumam bens que custem quase a metade de um salário mínimo (tênis, por exemplo).

Ávila (1982) menciona o fato de haver a participação estrangeira, principalmente americana (p. 32) (p.100 Globo/Time Life) e os interesses econômicos entrelaçados com o manejo da televisão brasileira, com o objetivo de acumular bens, sendo uma forma de colonialismo pela imagem e pelo som. E tudo envolvendo uma ideologia que controla e manipula a todos. Assim, toda a prática colonialista da invasão e da exploração pela violência foi substituída pela propaganda e publicidade. Sentidos pela forma visível nas tentativas de copiar um modelo de desenvolvimento do norte apresentado pela mídia e que não é adequado para os países menos desenvolvidos, cada um tem a sua história. E, nesse emaranhado dos níveis: real, representacional e ideológico, as relações de dominação vão sendo criadas e reforçadas. As propagandas em questão são, então, mais uma das formas simbólicas que estão a serviço do poder.

Véron (apud Heck, 1996) define, “a ideologia não é um tipo especial de mensagem, ou uma classe social de discursos, mas é um dos muitos níveis de organização das mensagens, do ponto de vista de suas propriedades semânticas. [...] um sistema de regras semânticas que expressam certo nível de organização das mensagens”, onde “o que é dito que tem um significado, mas também o modo como é dito, e o que é não dito, mas poderia ser dito. As significações em uma mensagem são estabelecidas pelos significados de um código [o “que” e o “como” dos significados] e é esse código que permite que a mensagem seja organizada [...]”. Ideologia é, conseqüentemente, [...] um nível de significação, o qual pode estar presente em qualquer tipo de mensagem, mesmo no discurso científico. Qualquer material de comunicação social é suscetível de uma leitura ideológica” idem (p. 123-124).

É impossível estar totalmente fora do alcance da ideologia. Esta é como se fosse um rio do qual dependemos para a sobrevivência. Mas é preciso estar vigilante e ser mais participativo, para não ser manipulado, deixando de ser um ser apenas estatístico, para ser um ser pensante, pois as práticas veiculadas nos meios de comunicação de massa, como num

processo quase mágico, veiculam de forma veloz e sutil as suas mensagens - formas simbólicas -, dos tipos mais diversos, passam a interagir com as diversas culturas, criando representações e transformando relações, numa troca de significados entre os membros de uma sociedade ou de um grupo.

Em um mundo onde a globalização tem sido cada vez mais imposta às pessoas - seja através de propagandas ou de qualquer outro meio - precisamos parar, pensar e refletir se o que realmente se quer é uma população de andróides, ou se queremos que as culturas (e sub-culturas) sobrevivam. A tentativa de padronizar vestimentas, tecnologias, modo de viver, de pensar e agir não é somente discriminação ou exclusão; é reforçar uma moral estética e esquecer da ética na produção de formas simbólicas. O intuito é obter grandes vendas e lucro, assassinando culturas, massificando, globalizando cada vez mais, as pessoas.

## **1.5 Globalização**

Diante do colocado no texto sobre meios de comunicação social e ideologia temos a globalização que pelo que vimos é apenas um novo nome para uma prática antiga de dominação e de controle, que em épocas mais remotas tal prática já foi denominada, entre outros, de imperialismo e de colonialismo. Alguns a louvam e outros a criticam, mas o fato é que ela desencadeou uma mudança de tempo e de espaço junto as populações, um abalo nos compromissos sociais, nos quais estavam baseados os três pilares de uma ordem sensível e dependentes entre si, o econômico, o social e o político. Observa-se que aquelas instituições organizadas a nível nacional, como sindicatos, associações, sociedades e parlamentos, etc., não têm mais nenhuma influência sobre as grandes mudanças, as quais elas também se encontram submetidas. Os países do assim chamado terceiro mundo ou os países emergentes não são mais os únicos que tem a economia informal, pois uma gama de contatos comerciais ficam aquém do controle oficial e não estão nenhum pouco preocupado com o todo, e acabam correndo qualquer tentativa de organizar o comércio internacional. Assim, economia e transações financeiras determinam o ritmo das cidades, das regiões e do Estado, num processo de capitalismo a moda dos cassinos, ameaçando a democracia.

A grande dificuldade de acompanhamento desta situação é que não se têm regras básicas que possam servir de orientação nem aos países menos favorecidos, pois todos tentam colocar os seus ideais políticos e comerciais individualistas, como os melhores e mais eficientes, tornando mais confuso ainda o quadro internacional. Observa-se a tentativa de unir-se com outros, seja a nível étnico, lingüístico ou religioso (seitas, fundamentalismos),

fatores culturais, como visão de mundo e instituições, para fazer frente a esta invasão. Por outro, se observa os movimentos migratórios que aumentam o fenômeno multicultural e diversificado e que não ajudam na unificação através das lutas e das idéias para uma nação soberana e segura para a sua população. Desta forma os acordos internacionais são as amarras que ainda mantêm a ordem e um certo respeito mútuo, onde não se busca só a coexistência, mas a sobrevivência de cada um.

A tentativa de dominação e a busca pela sobrevivência individualista passa, portanto, pela globalização, que usa a mídia globalizada, para uniformizar condutas, espalhar idéias, padrões de comportamento, de valores, de beleza, de arte, etc., exercendo o extermínio de diferenças culturais e econômicas, e determinando formas de viver e de adoecer, espalhando estes valores para os mais distintos pontos do planeta. E, como o tempo na mídia custa muito dinheiro, é pela comercialização do tempo que a mídia se sustenta economicamente, o que faz com que selecione as idéias, os modismos, que estão de acordo com o universo pensante daqueles que a mantêm economicamente, os seus patrocinadores.

Para os financiadores e controladores da mídia também internacional, para os magnatas da produção em massa e para os governos, o indivíduo é visto apenas como consumidor, um sujeito estatístico, um número, uma amostra qualquer da massa humana globalizada. E o que caracteriza a massa é o ajuntamento condicionado e manipulado que mortifica a individualidade. E, no sentido ideológico do termo, esse sujeito é ignorado como ser pensante e portador de intenções e de sentimentos próprios.

Os efeitos nefastos da globalização são sentidos em todo o mundo, e nos países onde a riqueza não é distribuída de forma mais justa, com maior intensidade, mais violência, gerando exclusão de fato. Mesmo que em outras épocas também havia exclusão, marginalização, mas havia mecanismos, formas de estruturação da sociedade, que incluíam de outra forma os excluídos, quando podiam trabalhar como empregados nas terras ou como mão de obra servil. Mas com a tecnolização a exclusão é real, não há alternativa que ofereça dignidade humana. E conforme Sampaio (1999) a exclusão hoje, não seria apenas uma palavra, mas uma categoria, diferente da idéia de exploração ou marginalização. Pois, para os excluídos nem se prevê exploração, por que estão fora do sistema capitalista.

A competitividade entre os semelhantes, na exploração requintada, requer que cada organismo esteja sempre em estado de alerta, o que exige uma hiperfunção do sistema nervoso e hormonal, provocando com o tempo alterações no organismo. Daí surgem doenças típicas de nossa época, inclusive em organismos jovens, tais como: infarto do músculo cardíaco, úlcera do estômago, obesidade, pânico, ansiedade, angústia, depressão, etc.

Observa-se que, quanto mais primitiva é a exploração do capital, por exemplo, no campo, nos lugares menos desenvolvidos tecnologicamente ou abandonados, mais atingido são as funções biológicas mais simples, surgindo doenças orgânicas, desnutrição, etc. E, quanto mais sofisticada, nos países mais desenvolvidos tecnologicamente, industrializados, mais atingida são as funções evoluídas da pessoa, ou seja, as de vida de relação, a alma.

A globalização, dessa maneira, tem alimentado o poder econômico em detrimento do ser humano e do meio ambiente, acentuando a produção de doenças e conseqüentemente aumentando a necessidade e a produção de remédios, o que Capra (1982) resume:

(...) os perigos à saúde criados pelo sistema econômico são causados não só pelo processo de produção, mas pelo consumo de muitos artigos que são produzidos e promovidos por campanhas maciças de publicidade para alimentar a expansão econômica. (...) A publicidade farmacêutica é especificamente planejada para induzir os médicos a receitar cada vez mais. É natural, portanto, que esses produtos sejam descritos como solução ideal para uma grande variedade de problemas cotidianos. Situações de vida causadoras de estresse, com origens físicas, psicológicas ou sociais, são apresentadas como doenças suscetíveis de tratamento medicamentosos. Assim, os tranqüilizantes são anunciados como remédios para a *depressão ambiental*, ou *desajustamento* e outros remédios são sugeridos como meios convenientes para *apaziguar* pacientes idosos ou crianças rebeldes em idade escolar, idem (p. 240-243).

## 1.6 O homem-máquina

Para vivermos tal infortúnio que nos é imposto pelo mundo globalizado, em cuja concepção o ser humano é incluído igualado a um homem máquina, diz Capra (1982). O domínio do homem-máquina é sentido especialmente na busca pela satisfação de seus interesses. Parece que é melhor nada saber sobre o seu interior, sobre o seu eu, separando mente e corpo, diz o autor, do que ser perseguido pelas sombras da lembrança e do desejo. O modelo dominante da economia liberal limita as liberdades individuais, e ao mesmo tempo passa a percepção de que as está ampliando, quando transforma o sujeito em unidade biológica, do qual exige produtividade e rendimentos. O ser humano moderno da economia liberal deve se apresentar liso e sem conflitos, comparado com um computador, ele não deve apresentar comportamentos que demonstrem fraquezas humanas. E, quando adocece, significa que os mecanismos biológicos não funcionam.

Estas exigências deixam o sujeito confuso, não consegue administrar este tipo de exigência, de rendimento a qualquer custo, deste imperativo, é impossível, levando-o diante da escolha, em se tornar depressivo, já que precisa oprimir, recalcar os seus medos, diariamente, ou se tornar vítima, já que precisa buscar fora de si as causas de sua desgraça, de sua agressividade. Parecendo mais um sujeito, um animal domesticado, que foi convencido

que o seu mal estar, as causas de sua doença estão em seus gens ou seus neurônios, e acaba se entregando à um mundo imaginário: a influência dos espíritos, das estrelas, ou aos complôs dos ricos, dos maus, dos corruptos, etc. Culpando os outros, em geral, pela sua desgraça, pelo seu sofrimento. Ou ainda tentando várias psicoterapias, oferecidas no mercado, às quais delega a tarefa de recuperar o seu eu narcísico, cujas teorias não incluem o inconsciente.

A relação homem/máquina, típica de nossa era tecnológica, tem conduzido o homem a uma imagem distorcida, de ser ele próprio uma máquina. E, *funcionando* como máquina, sua subjetividade, suas questões mais íntimas e, suas crises intransferíveis foram ideologicamente ignoradas (Carmo, 1974).

## 1.7 Consumismo

Como vimos na globalização, o consumismo faz parte do mundo interligado e dominado economicamente pelo mundo capitalista. O consumismo tem sido colocado como forma absoluta de valor de vida em sociedade, propiciando relacionamentos em que a afetividade é substituída por mera troca de objetos. Esse aprendizado do *outro-coisificado* é capaz de embotar, principalmente no jovem em formação, a busca em seu íntimo de respostas mais positivas para o conceito de si mesmo e de um posicionamento social mais construtivo e participativo. Sendo esta busca dolorosa, as drogas podem aparecer como uma *solução mágica* para o problema, o impasse.

A TV, como já mencionamos, equivale a uma vitrine, não só pela gama de produtos de consumo que oferece, mas em especial enquanto meio de controle ideológico por parte de grupos econômicos e do próprio governo representativo da elite dominante. Os pais, fazendo inadvertidamente o jogo dessa ideologia, percebem-se como bons ou amorosos com seus filhos ao procurar dar-lhes tudo materialmente. As pessoas de poucos recursos financeiros, evidentemente, igualmente são solicitadas a consumir. E não podendo fazê-lo, embora estimuladas pelo jogo ideológico, sentem-se falidas ou desvalorizadas, tanto no que se refere à sua capacidade de consumo quanto ao desejo de possuir. Nesses casos, qualquer objeto que sugira ou dê um mínimo de prazer, ou aparente felicidade, é visto como indispensável.

As crianças e os jovens são os alvos preferidos na criação de novas necessidades pela mídia. Incapazes de entender o significado e o propósito das propagandas, passam a desejar tudo o que lhes é apresentado, crescendo assim hipersensíveis ao prazer. Repetindo o que Lorenz (1974) disse sobre neofilia, a “afinidade irresistível com tudo o que aparece como novidade resultante da doutrinação das massas” (p. 63), que seria a patologia social do tempo

atual. Nem é preciso detalhar a sensação quando se entra em um hipermercado, e se é condicionado a tornar-nos dependente, ou seja, adicto a um considerável número de produtos, o que leva ao surgimento de pessoas dependentes de roupas, livros, sapatos, aparelhos eletrônicos, comida, bebida, importados, etc. Mas a rigor, segundo os desejos e as escolhas dos magnatas da produção.

Vivemos em uma sociedade em que o valor prioritário é ter posse de coisas, objetos e pessoas. O indivíduo é classificado pela marca de sua roupa, pelo cargo que ocupa, o carro que possui, o tipo de trabalho que desempenha ou a quantidade de pessoas as quais dirige. Ter é ser, e tornou-se o valor da sociedade de consumo, e os objetos têm um valor maior do que o humano. O homem é valorizado pelo que possui e, por isso, corre o risco de, nessa sedução, transformar-se em um *ser-coisificado*, isto é, para se identificar e ser aceito no seu meio social, ele precisa, cada vez mais, ter. Nisso tudo, contam mesmo as aparências. Caso não possa ter, há o risco até de querer tirar de quem tem. Isso acaba ocorrendo com pessoas de todas as classes sociais, solitárias e desejosas, e apegadas a objetos como forma de esconder suas crises, vivendo em alienação, na solidão. Em seu mundo interno, estão distantes de si mesmas e, quanto ao mundo externo, ausentes de sua realidade social.

O contexto social consumista, no qual a aparência coloca-se, pela ideologia, como mais fundamental que a essência; e que leva a pessoa a acreditar em *soluções* sempre no exterior de si mesma, nos objetos, faz sentir-se vazia. Pois, estar em crise ou sentir angústia é proibido no mundo coisificado, e a ideologia do consumo inculca a confusa idéia de que estar bem de vida, equivale a ter. Ainda mais, quando os eixos produção, criações de novas necessidades pela mídia e consumo são absorvidos na sociedade como valores absolutos, eles estão longe de atender a aspirações mais humanas. É como ser coisificado e as relações de afeto serem substituídas por mera troca de objetos ou ganhos, e o relacionamento entre pessoas acaba materializado. Como resultado, emergem duas condições de vida em sociedade: a superproteção e o abandono. Na primeira está presente a riqueza material; na segunda, a pobreza e a exclusão. Mas em qualquer um desses extremos, o indivíduo pode estar mergulhado na miséria humana, manifestada em duas intenções básicas do consumismo doentio: a gula e a inveja. Ambas retroalimentando o universo ideológico do consumir e do competir.

Nessa sociedade que privilegia o ter, e transforma a pessoa em simples instrumento, que prega ideais de bem viver, mas na prática tem o consumo e o acúmulo de objetos como reais *valores*, controlando pela mídia, as maneiras de pensar, sentir e agir dos indivíduos. O jovem, em geral entre a puberdade e a adolescência, se vê frente a um vazio interior, na busca

do conceito de si mesmo e a sua identidade psicossocial, vive o sintoma de uma forma social de viver sem sentido. Ao perceber esse vazio, tende a preenchê-lo com coisas materiais, com o que sempre foi condicionado a fazer: consumir. Incapaz de trabalhar seus problemas e crises íntimas, busca por *soluções*, neste mundo das exterioridades, das aparências. Nessa procura pelo sentido das coisas, pode ir ao encontro, entre tantas opções do ter que lhe são oferecidos, algo que lhe causa um maior prazer, que são as drogas, legais e ilegais, que acenam como *solução mágica*, momentânea, para a vida continuar *sem, ou com menos, problemas*. Por outro lado, quando o jovem cai na escravidão das drogas, ele é colocado à margem das relações pessoais dentro desta sociedade de aparências e sem profundidade, e também do processo social como um todo.

A sociedade competitiva, consumista e opressora, em que as relações entre as pessoas ideologicamente determinadas pelos objetos que cada um possui, transforma o homem em objeto, em sujeito estatístico. Dessa forma o semelhante passa a ser visto como lucro em vista, pois se é alguém que não produz e não consome ou favorece o lucro é descartado tal como a maioria dos objetos, o que caracteriza a *sociedade descartável*. Assim, estar *na onda*, é estar fazendo do semelhante, dos ditos amigos, dos valores e da vida, o que os meios de comunicação social determinam a partir do controle econômico, o mesmo que com os objetos, descartar.

Assim, como consumidor alienado e compulsivo, diz Zago (1998), a pessoa busca nos objetos (aparência) uma maneira de manter na superficialidade a vida interior carente ou de pouco significado, também “o dependente busca na droga uma forma de evitar pensar em suas crises e problemas, os quais seriam, se trabalhados, possibilidades de vida nova, novos passos e projetos. [...] Quando não se consegue encontrar um sentido para a existência, pensar ou estar consigo mesmo representa um processo doloroso” idem (p. 68). Pois o dependente não adocece por ter começado a tomar drogas, mas por já estar adoecido existencialmente, faz das drogas uma tentativa de *solução* ou *cura* de suas feridas íntimas.

E para tal, há para alguns o uso das drogas como uma alternativa de anestesiar esse sofrimento e bloquear a possibilidade de sentir dor emocional, e, assim, o dependente torna-se emocionalmente insensível com o uso das drogas, arruinando-se a si mesmo e a seus projetos pessoais. As conseqüências envolvem também o próprio corpo desse usuário, materializando-se nos acidentes e no colocar em risco a vida, em tentativas conscientes ou veladas de suicídios parciais ou totais, por exemplo, com uma overdose ou, levando uma vida promíscua, arriscando-se a contrair uma doença grave, como a Aids, por exemplo, idem (p. 68).

Para transformar o projeto suicida em projeto de vida, é condição fundamental a pessoa estar sinceramente disposta a trabalhar-se, trabalhar o seu interior, buscando respostas novas e construtivas aos problemas e crises de existência. Essa disponibilidade é o *fermento na massa* para o crescimento pessoal e social, diz Heuscher (1987, p. 21-22). Conforme constrói seu projeto de vida, a pessoa vai exercendo sua intersubjetividade de forma mais genuína e em direção ao semelhante, agregando-se ao tecido social saudável e forte. E poderá perceber que a tarefa de existir é trabalhar construtivamente o provisório. Existir é um trabalho sempre por fazer. Zago (1994) aponta ainda para as emoções que envolvem o sujeito no seu existir:

A dor, a necessidade, a paixão, o sofrimento dos homens são realidades brutas que não podem ser superadas pelo saber... [...] Há, entre nós, psiquiatras e psicólogos que consideram certas evoluções de nossa vida íntima como o resultado de um trabalho que ela exerce sobre si mesma; neste sentido a existência kierkegaardiana é o trabalho de nossa vida interior — resistências vencidas e sempre renascentes, esforços sempre renovados, desesperos superados, malogros provisórios e vitórias precárias — enquanto este trabalho se opõe diretamente ao conhecimento intelectual. [...] não são as idéias que modificam os homens, não basta conhecer uma paixão pela sua causa para suprimi-la, é preciso vivê-la, opor-lhe outras paixões, combatê-la com tenacidade, enfim, trabalhar-se (p. 155-156).

Com o mesmo enfoque, Heuscher (1987) destaca a questão da autenticidade como condição para construir um relacionamento social saudável, dizendo que Kierkegaard (apud Heuscher, 1987) enfatizava que somente individualidades genuínas podem proporcionar relacionamentos sociais fortes e saudáveis. “Isso significa que cada eu, embora comprometido com o Outro”, permanece autônomo, relacionamento que “a moderna fenomenologia descreve, sem metáforas religiosas, de relacionamentos intersubjetivos”, ocorrendo no domínio transcendental (p. 21-23).

Diante desta demanda para o sujeito, de ser forte, de ter que se trabalhar, ou como Freud disse, perlaborar (*verarbeiten*) as questões afetivas, surge a mídia, que em regra, acaba colocando em risco o sujeito, a sociedade e a população como um todo, pois ao tratar os assuntos nocivos à convivência sadia numa sociedade, divulga de maneira sensacionalista as questões nocivas, como os labirintos do tráfico, as festas regadas pelas drogas – entorpecentes, tabaco, álcool e medicamentos - a produção de drogas, crianças de rua fumando crack ou o enriquecimento material dos que produzem e traficam drogas ou notícias sobre moda e o seu mundo, sobre magreza e os diversos tipos de regime, sobre os ricos e famosos, sobre os que tem mais valia e sobre os excluídos. Parece que, em sua forma de abordar o assunto, a mídia acaba inconscientemente fazendo a propaganda positiva por excelência dessas drogas, desses valores negativos. Assim, para muitos, hoje em dia, a vida em sociedade significa conviver

cotidianamente com a experiência do sub-humano, da superficialidade. Para outros, o cotidiano é um viver por viver (Freire, 1979, p. 26 e 81), levando ao isolamento, e sem forças para enfrentar a pressão social imposta pelas pessoas do convívio, influenciadas e convencidas do mundo das aparências, do ter, caem num vazio.

### **1.8 Contemporaneidade e subjetividade**

Diante dos fatos colocados nos ítems anteriores ainda temos a contemporaneidade, onde os desdobramentos que a sociedade vem sofrendo nos últimos anos, são fonte de reflexão para que se possa tornar compreensível as novas formas de subjetivação que vem se destacando na atualidade. Segundo Birman (2000), a atualidade é caracterizada pela exaltação gloriosa do eu. O cuidado excessivo com o próprio eu se transforma assim em objeto para a admiração do sujeito e dos outros, de tal forma que o sujeito busca realizar polimentos intermináveis para alcançar o brilho social. Sobre esta exaltação do eu na atualidade escreve o autor:

Examinado o campo social da atualidade, pode-se constatar, sem muita dificuldade, que o autocentramento do sujeito atingiu limiares impressionantes e espetaculares, se o compararmos com momentos anteriores da história do Ocidente quando se instituiu e se reproduziu a visão individualista de mundo. Partindo do pressuposto desta, o individualismo, como autocentramento absoluto do sujeito, atingiu seu cume e limiares até então impensáveis, idem (p. 166).

Nesse contexto de exaltação do eu, Birman (2000) afirma que a mídia exerce um papel fundamental para a determinação dos padrões aos quais o sujeito irá se respaldar para o polimento de si-mesmo. Os ideais da imagem seria, o correspondente essencial da estetização do eu. Nesse contexto, o sujeito vale pelo que parece ser, respaldado pelas imagens produzidas para se apresentar na cena social.

Além disso, o autocentramento se evidencia no registro sexual, na forma pela qual o indivíduo realiza a predação do corpo do Outro. Constitui-se, dessa forma, a manipulação do Outro como técnica de existência para a individualidade, maneira privilegiada para a exaltação de si-mesmo, e este superinvestimento leva, conseqüentemente, os afetos a um segundo plano para o sujeito, de modo que a tomada do Outro como objeto de predação e prazer, se tornariam os meios pelos quais se enalteceria e glorificaria o próprio eu do sujeito.

Partindo do pressuposto que essa nova forma de subjetivação descrita nas linhas acima seja predominante nos dias de hoje, pode-se inferir que se trata de uma forma perversa de existência. Segundo o autor, seria uma modalidade de fora-de-si, pois se trata de exterioridade

por excelência. Com efeito, o que caracteriza o autocentrimento da subjetividade é justamente o excesso de exterioridade. Assim sendo, a emergência dos universos do inconsciente e da fragmentação pulsional são aniquilados e expurgados da cultura atual, pois pressupõem a ruptura do sujeito com o eixo narcísico do eu. O sujeito fora-de-si seria, pois, a figuração original que a pós-modernidade estaria em vias de constituir, em que as formas perversas de gozar realizam o projeto legítimo da subjetividade. Assim, a manipulação do outro seria uma forma de existência para a individualidade, modo pelo qual proporcionaria a exaltação do eu. No que se refere ao atual estado do sujeito fora-de-si, segundo o autor:

O estado de ser fora-de-si perde o lugar de maldito, pois, como autocentrimento, passa ser valorizado socialmente e, portanto, legitimado. O sujeito fora-de-si passa a ser bendito e não mais amaldiçoado. Os excessos na interiorização, no estado de ser dentro-de-si, é que passam a ser então considerados negativos para o sujeito (p. 172).

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Birman, Fernandes (2005), caracteriza a atualidade pela sua ênfase na exterioridade, com o predomínio das patologias da ação e do corpo. De acordo com a autora, as problemáticas internas vêm se deslocando progressivamente para o corpo, ou seja, para o exterior. A ênfase na corporalidade parece sugerir que a plataforma dos conflitos migra para o exterior do sujeito. O corpo nesse sentido, tomaria a frente da cena, constituindo-se como fonte de sofrimento, de frustração e de insatisfação, e de veículo ou meio da satisfação pulsional, ou meio de expressão da dor e do sofrimento. Um sofrimento que parece encontrar dificuldade para se expressar em âmbito psíquico.

Diante desse novo panorama, o sujeito perde em interioridade e ganha em exterioridade. O sujeito se tornaria uma máscara para a exterioridade, para a exibição e para a captura do outro. Tudo isso, de acordo com Birman (2000), teria conseqüências fundamentais para a construção do discurso da psicopatologia na atualidade, no sentido que o sujeito dentro-de-si, demarcando a noção de interioridade, não define mais o ser do sujeito de maneira absoluta, rompendo uma longa tradição iniciada no século XVI.

Nesse sentido, segundo o mesmo autor, na cultura da exaltação exacerbada do eu, não existe mais lugar para os deprimidos, os *panicados* e aqueles que não seguem o padrão de estética vigente, pois seriam, por sua vez, *execrados*, lançados no limbo da cena social, já que representam a impossibilidade de serem cidadãos da sociedade do espetáculo. Tais indivíduos não conseguiram realizar a tão esperada exaltação de si mesmo e, por conseguinte, se tornariam marginalizadas e depreciadas pelos demais.

## 2 A FAMÍLIA

Já os antigos gregos no século VI e V a.C. se ocupavam com o papel da família, o *oikos*, como célula base da sociedade, da *polis*, uma vez que toda sociedade se compõe, principalmente, de famílias. Já na época se discutia questões como valores da família e como concretizá-los, casamento, traição no casamento, divórcio, feminilidade e procriação, filhos e masculinidade, todos eram temas das trilogias. A família era a estrutura mais importante de transmissão de valores, mas hierarquicamente sob a dominação patriarcal. Para eles era importante separar o interno do externo, o familiar do público. Assim, um *oikos* forte era uma *polis* forte, trazendo a estabilidade democrática. Aristóteles coloca a família como primeira, antes da *polis*, como fundamento desta.

Levy-Strauss (1971, apud Roudinesco, 2003) cita que a família é encontrada em todas as sociedades humanas, é uma genuína criação humana, e estão organizadas dentro de duas grandes ordens, do biológico (diferença sexual) e do simbólico (proibição do incesto e outros interditos). Até fins da Idade Média a família era entendida em seu sentido mais extensivo, mais amplo, uma casa, um grupo que incluía outros parentes, alguns amigos e criados. No entanto, a família nuclear, tal como hoje a concebemos (pai, mãe, filhos) se impõe entre os séculos XVI e XVIII.

Ao longo do século XIX e no início do séc. XX, a *família econômica* que era autocrata, onde o pai era mais real que simbólico, era desprovido de atributos, foi desmoronando juntamente com a autoridade paterna. Este *pater familias* da coletividade industrial assimilou “vida privada e trabalho, família biológica e família econômica, para melhor garantir seu poder“, diz Roudinesco (2003, p. 37). Esta família burguesa decadente foi muitas vezes rompida, dividida e fragmentada, foi revalorizada, mas por fim enfraquecendo, num declínio da autoridade paterna e da escalada do poder das mulheres, o que passou a ser criticado, o reino das mulheres, como um futuro caos e desordem.

A decadência do patriarcado, a falência do poder paterno (Freud), causou na Europa um grande temor do feminino, antevia-se uma emasculação e uma feminização da sociedade, “a influência do feminino ameaçava então a cabeça do rei, a alma do monarca, a soberania do reino” idem (p. 33). Para interferir produziu-se uma ideologia que satanizava a mulher, vista como fonte do caos e da destruição social.

Passou-se a separar o feminino do materno, a discriminar sexo (biológico) e gênero (costumes sociais), e separar agressor e vítima. Evidenciando, algo antes totalmente reprimido, que era a questão da sexualidade feminina, afastando-se sempre mais da ordem procriadora,

antiga base da família, fazendo surgir novas formas de *parentalidade* antes impensáveis. E com o aparecimento das novas conquistas da tecno-ciência médica e reconhecimentos pela lei, e direitos sendo alcançados, como do ensino superior ou como mais recentemente, a Lei Maria da Penha de 2004, instrumento para inibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, incluindo qualquer agressor, heterossexual ou homossexual, desde que haja vínculos afetivos, foi-se diluindo, concomitantemente, o poder paterno, a figura paterna.

Em meados do século XX registra-se três mudanças importantes em andamento, (1) a revolução da afetividade, onde o casamento acontece por amor e não mais por imposição dos pais, e a observância da diferença do sexo masculino e do feminino, (2) o lugar especial sendo atribuído ao filho/a filha, que era visto como herdeiro e investimento futuro, surgindo mais forte a maternidade, e a criança deveria ser amada e educada, (3) espaço crescente para o planejamento familiar com práticas contraceptivas, separando gravidez de prazer, e que o amor e a paixão também fazem parte do casamento. Mas a libido deveria ser dominada e sublimada em trabalho árduo e para os ensinamentos e aprendizagens, o aleitamento materno foi incentivado, renunciando-se para o bem da criança das amas-de-leite, e o interdito aos homens de relacionamentos fora do casamento, que constava nos Estados Unidos até 2002 do programa de governo (Roudinesco, 2003).

A progressiva desconstrução do conceito de família decorrente, também dos avanços tecno-científicos tornaram possíveis mudanças antes impensáveis como a reprodução humana, os métodos anticoncepcionais, a prática do aborto, o controle de natalidade, a inseminação artificial, a inseminação *in vitro*, a doação de esperma ou de óvulos, as *barrigas de aluguel* e os testes de DNA, e não por último, a clonagem, isto é, da reprodução à banalização. Levantando inúmeros problemas éticos, políticos, jurídicos, e, principalmente, de ordem subjetiva, através da liberalização dos costumes, da perda da autoridade do pai e da precariedade própria da economia moderna, tirando orientação e controle.

Essas técnicas provocaram uma revolução no próprio conceito de família, antes família significava ainda a união, reconhecida e apoiada pela sociedade, entre um homem e uma mulher com fins de criar e manter os filhos. Antes considerada célula-base na sociedade moderna, a família parece cada vez menos capaz de transmitir os valores que por tanto tempo consolidou. E, efetivamente, com os novos direitos decorrentes da luta feminista, as mulheres passaram a exercer um poder e uma presença muito mais forte na sociedade e na família. E assim, separada da procriação, multiplicada pela ciência, desculpalizada pela psicanálise e mesmo exaltada pela mídia, a sexualidade tornou-se assunto obrigatório. O Sexo deixa de ser sinônimo de filhos, e as relações conjugais não repousam mais sobre idéias como fidelidade,

duração e maternidade. Cortando, assim, todos os laços com os costumes anteriores, restando pouco desta antiga família patriarcal, imutável, autoritária (Roudinesco (2003).

Cuja consequência “teve como valorizar as considerações simbólicas – regras da aliança, da filiação [...] substituindo o núcleo paterno ou materno, deixando de ser do divino ou do Estado“ (p. 20). Este estado de coisas confusas e de mudança bruscas está deixando o sujeito debilitado, um eu descentrado e individualizado, e a família desacralizada. “À família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje”, [...] “feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas“ idem (p. 21).

## 2.1 Transformações sociais

A família passou, nos últimos séculos, por mais três fases evolutivas principais enumera Roudinesco (2003): a primeira, a *tradicional*, que assegurava a transmissão do patrimônio, os casamentos eram arranjados e regida pelo poder do pai numa transposição direta do direito divino dos reis para o modelo família e era reconhecido publicamente no regime da monarquia; a segunda fase, a *moderna*, regida por uma lógica afetiva, romântica, foi “lugar de experiências subjetivas na época“ (p. 20), onde o casal se escolhia sem a interferência dos pais, procurando uma satisfação amorosa e sentimental, mas o poder e o direito sobre os filhos era dividido entre os pais e o Estado e/ou entre pais e mães, prevalecendo a vontade do pai. Esse modelo familiar desmorona definitivamente no final do Século XIX, surgindo a terceira fase, a *contemporânea ou pós-moderna*, na qual a transmissão da autoridade é mais complexa em função das rupturas, separações e divórcios, composições novas e recomposições que a família anda sofrendo, idem (p. 19).

Para confundir ainda mais a busca por recomposição do sujeito, surgem, na recente atualidade, pares homossexuais pleitando o direito a adoção ou mesmo a paternidade ou /maternidade, usando os novos recursos médicos no lugar da prática natural do coito entre homem e mulher. A autora observa que eram os homossexuais, que em época recente ainda pleiteavam um *direito à diferença*, quando contestavam e rejeitavam a família, considerando-a um lugar de opressão patriarcal, e que impedia a liberdade sexual, agora passam a expressar o *desejo de família*. “O desejo de gerar e de transmitir uma história” [...] “os homossexuais se adaptaram à estrutura familiar de sua época, uma estrutura desconstruída, medicalizada, esfacelada, entregue ao poder materno” (p. 196). Ficando a pergunta, o que faz com que o modelo família tão criticado e rechaçado, impugnado e contrário à expansão do desejo sexual e da liberdade sexual, hoje é visto como um espaço a ser conquistado.

Desta forma, a incorporação dos homossexuais no esquema familiar se produzem um duplo movimento, o da transgressão e do normalizador. Transgressor porque eliminará a diferença sexual, que é a base da família, e normalizador porque incorpora os homossexuais na normalidade da ordem. “Instituir a homossexualidade com um status familiar é colocar o princípio democrático a serviço da fantasia. Isto é fatal, [...] abre espaço para uma lógica hedonista ...”, diz Roudinesco (2003, p. 194). Constituindo uma fisura brutal sobre a ordem simbólica que sempre separou a diferença sexual. Fica uma visão de uma nova ordem simbólica, que só pode funcionar se houver um equilíbrio entre o uno e o múltiplo que todo sujeito necessita para construir sua identidade, *idem*.

A nova moral pelos homossexuais apresentada parece ser, então a da busca da normatização, uma forte vontade de integração, abandonando a antiga postura que proclamava uma ruptura com a ordem vigente. Um desejo de família que ante o deterioramento da esferas institucionais está se convertendo em uma via de revolução de necessidades afetivas, materiais, emocionais e de busca da felicidade. Por outro lado, conforme a autora, se a incorporação da homossexualidade dentro do modelo família pode ser aceitável para uma ordem previsível e regulável, no entanto, não há situação uniforme, há sim, uma certa lógica que impõe a necessidade de repousar a instituição do matrimônio e da filiação, porque os casais homossexuais são tão instáveis como os outros. O que fica no ar é como ficam, dentro dessa nova realidade os papéis tradicionais de pai e mãe, de homem e mulher, a necessária gestão da autoridade na educação das novas gerações, e a eficácia para construir e direcionar as práticas e representações sociais. Talvez, diz a autora, tenha que se criar outros modelos de solidariedade fora das fronteiras da família, que tenham o próprio regulamento, legitimidade e garantias.

A drcada da figura do pai e o temor do feminino decorrente da crescente presença da mulher no meio público, tem um subproduto no corpo teórico da psicanálise: a teorização kleiniana, que, distanciando-se de maneira radical de Freud, centra-se inteiramente na figura materna, objeto único da pulsão e da fantasia do bebê, que a infla de tal forma que a faz perder toda a realidade concreta. As contribuições de Winnicott sobre a mãe suficientemente boa e extremamente comum, ajudaram a corrigir os excessos dessa clivagens maniqueístas que levaram a uma visão perversa ou psicótica de parentesco, diz Roudinesco (2003).

A autora conclui que são as mulheres “que sofrem inicialmente as consequências das rupturas por elas provocadas hoje, com mais frequência que os homens. O poder das mães tem dois gumes” (p. 197). Mas, levanta a bandeira da esperança, que a família humana sempre soube se reinventar, mantendo-se desde os inícios dos tempos, como uma instituição

insubstituível para o bem de nossa própria constituição de sujeitos humanos, como sendo o “único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar. Ela [a família] é amada, sonhada e desejada por homens, mulheres e crianças de todas as idades, de todas as orientações sexuais e de todas as condições“ (p. 198), assim, “a família do futuro deve ser mais uma vez reinventada“, reivindica Roudinesco (p. 199). Lacan (1938, apud Roudinesco, 2003) também afirma que não se pode abolir a família, mesmo que esta estrutura sofra toda a sorte de transformações, mas sempre existirá. E, que a nova família hoje não é mais vertical, mas horizontal e fraterna, idem. Pois, a conduta humana é produto complexo de um arranjo biospícosocial.

## 2.2 A queda do paterno e o advento do materno

Para entender melhor os papéis que desempenham pai e mãe na família hoje, como Roudinesco colocou, horizontal e fraterna, pretende-se aqui buscar algumas explicações possíveis. Para tal, um excursão histórico poderá ser de ajuda. Lembrando com Roudinesco (2003) que a posição da mulher na sociedade esteve durante oito mil anos sob o domínio patriarcal, numa situação de desigualdade entre homem e mulher, onde sexo, do ponto de vista biológico, e gênero, do ponto de vista da identidade sexual, determinavam os papéis no social, o lugar que ocupavam na sociedade. Considerava-se o homem como o soberano, e a ele era atribuído o poder de gerar um filho, pois era ele quem dá o sêmen, o “sêmen do homem é soberano“ e a mulher era considerada um simples vaso, e incapaz de “realizar a tarefa procriadora a ela imposta pela natureza e pela cultura“, idem (p.116) . Ela era *coisa do senhor*, desprovida de desejos, é propriedade do homem. Esta idéia separava os indivíduos em duas categorias, os homens e as mulheres, determinado quem era dominador e quem era submisso, onde a mulher em posição inferior, sem poder, era um complemento do marido, ou era desprezada como prostituta ou venerada como mãe.

Mesmo que sempre tenha havido pequenas mudanças ao longo dos séculos, prevaleciam até o século XVIII, as representações da feminilidade patriarcal e eram excluídas do seio da sociedade, onde o homem ocupava uma posição imutável, de origem divina. Alguns autores, pensadores, políticos expressaram o que pulsava na sociedade, através de suas obras, pensamentos, idéias ou na criação de leis, como La Barre, em 1673 na França, propõe um programa, onde as mulheres pudessem ter acesso à todas as coisas na sociedade como estudo, serviço militar e empregos, numa mudança de paradigma e com o intuito de mudarem-se as condições e os preconceitos impostos às mulheres. Ou como Marquês de

Condorcet na França no século XVIII, quando afirmava que homens e mulheres seriam submetidos a mesma lei natural e anatômica, ambos parte da humanidade e ambos dotados de razão, e que deveriam ter direitos civis e políticos, isto é, ambos iguais perante a lei. Expressando e alimentando, assim, o movimento de emancipação das mulheres em andamento, levanta a autora.

Em torno de 1880 o liberalismo se tornou muito fortemente uma promessa sem futuro, que fazia com que o povo voltava as costas ao poder e se orientava por demagogias que levavam os filhos burgueses a não observarem mais as aspirações do país, procurando outros modos de ver as coisas, numa orientação adversa, levando a admiração pela morte, suicídio, ódio, e pela atemporalidade, numa “desconstrução do eu”, marcando a decadência da família burguesa, *idem*.

Um outro grande defensor da emancipação da mulher foi John Stuart Mill, que denunciando, através dos livros de sua companheira, o estupro conjugal, das quais elas seriam *as vítimas silenciosas*. Passou-se a ver o estupro, tanto da mulher como dos filhos, como um atentado contra o rei, pois destruía a família, e seria punido com a morte. Continuava-se a atentar contra os homens e não importava a própria mulher. E só no final do século XIX que se denominou de crime o estupro contra crianças, um crime sexual. Por outro lado coloca Mill, se a mulher escolher se casar, então deve se submeter aos costumes sociais, ficar em casa, cuidar da casa e dos filhos. E, Freud no séc. XX, diz Roudinesco (2203), tenta restabelecer as diferenças e salvar o casamento, “atribuía ao inconsciente o lugar da soberania perdida por Deus pai para nele fazer reinar a lei da diferença: diferença entre as gerações, entre os sexos, entre os pais e os filhos, etc.”, [...] e além disso, para ele “três feridas narcísicas foram infligidas ao sujeito ocidental entre meados do século XVI e o início do século XX: a perda do controle do universo (por Copérnico), a perda da origem divina do homem (por Darwin), a perda da plenitude do eu (pela psicanálise)”, mergulhado nas grandes mudanças da soberania ocidental. “Inquieto e fraco [o pai], não consegue nem permanecer um príncipe, nem se tornar um rei, uma vez que não está nem mesmo seguro de ser ou não ser” (p. 65-69), mas um soberano sem limites e sem força para transmitir aos filhos a função simbólica do poder.

E à medida que as ciências foram revelando os conhecimentos adquiridos na biologia, através de afirmações como o “cérebro das mulheres é semelhante ao dos homens” *idem* (p. 122), incendiou-se o conflito entre o sexo e o gênero. E a partir do século XX, passou-se da luta de classes (dos negros, mestiços, trabalhadores, etc.) para uma luta de sexos (homossexuais, transsexuais, heterossexuais), incluindo fortemente o desejo sexual no gênero e trazendo a multiplicidades de expressões sexuais. Privilegiando a noção “de que a própria

sexualidade – biológica, psíquica, social – seria sempre a expressão de um poder inconsciente de tipo de identitário ou genealógico“ idem (p. 120). Passando a não haver mais diferença entre o sexo e o gênero, podendo um adotar a posição do outro através do comportamento, do modo de vida, das roupas, ou de suas fantasias.

Um outro aspecto que impulsionou muito a emancipação mais radical das mulheres foram as duas grandes guerras, lembra Roudinesco (2003), pois tinham que organizar as suas vidas sem os maridos, tendo que lerem cartas que vinham do *front*, ou enterrar os restos mortais com os filhos e as filhas. Obrigadas a trabalharem para sustentar os filhos e continuarem a viver, desvincilharem-se do simbólico da dominação masculina, e deram início a nova geração, onde muitos não conheceram o pai, apenas pelas palavras e pelas lágrimas da mãe. Dando prova, muitas como viúvas, de sua capacidade e determinismo, e reconstruíram com seus filhos e velhos, doentes e loucos, deficientes e homens derrotados de guerra, muitas das cidades destruídas, e em nada perdendo para os homens.

Assim, foi primeiro o declínio do poder divino do pai, e de sua transferência para uma ordem simbólica cada vez mais abstrata, depois da maternalização da família, que surgiu, em toda a sua força, a sexualidade das mulheres. Um desejo feminino, fundado ao mesmo tempo sobre o sexo e o gênero, pôde então brotar, depois de ser tão temido, à medida que os homens perdiam o controle sobre o corpo das mulheres, pontua Roudinesco (p. 118).

Também Freud já trouxe antes das duas grandes guerras, e depois das grandes batalhas na Europa, a preocupação com a emergente emancipação das mulheres e afirmou que a família será sempre uma *história de família, uma cena de família*, onde o domínio do masculino estaria ligado ao seu desejo de poder, “dominação, amor, conquista, sadismo ou transformação dos outros e de si mesmo“, por outro lado, afirmava que o lado feminino “se caracterizava pela passividade, a necessidade de amor, a tendência à submissão e ao masoquismo“ idem (p. 129). Mas admitia que o destino seria não da política, mas da anatomia.

A anatomia, conforme Freud já previa, seria “um ponto de partida de uma nova articulação da diferença sexual que condena todos os homens e mulheres a se confrontarem com uma idealização ou uma desvalorização do outro, sem nunca alcançar uma completude real“, numa guerra de sexos, pela identidade, e das consciências, partindo do órgão sexual como possível lugar de prazer, o orgasmo feminino, idem (p. 131). Para salvar a família desse possível lugar de prazer feminino, desta desordem, Freud tenta colocar a mulher numa posição de ideal materno, dizendo que eram feitas para o amor, onde a *lei da mãe* seria a função de transmitir a vida e a morte, ela seria genitora, companheira ou destruidora. Capaz sim, de trabalhar e servir ao exército, mas seria mais nobre se ela se dedicasse às artes e as

atividades do lar, na beleza e na bondade através de seu encanto. E o homem encontraria nela três imagens de mãe, a própria mãe, em seu nascimento, a amante por ele escolhida em seguida à imagem da primeira, e para terminar, a terra-mãe, que o acolhe novamente em seu seio.

Freud em *Totem e Tabu* (1912) propõe uma teoria do poder centrada em três imperativos: necessidade de um ato fundador (crime), necessidade da lei (a punição), necessidade de renúncia ao despotismo da tirania patriarquica encarnada pelo pai da horda selvagem, aos quais correspondem igualmente a história das religiões e das sociedades, e da evolução psíquica do sujeito. Assim, Freud (1913), apresenta uma teoria antropológica da família e da sociedade baseada sob dois pilares: a culpa e a lei moral, enquanto que para Roudinesco (2003), a *lei do pai*, a ordem paterna, “seria marcar a separação do sexo e do gênero“ (p. 133). Mas para ser “civilizado e satisfazer a mulher, o homem freudiano deve controlar a sexualidade selvagem que herdou do pai da horda, e rejeitar a poligamia, o incesto, o estupro. Deve aceitar o declínio de seu antigo poder“, idem (p.133), e a proibição do incesto seria uma das passagens da natureza biológica/animal do homem ao ser civilizado.

As lutas pela emancipação feminina continuaram, conquistando o direito ao voto, o direito à escolha de ter filhos ou não, através das novas técnicas de contracepção, por exemplo. Muitos autores tentavam manter e justificar o domínio dos homens por sobre as mulheres e os filhos, outros sentindo o *Zeitgeist*, o momento e o movimento histórico da época, apoiavam a mulher na conquista de seus espaços e direitos civis, “levando em conta não apenas a realidade biológica, social e psíquica das práticas sexuais, mas também os mitos fundadores da diferença aos quais associava uma abordagem da vida privada“ levanta a autora (p. 141).

Outro aspecto importante na emancipação das mulheres e das crianças foi a contribuição de Simone de Beauvoir (1944, apud Roudinesco, 2003) em seu livro *o segundo sexo*, onde separa a feminilidade da maternidade, o ato carnal e o desejo da procriação, protestando de tal forma, que até recusava o pensamento de que a “maternidade fosse outra coisa que não uma coerção ligada a insatisfação“ (p. 143). Enquanto que Adorno (1947, apud Roudinesco, 2003) aponta para o perigo de se revolucionar a sociedade, mas que concorda que “as devastações impostas pela sociedade mercantil, globalizada e anômina, sobre a vida familiar“, [...] fragilizam “as relações com os pais“ pela “impotência econômica“, mudando o quadro onde o filho tinha que se sujeitar aos desejos do pai, agora enfranqueando-se, “não existe mais o complexo de Édipo, embora ainda vigore o assassinato do pai“, numa “liquidação do indivíduo burguês à qual procede é também a da utopia que alimentava o amor materno“ (p. 144-145).

Observou-se a partir da decadência dos valores de família, depois da segunda guerra mundial, uma valorização do Estado para com a célula família, que passou a garantir a “seus membros um desenvolvimento e uma proteção sem precedentes na história da humanidade“, diz Roudinesco (p. 145). Mas para que a nova *identidade feminina* não tomasse muito espaço, foi necessário reafirmar os valores que sustentavam a família, tentando consolidá-la e rearrumando-a para que não ruísse. Assim, a autoridade do pai passou para o Estado e as instituições de educação, médicas e socio-culturais.

Adorno (1947 apud Roudinesco, 2003) chamava atenção para o perigo da *sexualidade dessexualizada*, que, como previa, acabou levando ao culto contemporâneo da pornografia, à liberdade sexual evocada nos anos 60 e 70, formando um grande fosso no ocidente, “entre o desejo de feminilidade e o desejo de maternidade, entre o desejo de gozar e o dever de procriar“ (p. 146), o que facilitava a aceitação do divórcio, iniciando-se uma crise de identidade, através da modificação das representações da sexualidade no mundo ocidental. A família, portanto, ou é amada ou odiada pelos membros da sociedade ocidental dos anos 60 a 80, dentro do movimento *antiautoritário* que foi impulsionado pelos jovens que não conheceram as guerras e nem as batalhas de seus pais. Reivindicando uma nova ordem simbólica, uma nova autoridade, “uma nova lei do mundo e do desejo, capazes de responder às mudanças da família que surgia“, levanta Roudinesco (2003, p. 149).

### **2.3 Configuração atual**

A partir da metade do século XX as mulheres alcançaram sua independência com muito empenho e sofrimento, e conquistaram a redução da dominação masculina e o aumento de seus desejos e aspirações, levando, no final do século, ao surgimento, de por exemplo, de novas regras estéticas ditadas pelo mercado de consumo da moda, novas leis de divórcio, de interrupção voluntária da gravidez, revolucionando a condição do feminino. E, com todas essas mudanças rápidas e ainda não assimiladas a estrutura de parentesco que tenta restaurar a autoridade derrotada do pai, aquele que perdeu tanto a divindade dem rei, a descendência da burguesia, quanto o direito de dar ou não o seu nome a criança, como no direito romano, tudo fugiu do seu controle.

Junto com o movimento do advento do feminino e a entrada da mulher no mercado de trabalho, sem precisar pedir permissão ao marido, ocorreram tantos outros como a derrubada de muitos símbolos sociais, como, por exemplo, o uso da gravata em exames públicos na Europa, a retirada do pronome de tratamento *o senhor* para os contatos informais na Suécia

(1967), ou contribuições como a música dos Beatles, o surgimento da pílula (1960), a saída dos jovens de casa, indo morar sozinhos, dando-lhes maior liberdade de ir e vir e na sexualidade, etc., idéias apoiadas também pelo socialismo e pelo movimento trabalhista.

Mas, o mundo passa a sofrer com as suas próprias conquistas e inovações galopantes, onde a família foi perdendo espaço, tanto pela perda afetiva como pela sua força simbólica. Doravante os filhos devem ser educados por ambos os pais, e sob o mesmo teto estão os meus, os teus e os nossos filhos. Com isso, os bastardos de antigamente são chamados de *naturais*, [...] e “integrados à norma de uma nova ordem familiar recomposta“ (Roudinesco, 2003, p. 153). As mães solteiras e os homossexuais não ficam mais às margens da sociedade, e o divórcio não é mais transgressão, e mulheres divorciadas não são mais uma vergonha para a família.

Neste sentido, vemos os homossexuais reivindicando a família como modelo de convivência, buscando o direito de serem pais, sem coito sexual, num desejo de procriar filhos, pela inseminação artificial, pelas mães de aluguel, por exemplo. Apoiados nos avanços científicos, que permitem que sêmen ou óvulos fossem congelados, ou inseminados artificialmente em uma terceira pessoa. Previenciando também espôso estéreis a ter um filho de sua espôsa, fertilizada com sêmen de um doador, ou ainda uma inseminação após a morte do espôso, ou ainda pela clonagem humana, passando-se o momento mágico da fecundação para um mero ato biológico, uma fábrica de embriões, separando-se para sempre o prazer sexual da procriação.

Passamos então, como num ato criador, a escolher dentre os tantos sêmens catalogados, aquele que se acredita que mais se assemelha com o *pai* não biológico. Conforme a autora, esqueceu-se de avaliar neste processo todo se “o invólucro genético assinala o pertencimento de qualquer indivíduo a uma espécie“, e ainda como saber das doenças genéticas, como fica a não consangüinidade, a origem biológica da criança. Por outro lado, permanece o que a autora resumiu: “uma vez posto no mundo, ele [ela] se torna único, já que seu ser, sua concepção, sua história, sua genealogia e sua subjetividade se inscrevem em uma duração existencial, um ambiente, um psiquismo“ (p.176). Levanta ainda uma questão psicológica, “como, por que caminho, sob que modo, se inscreverá no psiquismo da criança a fala do ancestral, cujo único veículo será a mãe“ (p. 164), como garantimos uma transmissão de algo que possamos chamar de pertencimento. E, como fica a criança sem a revelação sobre a sua origem e seu lugar, será que terá o sentimento de filho adotivo. E, tendo conhecimento disto, ficará, ao lado dos pais que não biológicos e que não pertencentes, quando estes precisarem deste filho/a,

sobre que pressuposto repousará, então, o laço psicológico que amarra uma família, que faz com que todos se sintam pertencentes.

Mudou o ponto de vista e de análise, na atualidade, enquanto que as mulheres conquistaram o direito à escolha ou não da maternidade, controlando assim, o número de nascimentos, os homens que podiam “procriar filhos de diversos leitos“, [...] são confrontados com vários tipos de família, recomposta em “biparentais, multiparentais, pluriparentais, ou monoparentais“, ou uniparentais, com mães ou pais solteiros, (Roudinesco, 2003, p. 155). Assim a família recomposta é aquela que “remete a um duplo movimento de dessacralização do casamento e de humanização dos laços de parentesco“, [...] “a família contemporânea se pretendeu frágil, neurótica, consciente de sua desordem“, tentando reconstruir, recuperar “sua alma na busca dolorosa de uma soberania alquebrada ou incerta“ (p.153). Baseado neste descompasso Lacan (1938, apud Roudinesco, 2003) lamenta a família, dizendo que ela “não passava da expressão social de uma desordem psíquica perfeitamente organizada em aparência, mas incessantemente destruída a partir de dentro“ (p. 151).

Conclui-se, portanto, que as mulheres possuem o poder sobre a ordem procriadora, podendo designar o pai e o óvulo, e a nível familiar o poder de excluir o pai da relação com o filho/a, ou usá-lo para reivindicar indenização financeira, sem que o homem tenha direito algum sobre a criança. Assim, o pai da criança poderá não mais ser um pai genético, mas um pai que alimenta e educa, e talvez não mais o único que alimenta. Esta exclusão dos homens do processo de ser ou não ser pai, de ser ou não incluído, deu início a um novo movimento de protesto velado, onde homens na Europa estão optando por uma esterilização voluntária, quando fazem um depósito prévio de seu sêmen em um banco de colheita para uma eventual procriação posterior (Roudinesco, 2003).

Mudam as idéias, os pensamentos, “as técnicas mudam o hábitos, os costumes e as culturas, mas o amor, a paixão, o desejo, a loucura, a morte, a angústia e o crime são imutáveis“. Sobrando para o homem moderno o pensamento reflexivo que é oferecido pela Psicanálise, pelo qual o homem da contemporaneidade pode “hoje reivindicar num mundo agora extrapolado pela vertigem de sua própria potência“ idem (p.167), e sob o impulso da psicanálise, que estipulou a muito tempo que “ninguém escapa de um destino inscrito no inconsciente“ (p. 178), e com Jung no inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

Esta nova maneira de ver os integrantes da família, a mulher, como um indivíduo com desejos, filhos, como investimento, o filho-sujeito, e o pai, sofrendo o declínio da função paterna autoritária, pedendo nos anos 70 o título *chefe de família*, encaminhando-se o movimento para uma autoridade dividida, nascendo a família co-parental. Esta nova ordem

simbólica balançou os velhos costumes, mas sem destruir de todo ainda sua forma mais abstrata do poder paterno, numa valorização simbólica, onde a relação mãe e filho/filha se tornou primordial, onde a criança passa a ter o lugar central que antes era reservado ao pai. Assim, o que resta ao pai? Segundo Winnicott (1944, apud Roudinesco, 2003, p. 108), o pai é “necessário para dar à mãe um apoio moral, para sustentá-la em sua autoridade, para ser a encarnação da lei e da ordem que a mãe introduz na vida da criança”.

A partir dessa troca de valores não haverá mais estrutura de parentesco que restaure a autoridade do pai, isto é, “a passagem da natureza à cultura através dos interditos e das funções simbólicas“, a família não será mais o que foi, “mas [será] como um lugar de poder descentralizado e de múltiplas aparências“, [...] “inventado pelo individualismo moderno“, formando “uma tribo fraterna, sem autoridade e nem hierarquia, e reduzida a um empreendimento jurídico e social“ resume Roudinesco (2003, p. 155).

### 3 APARELHO PSÍQUICO

Destaca-se aqui alguns conceitos importantes em Freud e em Jung, para a análise dos processos que levam ao transtornos frente a demanda da sociedade globalizada, e as mudanças na ordem familiar, no feminino e no masculino.

A teoria freudiana é holística, e inspirada pelo paradigma darwiniano, tem como fundamentos o determinismo psíquico, a importância geral do sexo no comportamento normal e anormal, a importância do conflito, da infância, do irracional e do emocional, e do genético, e considera as interações complexas na explicação do comportamento. Sua técnica fundamental a *livre associação* e a análise de sonhos, como um dos meios para o estudo de processos inconscientes. Por isso é analítica.

A psique, coloca Freud, consiste em vários sistemas diferenciados, mas interatuantes, e é constituída de diversas partes, coloca Freud, do id (*Es*), do ego (*Ich*) e do superego (*Über-Ich*), estruturas que usou para explicar a atividade do inconsciente. Assim, o id (*Es*), envolve a constituição dos instintos, o que é herdado desde o nascimento, chegando ao aparelho pulsional, da organização somática. O id controla, dirige e opera de acordo com o *princípio do prazer* (*primäre triebhafte Luststreben*). O ego é a segunda localidade, desenvolvido a partir do id frente o mundo externo, por estar em contato com a realidade, e opera de acordo com as leis do processo secundário, isto é, segundo o *princípio da realidade*. Trata-se de um agente avaliador e intermediário que seleciona comportamentos que reduzem ao mínimo a dor, e elevam ao máximo o prazer. O ego está a serviço do id, vincula entre o id e o mundo externo, entre o receber estímulos e o proteger contra estímulos externos, mas para uma satisfação global, protela a gratificação.

Em consequência do contato com as realidades culturais e a influência parental desde a infância, desenvolve-se uma terceira região do aparelho psíquico, o *superego*, cuja formação passa pelo ego. Esta influência inclui a personalidade dos pais e da família, as tradições, os valores raciais e nacionais transmitidas, as exigências, normas sociais, e posteriormente, dos egos devidos sucessores e substitutos. A relação do ego e do superego remonta à atitude da criança para com os pais, onde se encontra o medo, o medo que anuncia ao ego os perigos que vem do id, do superego ou da realidade. A ação do superego é, em grande parte, inconsciente, isto é, obedece às leis do processo primário. Por isso, o ego é também chamado de mandala – círculo mágico – pois representa os esforços do homem para alcançar a unidade, a totalidade, a integração da personalidade, e que mantém coeso todos os demais sistemas: a unicidade do indivíduo com o mundo, e a unidade dos sistemas psíquicos dentro do indivíduo.

Desta conexão preestabelecida entre a percepção sensorial, de si, e a ação muscular, proteger-se do mundo, orientado na tarefa de auto-preservação do organismo, o ego tem a tarefa de satisfazer tanto as exigências do mundo exterior, como também as do próprio superego e do id. As forças das tensões causadas por essas necessidades são as *pulsões*, que representam as exigências somáticas feitas à mente, que Freud (1905) define assim:

[...] por pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente (...). Pulsão, portanto, é um dos conceitos da delimitação entre o anímico e o físico. A hipótese mais simples e mais indicada sobre a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade alguma, devendo apenas ser considerada como uma medida da exigência de trabalho à vida anímica (p. 46).

Com o domínio do ego, há fortalecimento e controle racional das pulsões, harmonizando o princípio da realidade. Uma parte da energia que vai para o aparelho mental é denominada de *libido*; a sua fonte está nas tensões biológicas e certamente a mais importante dessas tensões, a tensão sexual. O id é o reservatório primordial dessa energia e, sendo inconsciente, opera de acordo com o processo primário, o propósito da vida do organismo que é satisfazer as necessidades inatas. Várias pulsões, tensões biológicas, que residem no id exercem pressão no sentido da descarga de sua energia libidinal. Cada pulsão tem fonte, finalidade e objeto que servirá para facilitar a descarga.

O ego é dirigido por tensões produzidas pelos estímulos, presentes no organismo ou nele introduzidos, e sua elevação é sentida como desprazer e o abaixamento como prazer (descarga). Um aumento de desprazer esperado é enfrentado como um sinal de ansiedade, o que gera uma sensação de perigo ou angústia, referenciando o despreparo ou desamparo mediante a tensão. Ao passar das experiências, o ego controla as exigências pulsionais, decidindo se podem ou não serem satisfeitas. Tendo que decidir em adiar essa satisfação para ocasiões e circunstâncias mais favoráveis, aceita, e posterga a necessidade do prazer primário imediato, a cargo de aceitar o contexto concreto da realidade, protegendo o indivíduo de danos psicológicos.

Com toda a diferença fundamental entre as três áreas psíquicas, o id e o superego representam influências do passado (o id da hereditariedade e o superego do que é retirado de outras pessoas); têm ainda um funcionamento infantil, que querem satisfação imediata. Já o ego é determinado pela experiência do indivíduo, ou seja, por eventos acidentais e contemporâneos.

No princípio da vida do sujeito o estado de libido armazenada é chamado de *narcisismo primário*. Ele perdura até o ego investir com a libido as idéias dos objetos,

transformando libido narcísica em libido objetal. A libido tem fontes somáticas e flui de diversas partes do corpo para o ego.

Quanto ainda às pulsões, elas podem mudar de objetivo (deslocamento), substituir-se mutuamente (a fobia do pequeno Hans) e são de natureza conservadora (tendem a retornar ao estado anterior do investimento). Isto deve ser contrastado com a fixação da libido a objetos específicos. Apesar de todas as nomeações possíveis para os instintos humanos, no quesito pulsões duas são consideradas: a pulsão de vida (Eros/libido) e a pulsão de morte (Tanatos). A primeira estabelece unidades e as preserva, enquanto a segunda procura destruir coisas. Assim, as pulsões são encontradas em toda parte, não se restringem a uma das regiões da mente. O contraste é entre as pulsões de auto-preservação (pulsão de ego) e a preservação da espécie (pulsão sexual), e a pulsão de morte permanece silenciosa enquanto opera internamente. É notada quando é desviada para fora, a ponto de destruir um objeto que se faz concreto ou ainda expulsar tensão interna relevante, para a preservação do indivíduo. Quando o superego se estabelece, quantidades consideráveis da pulsão agressiva fixam-se no interior do ego, operando autodestrutivamente, isto é, a agressividade impedida é desviada contra si. (até aqui palavras de Freud)

Enquanto que Jung acreditava que os impulsos primitivos do homem podiam ser canalizados para uma busca de individualização ou de divino. Se a energia não fosse reconhecida e utilizada apropriadamente pelo ego, poderia perturbar o funcionamento do ego, fazendo com que o homem se convertia num *negorótico* ou psíquico. O ego é a mente consciente em contato com a realidade e contém recordações conscientes, é o centro da identidade e da personalidade.

A energia básica do homem, a libido, não é sexual como para Freud, e sim, uma energia vital e biológica geral; e se manifesta na forma e quando for mais importante para o organismo, por exemplo, em relação à alimentação (amamentação), eliminação e sexo. Jung transferiu os conceitos físicos para os enunciados sobre a energia psíquica. Se a energia desaparece de algum sistema psíquico, reaparecerá num outro, assim, quando a energia sexual é sublimada é usada para a criatividade artística, ou permutando energia com o mundo externo, através de coisas como trabalho muscular ou ingestão de alimentos.

Segundo Jung, a produção psíquica, o conceito de energia psíquica é abrangente por natureza, não se limitando apenas à esfera sexual, mas sofre determinadas transformações ao longo do processo evolutivo humano. Pois é a primeira infância o tempo de transmissão de mitos e de ideais no seio familiar, através das gerações, como produtos culturais. Esses processos psíquicos operam dentro das quatro funções psíquicas – pensamento, sentimento,

sensação e intuição, e intervem na esfera política do sujeito; no lugar do sujeito na sociedade e da sociedade no sujeito, apoiado na noção de Jung, que só o indivíduo pode mudar a sociedade, ela é o espelho do indivíduo, é a loucura em que vive. Esta energia psíquica do indivíduo é uma amostra da energia humana em grande escala, visto que tem uma origem em comum, representada pela idéia de inconsciente coletivo. Começando no aprofundamento da conscientização de si mesmo, muito mais do que desenvolver capacidade de racionalização de conceitos, na diferença entre ser e ter.

De modo geral, o homem investe energia psíquica para atingir seus objetivos pessoais. Por exemplo, quando alguém almeja conseguir um emprego, seu psiquismo ocupa-se quase que na totalidade desta meta, no intuito de mobilizar todo o organismo para alcançá-la. O mesmo ocorre quando uma pessoa está apaixonada, assim, todo seu ser está polarizado em uma única direção. Contudo Jung verificou que muitas vezes a energia psíquica de um indivíduo não estava voltada para o alcance de metas exteriores, mas encontrava-se como que amarrada no seu interior, questão observada fundamentalmente naqueles considerados mentalmente doentes. Observando que o inconsciente segue um objetivo, ou tem como objetivo, uma orientação final, que muitas vezes é contrário ao consciente.

O conceito de inconsciente coletivo<sup>2</sup>, Jung acrescenta ao consciente e ao inconsciente, em Freud. O inconsciente coletivo é a base herdada, racial, de toda a estrutura da personalidade. Sobre ele são erigidas as outras estruturas, as aquisições individuais. A pessoa aprende e é o resultado de experiências, é substancialmente influenciada pelo inconsciente coletivo, que exerce uma influência orientadora ou seletiva sobre o comportamento da pessoa desde o início da vida. Se o inconsciente for ignorado pelo ego<sup>3</sup>, o inconsciente pode perturbar os processos racionais conscientes, apoderando-se deles e dando-lhes formas distorcidas. Os sintomas, as fobias, os delírios e as outras irracionalidades originam-se de processos inconscientes negligenciados.

No consciente é onde se pensa, se utiliza a linguagem interna e onde se formam imagens que normalmente se associa às idéias, e principalmente Freud, entre outros, apresentou a sua teoria sobre o inconsciente, onde há mais informações. E Jung ampliou esta

---

<sup>2</sup> A função do inconsciente coletivo, importante para o desenvolvimento do indivíduo e de sua cultura. É o sistema mais poderoso e influente da psique. É o reservatório da história herdada do nosso passado ancestral. É resíduo psíquico do desenvolvimento evolutivo, que se acumula. É universal. São predisposições que fazem o indivíduo reagir ao mundo de uma maneira seletiva.

<sup>3</sup> O ego é a parte consciente para Jung. É constituído por percepções, memórias, pensamento e sentimentos conscientes. O ego é responsável pelos sentimentos de identidade e de continuidade, seria o centro da consciência.

compreensão e trouxe a compreensão do inconsciente pessoal<sup>4</sup>, que seria uma extensão mais vasta da inconsciência, que não permite ser acessada. No entanto, Jung nunca viu o inconsciente pessoal como um depósito de material psíquico, que conteria apenas doenças e repressões ávidas por desenvolver psicopatologias nas pessoas. Para ele, o inconsciente seria também um manancial de forças criadoras capazes de auxiliar os indivíduos em sua busca pela individuação.

Um outro conceito importante em Jung é o arquétipo<sup>5</sup> que chamou de *Self*, ou *si mesmo*, e que possui um papel fundamental no aparelho psíquico, e auxilia o processo de individuação. De modo geral, vive muito mais em função das relações sociais, dos medos adquiridos e das representações internas dos papéis masculino e feminino. O *Self*, ou *si mesmo*, é o arquétipo que pode ser vislumbrado enquanto o indivíduo esta atingindo um estado de integração consigo mesmo, tal que lhe permite romper barreiras exteriores e entrar em contato com sua essência, mas nem sempre rompe. Este arquétipo desempenha um papel de destaque na psicologia analítica, pois ele representa o centro da personalidade do indivíduo, centro este que não é ofuscado pela atuação dos demais arquétipos, que são atualizados através de um contato sociocultural muito maior e que nem sempre correspondem às reais necessidades do ser humano em questão.

O processo de individuação Jung concebe como a tendência do homem em buscar o melhor e o mais completo para sua vida, mesmo nem sempre sabendo o que seria melhor, entrando em contato com seu *self*, que é a atividade do próprio *self*, organizando o psiquismo até que ele encontre um equilíbrio. Portanto, quando a energia psíquica sofre uma regressão<sup>6</sup> e prende-se a algum complexo<sup>7</sup>, trata-se de uma necessidade do ser humano para transcender a condição específica e completar uma etapa no seu processo de evolução.

---

<sup>4</sup> Inconsciente pessoal é para Jung uma região adjacente ao ego, que contém experiências que já foram conscientes, mas que estão reprimidas, suprimidas, esquecidas ou ignoradas. Mas são acessíveis, e existe um trânsito entre o inconsciente pessoal e o ego.

<sup>5</sup> O arquétipo é um produto de experiências raciais com o mundo, que são semelhantes às qualquer outro indivíduo em qualquer época e lugar no mundo. Ele é o depósito permanente das experiências repetidas por muitas gerações (como morte, magia, unidade, herói, divino, demônio, velho sábio, mãe terra e o animal).

<sup>6</sup> A energia psíquica pode estar estagnada em complexos, formando um nó energético, que impede sua livre circulação, este dinamismo foi chamado de regressão por Jung. A regressão como uma tendência natural do psiquismo humano, quando de uma inadaptação ou ineficácia no relacionamento com o presente. Então a energia psíquica regride para um outro modo mais arcaico, onde se mostrou eficaz.

<sup>7</sup> Um complexo é um grupo organizado ou uma constelação de sentimentos, pensamentos, percepção e memórias que existem no inconsciente pessoal. Ele tem um núcleo que age como uma espécie de magneto que atrai ou *constela* várias experiências. (Jung, 1934)

### 3 GRATIFICAÇÃO NARCÍSICA E O PRINCÍPIO DO PRAZER

Neste capítulo pretende-se ampliar a noção de narcisismo e o princípio do prazer trazido por Freud, para entender o fenômeno humano enquanto em sociedade e sua psique em decorrência deste contato.

Narcisismo é um conceito que Freud apresentou para explicar um fenômeno, no qual as pulsões sexuais - a libido, está ligada aos objetos de amor externos, e que se esforça para obter satisfação através desses objetos, frustrada (o desprazer), retorna ao próprio corpo e à personalidade da pessoa, encontrando satisfação no próprio corpo, *auto-eroticamente*, que é a atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido, e é a base do atraso da sexualidade no processo de educação no princípio de realidade. No entanto, novamente transformada, esta pode ser devolvida ao libido objetal. A finalidade de uma escolha objetal narcisista consiste em ser amado. E o processo que desliga a libido dos objetos e bloqueia o retorno a eles, está estreitamente relacionado ao processo de recalque, e o desligamento da libido de seu objeto é a origem de um estado patológico, onde um egoísmo forte ou amar constitui uma proteção contra o adoecer (Freud).

O narcisismo é o complemento libidinal do egoísmo - pulsões de autopreservação, é a busca pela satisfação sexual e a vantagem do indivíduo, isto é, as necessidades das pulsões e as necessidades do ego, numa diferenciação entre libido e interesse. É possível ser absolutamente egoísta e, mesmo assim, manter poderoso investimento de objeto, na medida em que a satisfação libidinal em relação ao objeto faz parte das necessidades do eu. Nesse caso, o egoísmo procurará não envolver prejudicando o eu, no esforço para obter um objeto.

A libido permanece libido, seja ela orientada para objetos, seja para o próprio eu da pessoa. Mas quando determinado processo muito vigoroso força uma retirada da libido dos objetos, a libido que se tornou narcísica não consegue retornar aos objetos, e essa interferência na mobilidade da libido certamente se torna patogênica. Assim, a ferida narcísica resulta da distância que vai entre o plano ilusório (ego ideal) e o plano da realidade (ego real). Essa posição narcisista, em sua forma original, caracteriza-se por uma total indiferenciação, tanto entre o eu e o Outro, como também entre os diferentes estímulos procedentes de distintas partes de seu próprio self. Os mandamentos internos, que Freud chamou de superego e o considerou herdeiro direto do narcisismo original, é uma estrutura do aparelho psíquico, que obriga a pessoa a corresponder, na vida real, às demandas provindas de seus próprios ideais, geralmente impregnadas de ilusões narcisistas inalcançáveis. Essas ilusões determinam no indivíduo um estado mental que se caracteriza por uma facilidade para sentir depressão e

humilhação diante de seus inevitáveis fracassos. Para fugir da ferida narcísica (do desamparo) e garantir o prazer conferido pela posição narcisista, a pessoa procura por valores e atributos que preencham os vazios de seu eu ideal, de sua imaginária completude.

Segundo Freud (1920) o ser humano busca ao longo de sua vida obter a felicidade plena, isto é, ele é regido pelo *princípio do prazer*, que seria um dos princípios fundamentais da existência humana, onde a satisfação de uma pulsão seria equivalente a uma forma de felicidade, e a recusa da satisfação de uma pulsão um sofrimento.

O ser humano hoje apresenta uma forma de estar no mundo, onde toma uma posição narcísica, que consiste em ser amado (Freud). Ele investe fora de si, mas quando frustra este investimento de objeto de amor e causa instabilidade, ele retorna a si mesmo, isto é, “comporta-se com uma estrutura, um modelo de relacionamento e de vínculo, que opera ao longo de toda a vida..” (Zimerman, 2004, p. 445), cuja característica é de total indiferença entre o eu e o Outro, um estado de ilusão, uma negação das diferenças, núcleos de ambigüidade (ele é melhor ou é pior), valores centrados no ego ideal (herdeiro de seu narcisismo original) ou no ideal do ego (expectativas dos pais), identificações defeituosas (busca por objetos que assegurem a sua auto-estima), comparações eternas com os outros, resume o autor.

A ferida narcísica é uma das mais dolorosas entre os sofrimentos psíquicos – “é aquela que resulta da distância que vai entre o plano ilusório (ego ideal) e o plano da realidade (ego real)“, idem (p. 255). Para fugir da ferida e garantir o prazer, “o sujeito deve encontrar valores e atributos que preencham os vazios de sua imagonária completude e asseguramm-lhe o vital reconhecimento dos outros“ (p. 255). O indivíduo pode então ou supervalorizar os seus dons, que ele busca “em si próprio, sob forma de beleza, erudição, riqueza, conquistas amorosas, prestígio e poder, ou fora dele, em uma outra pessoa idealizada, instituição, ideologia, paixões, etc.“ (p. 256).

Num mundo competitivo de hoje predomina o mais forte, há uma busca rápida por soluções, etc., o que provoca em muitas pessoas um desgaste emocional para alcançar o seu *eu ideal*, isto é, “as metas idealizadas pela família, pela sociedade, pela cultura e por si próprio, as quais podem ultrapassar as suas inevitáveis limitações“, esta situação leva ao “conflito entre o ego ideal versus o ego real, diz Zimerman (2004, p. 20), entre o ter e o ser, ou vir a ser, levando a uma angústia existencial. Este conflito tem gerado um *falso self*, uma saída diante do fracasso na realização dos projetos ideais, colocados pelas expectativas vindas dos pais, pessoais, sociais, pois “a cultura narcisista força a uma baixa auto-estima do indivíduo, o que acarreta um maior surgimento de *estados depressivos*“ idem (p.20).

A forma de amar e de ser amado do narcísico, “repousa em uma afanosa busca de algo ou alguém que preencha as suas falhas e faltas, com uma expectativa de que poderá resgatar o imaginário estado de completude original de sua majestade o bebê“, [...] “a sua majestade, o ego“, [...] “em uma função diferenciada da mãe“, realça o autor (p. 260). A pessoa narcisista busca constantemente a sua plena completude, e quando não consegue alcançá-la, entra em crise, não tolera esta situação, as diferenças e “apela para distintas formas de amenizar o sofrimento: tanto se recolhe em um enclausuramento, evitando qualquer tipo de ligação afetiva e erigindo uma autarquia de autosuficiência compensadora“ idem, buscando o inalcançável, tentando superar as suas carências que estão disfarçadas pela sua postura de autonomia, sua imaginária independência e autosuficiência. Desta forma, a questão do narcisista não é o “amor por si mesmo, antes disso, o seu problema é o espelho que não o reflete mais do que ele próprio e, por isso, ele tem uma dificuldade de fazer uma exitosa transição do imaginário para o simbólico“, diz Zimmerman (2004, p. 266).

Durante a história da humanidade o homem sempre se pôs em risco de forma mais ou menos consciente. Muitos progressos, nas diferentes áreas, foram alcançados graças a essa maneira peculiar do ser humano. Entretanto, em vista das exigências colocadas para sentir prazer, o homem se põe em risco de maneira gratuita, como se observa nos modismos de risco gratuitos, como nos casos dos esportes radicais. O ser humano precisa aprender em sua vida a lidar com os estímulos constantes que buscam o prazer, seja atendendo ou não.

A estimulação constante para a busca do prazer pela mídia, por estímulos prazerosos, como alimentos saborosos, uma cerveja geladinha e uma relação sexual excitante, está associada ao que se poderia chamar de um sistema cerebral de recompensa, conceito que se acha também em outras teorias. Como sabemos pelas neurociências a complexa rede de neurônios é ativada quando fazemos atividades que causam prazer, implicando em alterações cerebrais, nas vias dopaminérgicas e serotoninérgicas. Um fenômeno que é registrado à semelhança do que ocorre com dependentes de drogas psicoativas ou com pessoas com transtorno alimentar, que tendem sempre a aumentar o consumo dessas substâncias ou de se privarem de certos alimentos para alcançar um tipo de prazer. O desgaste para sentir satisfação torna-se o propulsor de comportamentos de risco, os quais não são observados normalmente em outras espécies animais. Se algo fornece estimulação, uma recompensa, um prazer, há a tendência de repetição destes atos, que muitas vezes têm uma função biologicamente específica e essencial, como garantir a sobrevivência do indivíduo e da espécie, ao dar motivação para comportamentos como comer, beber e reproduzir-se.

No entanto, não somente as funções fisiológicas normais estimulam este sistema, mas também o fazem o álcool e outras drogas de abuso, e às vezes gerando um prazer muito mais intenso do que as funções naturais. Por isso, quando uma pessoa usa uma droga psicoativa e o efeito por ela produzido é de alguma forma agradável, este efeito adquire o caráter de uma recompensa, situação observada também no uso das drogas como morfina, heroína, cocaína, álcool e até mesmo a nicotina do cigarro. Embora possa provocar inicialmente euforia e bem-estar, dando aos adictos uma falsa idéia de efeito benéfico, as influências das drogas sobre o sistema nervoso central, ao tornar-se crônica pela repetição do uso, acabam conduzindo a um poderoso e inescapável ciclo de adição, muitas vezes danificando o cérebro e outros órgãos. Esta condição biológica e a dependência estão por trás de uma infinidade de dramas pessoais e sociais, práticas de roubo e assassinatos, num modificação talvez irreversível das sociedades, que sofrem pesadamente com o domínio ilícito das atividades de exploração econômica das drogas e tudo que envolve esse tráfico.

Precisa-se entender melhor os mecanismos psicológicos individuais e sociais que estão por trás do fenômeno da gratificação narcísica, da busca pelo prazer. Afinal, segundo Freud, o ser humano não é senhor de si próprio, enquanto sua liberdade estiver subjogado àquilo que ele não consegue controlar. Mas para que o sujeito possa fazer a experiência desta *ferida narcísica*, que lhe rouba a sua liberdade, precisa haver na sociedade, na qual vive, o reconhecimento consciente do inconsciente.

#### **4.1 Loucura e normalidade**

Este aspecto acha-se importante colocar diante da violência que se tornou cotidiana e desencadeia no ser humano uma atitude de indiferença, aparentemente inexplicável. Mesmo que a violência sempre fez parte da vida humana, um modo competitivo de convivência, que é típica do ser humano, e, em todos os tempos, incorpora-se ao cotidiano das pessoas, com características específicas de cada época. Sempre houve impunidade, abuso de poder, jovens sem perspectivas, miséria, injustiça social e excesso de armas, fatores que contribuem para uma escalada da violência.

O que muda no século XXI é a tolerância em relação a estes aspectos, onde por um lado temos as tentativas de conscientização do ser humano apoiada na declaração dos direitos humanos, externando a sua inconformidade, reclamando das instâncias, como das polícias, do poder político e da justiça, numa sociedade que deveria, por estrutura política vigente, coibir a violência. Por outro lado, são elas que muitas vezes contribuem para uma maior violência, por

omissão, principalmente nos países em desenvolvimento. Elas que teriam a incumbência de defesa do cidadão e da sociedade, se revelam como não confiáveis, corruptos e opressores do cidadão comum, da população em geral. E, por falta de uma relação de confiança, a sociedade também evita contribuir com as polícias, com os órgãos políticos, com os agentes sociais, com as instituições. Observa-se que há o medo de sofrer perseguições por atribuir-se a essas instituições um certo corporativismo. A existência desse medo é um obstáculo à consolidação dos direitos humanos.

Ainda que haja setores do Estado, Ong's, grupos religiosos, interessados em que a sociedade se instrumentalize e consiga se defender, a informação não chega a todos, não mobiliza o suficiente. O Estado falha por não ter setores capazes de mobilizar os meios à sua disposição e influenciar a comunicação de massa, informando e esclarecendo a sociedade sobre onde e com quem reclamar, onde trazer a suas reclamações, instalando ouvidorias, e por conseguinte, gerando mecanismos de defesa, e poder denunciar violações de seus direitos.

A ausência de creches e de pré-escola na periferia, contribui para a violência, pois a criança na creche recebe alimentação balanceada e educação, será estimulada, assistida e não estará tão exposta aos perigos das ruas, à violência em casa, e assim está mais garantida a sua integridade física e psíquica.

Esse estado de coisas representa um obstáculo à democracia no século XXI. Vítimas de arbítrio sempre existiram, mas estavam numa classe que não tinha como se manifestar. O que se observa, são estruturas que surgiram há muito tempo e desenvolveram mecanismos para se preservarem como tal, não admitindo mudanças profundas de reestruturação. Por outro lado, observa-se um avanço significativo em alguns setores da sociedade que acordaram, como em parte a classe média que demorou em abrir os olhos porque passava incólume pelo problema, pois havia as estruturas muito arraigadas e com altíssima capacidade de resistir a mudanças mais rápidas e eficientes. Assim, a sociedade terá que exercer uma enorme pressão sobre as instituições para alcançar mudanças substanciais.

Desse modo se observa que o ambiente inseguro, o abandono, o desemprego, a falta de perspectiva, a corrupção no meio político e judicial, e a falta de controle efetivo e inibição das instituições de justiça, principalmente, levam os jovens a serem mais violentos, perderem a sua auto-estima, se refugiando no uso e no tráfico de drogas, alimentando a violência em todas as camadas sociais, pois a impunidade geral incentiva à violência. E a violência desenfreada que se vê pelos meios de comunicação social, no ambiente de trabalho e no meio público, está se tornando normal, levando à banalização, quando ninguém se espanta mais com a bárbarie. Lembrando o que Hanna Arendt (1963 apud Roudinesco, 2000) falou, que a

banalidade do mal, “é a expressão não de um comportamento comum, mas de uma loucura assassina, cuja característica seria o excesso de normalidade” (p.123).

E, pelo fato das mulheres terem se incorporado ao mercado de trabalho, deixou, em parte, os filhos à própria sorte, em todas as classes sociais, desagregando as famílias. O mundo neo-liberal tirou o sentido da família, delegando-se a educação dos filhos às instituições, babás, TV - que cada vez mais reproduzem violência. Enquanto que os pais estão trabalhando para garantir o assim chamado futuro do filho, não acompanham o seu desenvolvimento social e psíquico, o que culmina num despertar na juventude dos filhos/as, quando não mais reconhecem o seu próprio filho/a, que passou a ser um desconhecido/a dentro da própria casa.

#### **4.2 O corpo e o abandono do corpo**

Um outro aspecto muito importante a ser mencionado é, na atualidade, a importância dada ao corpo, à hipervalorização da aparência física, e decorrente disso, os tantos transtornos relacionados que envolvem a saúde do corpo. Para tal Birman (2000) diferencia e diz que temos o corpo organismo e o corpo subjetivo, onde o organismo seria de ordem estritamente biológica e voltado para si mesmo, e sustentado por mecanismos automáticos de autorregulação e dirigido pelas leis da natureza. Enquanto que o corpo subjetivo seria de ordem sexual e pulsional, envolvendo simultaneamente a natureza e a presença do Outro. O organismo visto como objeto de estudo da medicina, e o corpo subjetivo como objeto de estudo da psicanálise em especial.

Assoun (1993, apud Fernandes, 2005), faz a diferença entre o corpo real, o objeto material e visível que ocupa um espaço e pode ser compreendido por um certo referencial anatômico, e o corpo carregado de subjetividade, de forças pulsionais caracterizado por Freud. A constituição do corpo pulsional, se deve principalmente pela participação de um Outro, que se apresenta como amparo para o organismo prematuro e desprovido de qualquer recurso para a sua sobrevivência. Logo, o corpo pulsional se constitui envolvido de subjetividade e habitado pelas pulsões. Onde o Outro é, portanto, o pólo investidor que vai transformar o corpo biológico em um corpo erógeno. Esse Outro seria a condição para que o corpo se torne um corpo próprio, constituído pela linguagem. Isso equivale a dizer que é o investimento libidinal no corpo da criança, realizado por esse Outro maternal, que, ao torná-lo erógeno, permite-lhe o acesso à simbolização.

Conforme Birman (2000), como o corpo é atravessado por forças pulsionais e ordenado pelo princípio do desejo, seria irreduzível ao conceito de organismo e submetido às regras da racionalidade biológica, mas estaria permeado pela alteridade, visando sempre a vinculação com um Outro, numa relação entre organismo e psiquismo. A partir dessa relação Freud formulou o conceito de pulsão, que vimos no capítulo 3, fundamental para a constituição da idéia de corpo. A partir da dependência absoluta e pelos cuidados maternos, que o organismo humano se transforma pelos destinos das pulsões. Seria pelo prazer proporcionado pelo Outro, pela oferta de objetos de satisfação, que o corpo-sujeito se constitui. O que levou Freud a dar importância para a sexualidade na psicanálise, onde a pulsão de morte seria substituída pela pulsão de vida através do erotismo.

O corpo se constitui assim, a partir de um conjunto de marcas impressas sobre o organismo, pelo contato promovido pelo Outro nos primórdios da existência do organismo, pelo prazer proporcionado pelo Outro, pela oferta de objetos de satisfação, que o corpo-sujeito se constituiria pela territorialização do organismo, a partir da dependência absoluta. É pelos cuidados maternos que o organismo humano se transforma pelos destinos das pulsões, assim, o erotismo é constitutivo do corpo-sujeito, Birman (2000). Nesse sentido, esse Outro seria o responsável direto pelas diferentes cargas pulsionais que fariam desse corpo algo definido pela capacidade de desejar. Se o organismo é prematuro e inviável para a vida, a produção do corpo indica a materialização de sua viabilidade pela tessitura do psiquismo. Portanto, não existiria qualquer oposição entre o corpo e o psiquismo, e seria possível, a construção do corpo-sujeito, *idem* (1998).

Há ainda o aspecto do corpo libidinal que Freud apresentou em seus trabalhos sobre a histeria, onde em um dos seus artigos inaugurais sobre a histeria, nos quais buscava demonstrar que havia diferenças entre as paralisias motoras orgânicas, as manifestações corporais da histeria, e a histeria em si, onde destacava que o corpo dos histéricos seria fundado nas representações populares, em ruptura com o corpo cientificista dos anatomistas, quando diz “a lesão das paralisias histéricas deve ser totalmente independente da anatomia do sistema nervoso” (Freud, 1905, p. 57). Isso o fez definir uma outra cartografia do corpo que envolve um corpo libidinal, que seria ao mesmo tempo, um corpo representado e imaginado, isto é, “a histeria se comporta nessas paralisias e em outras manifestações como se a anatomia não existisse, ou como se simplesmente a desconhecesse” *idem* (p. 57).

E de acordo com Quinet (2005), o que se rejeita ao se recusar a histeria é o próprio inconsciente, ou seja, o corpo do histérico que é envolto por uma carga pulsional e caracterizado por sua capacidade de desejar. Se rejeita as manifestações psíquicas na histeria

como transtornos, como o faz a psiquiatria atual, se rejeitando o sujeito em todas as suas dimensões: sujeito da história, sujeito de desejo, sujeito de direito, o psiquismo. O sujeito passaria, portanto, a ser compreendido apenas a partir do referencial orgânico, de modo que sua história de vida, e a sua subjetividade seria desprezada.

Freud chamou atenção ainda para a importância da cultura para a criação de uma imagem corporal nos diferentes sujeitos, o corpo imaginado. Esse corpo passou nas últimas décadas do espaço privado, do interior das casas e do espaço restrito das instituições de saúde, e saiu para o espaço público (Fernandes, 2005). E, a pós-modernidade se destaca pela exaltação do *sujeito fora-de-si*, ou seja, o sujeito da exterioridade e da *exaltação do próprio eu*. Onde o corpo passou a ser objeto de alto investimento, o estandarte da nossa época, ganhando espaços nas academias e nas clínicas de estéticas, nos spas, valorizando-se a boa forma e a saúde. O corpo como produto, o qual é visto pelo sujeito da pós-modernidade como o seu maior bem e merecedor de todos os cuidados e investimentos, e, enquanto sujeito deste corpo, o sujeito fora-de-si, busca incessantemente a perfeição da sua exterioridade, para que possa se apresentar como objeto de desejo do Outro.

Mas o corpo hiperinvestido também pode ser fonte de sofrimento e frustração, constituindo-se como meio de expressão do mal-estar contemporâneo (Fernandes, 2005). E esse sofrimento reclama novas formas de apresentação, cumprindo sempre a mesma exigência de se fazer escutar. Embora novas imagens tenham surgido, reflexo da mudança dos tempos, elas continuam, no entanto, a guardar a mesma característica das imagens dos corpos retorcidos das histéricas do século passado, ou seja, a imagem do velamento do sofrimento, do conflito e da dor. Pois, a histeria continua se utilizando do corpo como uma forma de expressão para os conflitos psíquicos, onde o corpo invadido pelo desejo é local de sustentação de conflitos provenientes do psiquismo, ou seja, território dominado pela subjetividade.

O corpo que possui alto valor na nossa sociedade hoje existe em detrimento do corpo subjetivo. Aquele corpo organismo que fora colonizado pela medicina, e tratado por remédios, aquele que se remete ao registro da exterioridade, o mesmo que sofre um hiperinvestimento por parte do sujeito pós-moderno, de modo a ser objeto de destaque na *sociedade do espetáculo* (Birman, 2000), ofusca o corpo subjetivo, aquele representado pelos atributos do inconsciente, que remete ao registro da interioridade, carregado de subjetividade, ele tem sido expurgado do cenário social e ignorado pelo meio científico.

Contudo, de acordo com o autor, a psicanálise pós-freudiana passou a primar por um modelo teórico em que os registros do pensamento e da linguagem foram mais enfatizados do

que os registros da corporeidade. “É sempre de pensamento e de linguagem que se fala, com a exclusão do registro corpóreo” idem (p. 88). Pois, para Freud, o corpo, as manifestações através do corpo, são expressão do que se passa no inconsciente do sujeito.

### **4.3 Estabilidade emocional e adoecimento**

Aqui pretende-se aventar alguns elementos que influenciam a emocionalidade e o adoecimento do sujeito, por exemplo, quando do surgimento de uma doença orgânica que vem sempre acompanhada de um impacto emocional, pois há uma interrupção na rotina de vida, desestabilizando as relações psicossociais. Os problemas emocionais que acompanham as doenças orgânicas podem estar ligados a alterações na imagem corporal, diminuição da auto-estima, perda de iniciativa, e sentimentos de incapacidade que acabam prejudicando a qualidade de vida. Principalmente, numa situação crônica de estresse que pode desencadear outras doenças, tais como, desequilíbrios psicológicos (ansiedade, depressão, fobias), desordens no sistema nervoso autônomo (respiratório, circulatório, digestivo) ou sistema imunológico (infecções agudas). Por outro lado, são as características de personalidade de cada um e a representação da doença, do adoecimento, para cada pessoa individualmente, que levam à reagir à situação de crise de modo diferente, singular, e exigindo cuidados específicos em sua situação.

Há ainda os transtornos que estão em evidência atualmente que são os transtornos da alimentação, os quais anos atrás eram praticamente raros, em especial a anorexia nervosa (nem se falava em bulimia), mas a incidência tem aumentado nos últimos anos, estão presentes no cotidiano, e na maioria dos casos ocorrem entre adolescentes e jovens adultos. Observa-se uma tendência no aumento muito grande de peso entre as crianças, espelhando o modo de vida incompatível com o que comem, quanto e porque comem. Há também o aspecto na anorexia nervosa e na bulimia, onde há o abuso de drogas, incluindo o álcool e o tabaco, sugerindo uma conexão entre os transtornos alimentares e drogas de abuso. Os transtornos da alimentação, geralmente, atingem parcelas da população mais privilegiadas economicamente. E, a mídia estimula o consumo desenfreado de produtos, e veicula, ao mesmo tempo, o corpo delgado como padrão de beleza e de saúde, o que revela uma contradição ideológica, passando a desempenhar um papel de comportamento homicida (Zago, 1999).

Certas políticas de saúde pública, amplamente veiculadas pela mídia, igualmente visam somente o sujeito estatístico. Uma delas é parte da política de redução de danos à

saúde pelo uso de drogas; por exemplo, fornecendo seringas descartáveis e orientando o usuário de droga, com o objetivo de evitar a contaminação pelo HIV (Marques e Doneda, 1999), ou como a ênfase sobre o uso do preservativo de látex como estratégia certa de não contaminação, além dos riscos, deixa uma mensagem velada de estimulação ao sexo desenfreado, promíscuo e banal, num real desrespeito à pessoa humana, fazendo jus a ideologia do sujeito estatístico. Levando a pessoa por um lado a se sentir apoiada pelo programa, por outro, continua sozinha na sua luta pela sobrevivência, perdida, solitária.

Pavão (1999) é taxativo ao afirmar que o poder financeiro e o poder da mídia têm provocado um aumento assustador do sofrimento humano que reflete especialmente no campo psiquiátrico, como: "depressões, o uso crescente de drogas, notadamente do álcool, a ansiedade que denuncia o pânico e o desamparo das pessoas diante de um mundo hostil; sofrimentos que refletem a falência dos projetos coletivos de vida..." (p. 33).

#### **4.4 Desamparo**

Em *Mal-estar na civilização* Freud (1930) coloca o iluminismo como fonte de desamparo, pois com a sua promessa de felicidade mediante a luz da razão, o ser humano seria conduzido à autonomia, ao estágio de sua maioridade, que seria sua saída da menoria, da qual ele próprio seria culpado. A minoria seria a incapacidade de fazer uso de sua razão sem o direcionamento de outrem (Kant), e juntamente com os avanços da ciência na Modernidade, fez a promessa de apaziguamento de seus sofrimentos e angústias. Contudo, devido à invasão da racionalidade no discurso da modernidade corroborada pelos avanços científicos, levou a queda do idealismo e do romantismo que estavam no imaginário do Ocidente. Assim, a condição de desamparo veio com força e se instalou inevitavelmente na sociedade moderna, observa o autor.

Um outro aspecto o autor resgata, a idéia de que a civilização para se constituir, tarefa esta imposta pela civilização, utiliza de meios para controlar as pulsões dos seus múltiplos membros, fazendo com que a mesma ofereça algo em troca, para de certa forma, amenizar as ameaças provocadas pelo desamparo originário, e por meio das ilusões, seria a forma mais eficiente de retribuição. Dentre as ilusões, pode-se destacar a segurança, a religião e, até mesmo a ciência que se utiliza de meios diversos para eliminar com os sofrimentos dos sujeitos, diz Freud. Mostrando que o aspecto do desamparo é condição originária do sujeito, e se refere à vinculação do sujeito a referenciais fálicos, condição esta, que é uma tentativa do sujeito de não se haver com sua condição originária de desamparo, para que não se

eventencie sua incompletude e fragilidade que lhe são inerentes e que lhe causam horror. Por isso, busca juntar-se a outros com o intuito de se sentir amparado e poder combater o desamparo originário, dependendo um do outro, mesmo que este Outro lhe sinalizará toda a sua incompletude e fragilidade que permeiam o seu ser. O que Birman (2000) confirma:

[...] o desamparo seria, não apenas inevitável, mas também incurável, já que não existiria qualquer proteção originária para o sujeito. Por isso mesmo, impõem-se ao sujeito a existência de gestão do mal-estar e do desamparo, pelo registro horizontalizado dos laços sociais (p. 142.)

Com as considerações do autor, pode-se destacar dois momentos distintos que evidenciaram os destinos possíveis para o desamparo. No primeiro momento do discurso freudiano, o sujeito poderia ultrapassar seu desamparo pelo domínio seguro das pulsões sexuais, pela sublimação. Por meio desta, existiria uma transformação do registro do sexual para o não sexual, pela transformação do alvo da pulsão. E, num segundo momento, Freud não acreditava mais nessas certezas iniciais, que o desamparo seria curado pela psicanálise, pois o sujeito jamais poderia se deslocar de sua posição originária de desamparo. Contudo, não significa dizer que o sujeito deve existir necessariamente com perturbações do espírito, sejam estas da ordem da neurose, psicose ou perversão. Contudo, a ilusão de que o mal-estar e o desamparo possam ser curados ainda permeia a subjetividade dos sujeitos. Neste sentido Freud utilizou a razão do iluminismo e a ciência, como meios pelos quais se tornaria possível solucionar o mal-estar humano. Hoje outros saberes emergentes passaram a ocupar o lugar deixado pela ilusão de cura, mas relançando as mesmas promessas. Assim, a psicofarmacologia, as neurociências e o cognitivismo surgem para relançar a crença e ilusão da subjetividade de que tudo ainda seria possível, alimentando a ilusão da harmonia.

Até mesmo a ciência é reflexo do desamparo, pois a busca incessante de explicações diante de qualquer problemática, onde aparentemente não há soluções, os diferentes sujeitos se apresentam inquietos e angustiados, desamparados, a ciência se coloca unipotente e se dispõe a solucionar todos os males da humanidade, baseando-se num referencial fálico. Mas se esquece que o desamparo humano diz respeito àquilo que é da ordem do psiquismo, do inconsciente, da subjetividade do sujeito, ou seja, algo de natureza incontrolável, não palpável, nem pela ciência empírica. Nesta condição a presença do Outro se faz necessária para que o sujeito, para que a vida seja possível, e sinalizará a sua incompletude e fragilidade que permeia o seu ser.

#### 4.5 Subjetividade e a angústia da escolha

Neste capítulo pretende-se verificar de modo fragmentado a influência do contemporâneo na psique do sujeito, diante da angústia da escolha. De acordo com Birman (2000), a modernização do social impõe novas exigências para a subjetividade, que deve ser permanentemente remodelada em consequência dos processos de transformação contínua da ordem social, que se realizam de forma intensiva e extensiva. O mundo tradicional seria, pois, desmapeado, perdendo seu traçado de linhas claras e precisas, elevando o potencial de incertezas de angústias do sujeito, já que este passa a ser exposto a maiores opções e escolhas, causando um angústia de escolhas. O sujeito passa a se inscrever num mundo que lhe abre muitas possibilidades, mas que também lhe aponta muitas impossibilidades existenciais.

A subjetividade construída nos primórdios da modernidade tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e reflexão sobre si mesma, atualmente, observa-se uma leitura da subjetividade em que o autocentramento se sustenta no valor da exterioridade. Com isso, a subjetividade passou a assumir uma configuração essencialmente estetizante, em que o olhar do Outro no campo social passa a ocupar uma posição primordial em sua economia psíquica. Ficando bastante evidente a importância do corpo para a compreensão dessa nova modalidade de subjetividade e, por conseguinte para o entendimento da histeria e da depressão na atualidade.

Conforme Mattar os limites da liberdade, da existência humana, dos processos psíquicos envolvidos, é determinado por uma situação concreta, limitada pelo espaço e pelo tempo, pois toda escolha implica em uma responsabilidade de opção. O medo advém da liberdade primordial da subjetividade, de poder-se optar por um caminho ao defrontar-se com uma situação, limitado por todos os aspectos da vida. Causando um angústia de escolha. Nossa existência é um compromisso com nossa liberdade, na qual o ser e o nada se entrecruzam, onde romper as barreiras exteriores e entrar em contato com a sua essência é trabalho árduo. E “a escolha implica em deixar muitas coisas nas trevas, um caminho implica a negação de vários outros. [...] que leva à um conflito diante de tantas possibilidades. “A eterna possibilidade de renovar suas escolhas é o que caracteriza o homem” (p. 170), investindo nisso sua energia psíquica. Mas quando por várias razões internas do sujeito não consegue renovar fica amarrado ao seu interior (Jung, 1999).

O ser humano em geral deseja uma vida simples, segura e sem dificuldades, por isso problemas são tabu. Se quer segurança e nenhuma dúvida, se quer resultados e não experimentos, diz o autor.

## 5 E A PSICANÁLISE?

Sigmund Freud, no início do século passado, uma época de forte repressão sexual, foi atacado quando lançava as suas idéias sobre a sexualidade humana, sobre a mente humana, dando início em 1896 à psicanálise como uma disciplina que inclui métodos terapêuticos, base teórica e um movimento político, que lhe possibilitam passar o seu conteúdo, o seu saber para as próximas gerações e formar analistas, e legando um método inovador de investigação, de observar e compreender a mente humana, o inconsciente, que hoje ainda serve de inspiração por excelência, nos mais diversos campos do saber. As idéias de Freud são usadas no significado mesmo de utilidade pragmática, como na expressão *Freud explica*, que se tornou um chavão da ideologia contemporânea. Freud “reuniu os pólos indispensáveis à própria fundação da psicanálise: a doutrina e a clínica, a teoria e a prática, a metapsicologia e a psicologia, o estudo da civilização e o do tratamento” lembra Roudinesco (2003, p. 75).

A psicanálise surgiu em Viena, no coração da monarquia austro-húngara e carregada pelos judeus do iluminismo, se instalou em mais de 40 países, que em sua grande maioria pertencem, ao assim chamado, mundo ocidental. Mas, houve duas questões que antecederam este movimento: o sucesso no saber da psiquiatria, isto é, o entendimento da loucura como um adoecimento mental e não como um processo demoníaco, e por outro lado, a existência de um estado de direito, que pode garantir a liberdade de reunião. E, diz ainda que, se o século XIX foi o século da psiquiatria e dos manicômios, o século XX foi da psicanálise e a troca dos manicômios pelas substâncias químicas, e o próximo século será o da psicoterapia de todos os tipos, e dos movimentos perigosos, como, por exemplo, o das seitas, que se ocuparão em massa com o mal estar psíquico, como resposta ao insucesso dos tratamentos com substâncias químicas.

Tratamentos químicos, o uso de remédios indiscriminado, numa sociedade que está cada vez mais individualista, alienada e depressiva, onde não há espaço, não se suporta mais o sofrimento, a farmacologia ainda se apresenta como salvadora para o tratamento do humor, por exemplo, onde se esquece que as causas verdadeiras não são combatíveis com medicamentos. Isto não quer dizer que as substâncias químicas não tenham a sua utilidade e tragam tranquilidade, quando o paciente está em crise, por exemplo, receitando-lhe um “anti-depressivo nas depressões endógenas e na doença do pânico”, diz Zimmerman (2004, p. 28), lembrando que Freud também já mencionara que no futuro haveria uma forma de inferir nos transtornos com substâncias químicas específicas, mas convém lembrar que elas não curam as pessoas de seus sofrimentos psicológicos.

Roudinesco (2003) menciona que a psicanálise, com mais de cem anos de existência e com resultados clínicos indiscutíveis, continua sendo muito criticada, justamente lá onde alcançou destacados resultados, por assim dizer, pelos adeptos do homem-máquina e pelas neurociências, que atribuem todos os problemas psíquicos à processos mentais, e afirmam poder curá-los com tratamentos químicos, que para eles são eficientes, e que combateriam as causas cerebrais da alma que sofre. Assim, o progresso farmacológico faz acreditar que se pode curar neuroses com medicamentos, esquecendo-se do inconsciente.

Com os avanços científicos investigatórios do cérebro pelas neurociências tenta-se questionar sempre mais a psicanálise, que prega que a psique do ser humano não se reduz a simples funções de seus neurônios, que com seu método exigente de auto-investigação, e com resultados clínicos indiscutíveis, se empenha na luta contra o crescente alienamento na sociedade moderna, que se ocupa mais com rendimentos tecnicamente possíveis de medir e com processos químicos, do que com o sofrimento da alma. Por outro lado, Zimerman (2004) observa que há uma tentativa de unir ambos os conhecimentos, o da neurociência e da psicanálise, formando o que chamam de *neuropsicanálise*<sup>8</sup>. Por isso, não se deve trocar a psicanálise nem com a psiquiatria, uma disciplina da medicina, que trata de doenças mentais, nem com as diferentes escolas da psicoterapia, que se ocupa com outras formas de tratamento das condições psíquicas, e nem com a psicologia que se ocupa com todos as formas de conexão entre a alma e o corpo, nem com a neurociência que se ocupa com os processos biológicos do cérebro. Mesmo que a psicanálise se diferencia de todas estas disciplinas, ela as influenciou e as enriqueceu na tão conflituosa história conjunta (Roudinesco, 2003).

A psicanálise atual é antes de tudo uma denúncia desse homem comportamental e biológico. O descobrimento freudiano é algo fundamental para as sociedades democráticas, com mais resistência nos países totalitários, pois Freud descobriu a grande filosofia da liberdade, aceitando a existência do inconsciente que implica em aceitar a idéia de que todos têm poder e a liberdade de explorá-lo. A autora afirma que a excusa dos ensinamentos de Freud é um sinal para o seu sucesso e ao mesmo tempo demonstra que nas sociedades do mundo ocidental houve uma perda da concepção do que é liberdade humana, numa demonstração de perda e de decadência do conceito de subjetividade a favor da individualidade. Pois, um psiquismo que tem como ponto de partida a articulação da teoria psicanalítica como uma teoria social, uma visão interdisciplinar, permitiria ver o sujeito, o casal, a família, a sociedade e a cultura como términos imbricados que se determinam

---

<sup>8</sup> Um movimento integrativo dos conhecimentos das neurociências, envolvendo o cérebro, o sistema nervoso e as respectivas orgânicas, e como as emoções influenciam todos estes, e não por último a farmacologia (Zimerman).

mutuamente. O psiquismo não aparece, portanto, confinado ao interior do sujeito, mesmo que do ponto de vista da psicanálise, o processo de subjetivação se desenrola, primariamente, no espaço intrapsíquico da família, e tem como um de seus elementos fundamentais a identificação, mas se estende ao plano subjetivo relacional com os semelhantes.

Zimerman (2004) apresenta do seu ponto de vista, as sete grande escolas da psicanálise hoje, que são “freudiana, kleiniana, autores da psicologia do ego, os da psicologia do self, a escola estruturalista de Lacan, as concepções provindas de Winnicott e as de Bion” (p.24), além disto apresenta quatro novos paradigmas que se desenvolveram após as descobertas de Freud. (a) O modelo freudiano que poderia ser denominado de *pulsão-regressão*, que seria “o embate entre as pulsões, principalmente os desejos libidinais proibidos, e os mecanismos de defesa do ego”; (b) O modelo de Klein e Fairbairn que poderia ser chamado de *a teoria das relações objetais ou objetal-fantasmático*, pois estariam em evidência as “fantasias inconscientes ligadas aos objetos parciais internalizados”; (c) O modelo de Bion que propõe o *vínculo-dialético*, “o qual baseia o trabalho analítico nos vínculos intra e intersubjetivos, de modo que o analista deve estar em permanente interação dialética com o seu paciente (a sua realidade psíquica)”, pelos *insights*, num “movimento espiralar ascendente e expansivo, promovendo um crescimento mental”; (d) O modelo atual que “se refere ao *déficits-vazios*, ou seja, à formação de verdadeiros *buracos negros* psíquicos decorrentes das falhas primordiais no decurso do desenvolvimento emocional primitivo“. Um sintoma atual que os pacientes apresentam, que se denomina de *patologia do vazio* (p. 24-25).

Mas, conforme Roudinesco (2003) deve haver um cuidado com a expansão do saber psicanalítico, pois se a psicanálise quer continuar sendo uma obra básica da civilização contra a barbárie existente, ela precisa achar o caminho de volta aos seus valores básicos e de validade geral, ela deve manter a sua identidade e singularidade, precisa lutar pelo valor do sujeito enquanto humano, longe dos dogmas das escolas e dos jargões, e permanecer na essência do humanismo, onde a pessoa tem o direito à liberdade de expressão, onde a sua existência não se reduza a uma condição biológica, a neurônios. Mas apoiada nas mudanças da própria ideologia da psicanálise, deve-se procurar a integração com as demais disciplinas do saber humano, desafia Zimerman (2004). Assim, a psicanálise poderia também no futuro, defender o seu lugar ao lado das outras ciências, e lutar contra afirmações dúbias de querer reduzir o mundo das idéias a neurônios, ou trocar o desejo com *excreções químicas* (Roudinesco, 2003).

## 5.1 Histeria

Destaca-se aqui um dos adoecimentos que com a sua sintomatologia se encaixa no modelo de ser na atualidade. E, como se sabe, o conhecimento da história da histeria, as diversas formas que tomou ao longo dos anos, juntamente ao entendimento dos desdobramentos ocorridos na nossa sociedade nos últimos anos, e a complexidade que permeia o psiquismo do sujeito histérico, juntamente com a plasticidade sintomática que caracterizam a histeria, e a compreensão da psicodinâmica da histeria, servirão de auxílio para se tentar compreender a posição assumida pela histeria nos dias atuais.

A expansão do saber médico acabou retirando a natureza *demoníaca* da histeria, mas continua desafiando a semiologia: seus *sinais* e *sintomas*, que mudam segundo a época, a cultura, os costumes e as conveniências, sintomas que podem ser transitórios, e se revezarem entre si, e não são necessariamente os mesmos para todos os indivíduos, apesar de se tratar da mesma patologia, e de certa forma, estarem presentes em todas as psicopatologias.

Do ponto de vista descritivo, a histeria é vista como uma neurose que se manifesta por sintomas variados, incomuns, bizarros e que podem variar, apresentando perturbações sensoriais, abrangendo os sentidos da visão, audição, paladar e olfato, levando à cegueira, surdez, afonia, tosse, náusea, vômito, soluços; ou sensações peculiares como a hipersensibilidade, anestésias, paralisias localizadas ou variadas, enxaquecas, dores agudas, para as quais nenhuma causa orgânica pode ser determinada, etc; ou abranger distúrbios e alterações motores, contrações musculares, convulsões, ou dificuldades em andar, paralisia total, tremores, tiques. E, segundo Freud, isto tudo é de motivação inconsciente, ou como disse Lacan, é a falta de saber sobre si mesmo.

Tanto é a falta de saber, que se observa uma atitude de indiferença por parte da pessoa histérica aos sintomas, por exemplo, quando alguém fala que ficou cego, reage como se falasse dos sintomas de outra pessoa, apresentando uma flagrante dissociação entre a reação emocional esperada e o transtorno apresentado pelo histérico. A intencionalidade do histérico com essa indiferença sobre seu estado é fazer o papel de vítima, provocando sentimentos de complacência dos outros, e que aceita esse destino cruel. E um dos males viciosos da histeria é o fato da pessoa ir incorporando esse sentimento de fragilidade interior, o qual fará com que vá se sentindo cada vez mais fraca e incapaz.

Observa-se em todas as neuroses, e é particularmente notável na histeria, o fenômeno do benefício emocional, primário e secundário. Assim, sempre que o sintoma servir para o alívio da ansiedade, de alguma emoção (medo, ansiedade, angústia, desespero, frustração,

etc.), há um mecanismo denominado de *Lucro Emocional Primário*. Diz-se primário, porque, numa economia interna, é dirigido ao benefício da própria pessoa.

Diante de um conflito, normalmente proporcionado pela discrepância entre aquilo que o histérico quer fazer com aquilo que ele deve fazer, ou ainda, com aquilo que ele consegue fazer ou com a situação que está acontecendo, o sintoma histérico convertido aparece para proporcionar algum alívio. Isto é, diante de uma situação vivencial potencialmente ansiosa, como pode ser o caso de uma briga entre seus pais, ou com o cônjuge, recorre a uma síncope conversiva (desmaio, por exemplo), usando um mecanismo psicodinâmico. Com isso, certamente estará se afastando da situação traumática, e se protegendo da ansiedade provocada pela briga, e até podendo despertar sentimentos de remorso nas pessoas responsáveis pela sua crise, juntamente com uma compaixão pelo seu estado deplorável. Inevitavelmente, a pessoa histérica receberá em seguida, um benefício junto aos espectadores, uma boa dose de carinho, obtendo desta forma, um *Lucro Emocional Secundário*, um benefício social, podendo até conquistar um suporte de aprovação, complacência ou compaixão do ambiente para com sua eventual falha funcional ou para evitar a realização da atividade que lhe é avessa ou nociva.

No quadro clínico da histeria, a cultura, tem um papel extremamente importante, pois influencia a forma e a manifestação dos sintomas, a sintomatologia. Assim, o meio cultural mais exuberantemente impregnado de superstições, crenças mágicas, possessões e demônios, pecados e castigos, e toda sorte de elementos sobrenaturais irão influenciar enormemente na proliferação dos sintomas da histeria. Isso significa que a doença é intencional e involuntária ao mesmo tempo, há algum planejamento (inconsciente), mas a pessoa não consegue libertar-se dele voluntariamente, isto é, não simula seus sintomas, não está enganando e não é falcatrua, mas está, de fato, sofrendo e percebendo subjetivamente seus sintomas.

Desta forma, observa-se que os processos são afetivos e se manifestam sutilmente através do corpo. Quando o histérico está triste pode ficar sem vontade de comer, quando está alegre pode apresentar muitos sinais de juventude, como risos constantes, excitação motora, etc, isto é, os afetos influenciam nas patologias do físico. A histeria está, portanto, ligada a processos psíquicos desencadeados por estes estados emocionais, ou vice-versa.

Observa-se em algumas pessoas históricas uma acentuada dependência emocional de outra(s) pessoa(s) íntimas, seja do companheiro(a), do(s) filho(s) ou dos pais. Por causa dessa característica, a pessoa histérica condiciona seus sintomas, crises e queixas ao estado da pessoa de quem dependem emocionalmente. E, quando percebe riscos nessa dependência,

falta de atenção dos filhos ou do cônjuge, ou outros, pode entrar em crise, demonstrando com isso seu clássico infantilismo e falta de maturidade da personalidade.

Assim, a histeria é uma psicose cujos conflitos emocionais inconscientes surgem na forma de uma severa dissociação mental, com sintomas físicos, independentemente de qualquer patologia orgânica ou estrutural conhecida, e ocorre quando a ansiedade subjacente é *convertida*, a conversão num sintoma físico, em sintomas sensoriais e motores, que são um salto das emoções para o orgânico ou físico. Esses sinais de padecimento estão claramente ligados às excitações, comoções, preocupações, etc., pois a histeria geralmente eclode por ocasião de acontecimentos marcantes ou em períodos críticos da vida do sujeito, e podem desaparecer sem deixar vestígio.

No entanto, o sofrimento do sintoma de conversão é equivalente a uma satisfação masturbatória (infantil), quando ocorre a escolha do órgão que é a sede da conversão, o excesso de energia passa do estado sexual-psíquico para o estado de sofrimento psíquico, e a persistência de uma zona do corpo que passa do estado de imagem inconsciente para o estado de órgão convertido. E, do ponto de vista econômico, a conversão é o excesso de energia em estado somático, e esse excesso de sobrecarga se distribui entre os diferentes membros da família auxiliar que é o eu simbólico.

Um outro aspecto é a depressão associada à histeria conversiva, estas pessoas com tonalidade afetiva depressiva sentem os estímulos aversivos, as dificuldades existenciais e os conflitos com muito mais intensidade. Isto é, a pessoa não terá uma crise histérica se não reagir exageradamente a um determinado estímulo, e se não tiver uma grande sensibilidade afetiva em relação a esse estímulo, e não terá uma crise histérica se não tiver um traço histriônico em sua personalidade.

A pessoa histérica tem os afetos e as relações interpessoais pueris, com predomínio da vida em fantasia como tentativa de negar uma realidade frustrante e penosa. E, por mais que lhe sejam dispensados carinhos e atenções, esses nunca são suficientes, e reclamam, insistentemente, que ninguém as entende. Estão sempre ensaiando e interpretando papéis com a maior facilidade, que acreditam adequados a si próprios, e deslumbrando e impressionando esteticamente, de uma maneira egocêntrica e infantil, segundo o momento e o contexto social. E pela sugestibilidade, os histéricos se apoiam naquilo que o meio oferece através dos valiosos suportes da literatura, do cinema com temas médicos, etc., para os seus fracassos, angústias, carências e fantasias histéricas. Aquilo que não pode ser dito em nível convencional é dito em um código particular, que tem o canal do corpo que não segue a anatomia, mas as significações que brotam da história do sujeito.

Na histeria, há algo que ordena negação e o denegrimiento da sexualidade da mãe, que necessita ser perpetuada, idealizando-se somente aquilo que se refere à maternidade como obrigação e não como prazer, já que é inibido tudo o que supunha a gratificação genital. Essas mulheres estão presas, de maneira inconsciente, às fantasias da cultura patriarcal, pois foi a partir das identificações diretas e cruzadas do complexo de Édipo, e entre o marco edípico a alguma raiz biológica, que surge o narcisismo. E essa determinação narcisista é a força que condiciona a intensidade das inclinações masculinas e femininas de todo o ser humano. E a bissexualidade ocupa um lugar central na conflitiva humana, em particular, na estrutura histérica. A sexualidade na histeria está ligada à essência de uma feminilidade que não se deixa aplacar e que seguirá pulsando, pedindo ser reconhecida, não através de palavras, mas através de sintomas.

A identificação histérica, a partir do complexo de Édipo, começou a perfilar-se como uma formação intermediária entre as identificações primárias (narcisistas), que precedem o complexo de Édipo, e as secundárias (simbólicas) que sucedem. A identificação histérica aparece assim, ligada tanto aos condenados desejos edípicos, quanto a uma ânsia de fusão com o ideal perfeito, onipotente e eterno. As diversas variantes de identificações históricas podem ser explicadas segundo a predominância das fixações narcisistas ou edípicas.

O ponto de fixação da histeria é fálico, sua defesa é a repressão, e a sua conduta é sedutora, teatral e exibicionista, que é a maneira de comunicar-se, através do corpo, com grande carga erótica. Denomina-se de fase fálica, uma fase evolutiva da sexualidade situada entre os 3 a 6 anos, na qual o menino como a menina, organizam as pulsões em torno do falo, do pênis (Freud), intimamente conectados às fantasias inerentes à angústia de castração. Freud considerou que o falo é concebido pela criança como sendo descartável do corpo e transformáveis (através do que se chama hoje de equações simbólicas), de modo que fica inscrito no eu, numa equivalência: seio=fezes=pênis=bebê, ou pênis=filho=fezes=presentes.

Pênis designa o órgão anatômico masculino, enquanto que o falo tem significado de natureza simbólica de poder, à sabedoria e à fecundidade. Segundo Lacan, o falo é o significante do desejo, representa o objeto de desejo da mãe, proibido ao filho. O falo como representante da falta, e ao mesmo tempo o fundador do desejo subjetivo, pois só se deseja o que falta. Dessa forma, o conceito de falo só adquire significado psicanalítico se for concebido simultaneamente nas três dimensões: do real, do imaginário e do simbólico.

A função fálica do pai estabelece o nome do pai (a lei), com o qual ele estabelece uma delimitação e hierarquia entre as gerações. Enquanto que a mulher fálica refere-se à fantasia inconsciente que a mulher teria um pênis, crença que deriva da negação da criança de que

possa, de fato, ter havido uma castração. Conforme Nasio (1991), as pessoas histéricas extra-sexuais pois não são nem mulheres e nem homens, elas são o falo, ou buscam o falo (complexo de masculinidade). Elas deslizam facilmente do papel masculino para o papel feminino e vice-versa, não conseguindo tornar seu, o sexo de seu corpo. A pessoa histérica pode passar a vida inteira acoçada por desejos e demandas para preencher esse vazio imaginário. O que torna a pessoa histérica extremamente frágil e instável.

Freud (1925) explica que há uma força (repressão), uma resistência, que rechaça, se opõe à emergência (recordação) de certos conteúdos reprimidos de natureza sexual, devido ao afeto penoso ou intolerável que despertam. Nos sintomas neuróticos, encontram-se reprimidos conteúdos sexuais pertencentes à infância (complexo de Édipo). Por isso, é difícil distinguir fantasias inconscientes de recordações reais, da realidade objetiva, que se tornaram inconscientes. Assim, deve-se considerar as fantasias na formação dos sintomas, elas são produtos inteiramente fictícios e arbitrariamente determinados pelo desejo (pulsão); A realidade responde ao registro de uma percepção da realidade objetiva e a recordação responde à uma produção desiderativa, à fantasias originárias (*Urphantasi*). Essas fantasias são com uma ponte que comunicam a realidade material com a realidade psíquica. E o inconsciente, como sistema, se move conforme o princípio do prazer, onde não são consideradas as leis da lógica formal nem tempo cronológico, mas um sistema no qual desvaneciam-se as diferenças entre o interno e o externo, entre o verdadeiro e o falso, entre o acontecido e o desejado.

O conflito psíquico é desencadeado por um afeto penoso que provoca dor psíquica (desprazer – angústia). O conflito psíquico se perfila entre o ego e uma representação inconciliável. A dissociação (cisão) da consciência é proposta em uma dupla dimensão: entre o ego e a representação, entre a representação e o afeto. O afeto das representações são as pulsões, que como uma carga elétrica é capaz de aumentar, diminuir, descarregar-se ou deslocar-se pela superfície dos corpos, através da conversão, que foi provocada pelo fracasso do recalçamento, que é a passagem da excitação do plano psíquico ao plano somático (inervação motoras ou alterações sensoriais).

O corpo histérico sofre por se dividir entre a parte genital, surpreendentemente anestesiada e atingida por fortes inibições sexuais (ejaculação precoce, impotência, aversão sexual, etc.), e todo o resto não-genital, muito erotizado e sujeito a excitações sexuais permanentes. Por isso, a histeria é o estado doentio de uma relação humana, em cuja relação a pessoa histérica tece a sua relação com os outros a partir de suas fantasias inconscientes, onde desempenha o papel de uma vítima infeliz e constantemente insatisfeita e descontente. E,

para atenuar a sua angústia a pessoa histérica, mantém o estado de eterna insatisfação, pois evita viver a satisfação de um gozo máximo, pois se o vivesse se dissolveria. Vivendo assim, uma fantasia protetora: a fantasia de castração, para não desaparecer diante de um gozo insustentável, criando assim, a ameaça fictícia de perder sua força fálica. O objeto ameaçado é o falo. E, esse medo habita o centro de sua vida psíquica. Por isso evita qualquer estado de prazer ou experiência que evoque um estado pleno de satisfação.

Nasio (1991) registrou algumas dicas quando se escuta uma histéria, que se pense no pai, pense que é o pai em seu interior que lhes fala, um pai magoado e com a voz distante. E pense numa menina sem rosto e sem sexo, como uma boneca de porcelana, num corpo, nos gestos de sua mão que são como se fossem a emanção da presença do pai, presença viva, principalmente se estiver morto, ou apagado em sua vida. Sofre por não saber quem é. Sua mente é povoada por seres fortes e inatingíveis e de seres fracos e dignos de pena. E a escuta pode gerar um novo sentido ao sintoma, pela interpretação. Assim, as condições de análise reproduzem três ficções perigosas, três máscaras ameaçadoras do Outro que suscitam angústia: o Outro castrado, o Outra da lei, O Outro do desejo perverso. O outro castrado é a figura materna castrada, a mãe monstruosamente bela. O Outro da Lei, proibição do incesto, que é o pai terrivelmente protetor. O Outro perverso, é o pai afeito ao gozo com todas as mulheres, e na fantasia também por mim, mesmo que tenho medo de ti, mas tome-me em teus braços, de um pai perversamente apaixonado. O desejo da histérica é de sustentar o desejo do pai (Lacan).

A frustração de amor agenciada pela mãe, concomitante com a função paterna não funcionando como lei, como interditora, com um pai que não castra, mas seduz, torna o sujeito um eterno reivindicante desse amor incompleto, colocando-se como um objeto desvalorizado e incompleto também (incapaz de satisfazer a mãe). Tornando-se objeto de desejo, não mais da mãe, mas também do pai, constrói assim, a fantasia de sedução do histérico, onde a mãe é a única castrada nesta cena da fantasia, pois é sempre a castração do Outro. Há duas ameaças que convergem para a angústia de castração: uma que entra pelos olhos – o corpo materno, e a outra que entra pelos ouvidos – a voz paterna. Bollas (2000) diz que as constantes visitas dos histéricos ao hospital são como uma busca contínua, um apelo para que a mãe volte a cuidar deles e para que possam redescobrir o corpo do bebê como algo desejável (Dor, 1991).

O desejo do histérico é sempre manter o seu desejo insatisfeito, à medida que se identifica com um objeto frágil e insatisfatório em relação ao desejo da mãe. Para manter seu desejo insatisfeito, não coloca outros objetos como substitutos possíveis, mantendo assim, o

desejo como resposta a um ideal de ser (aquele que acha que poderia ter sido para o Outro). Na histeria, deseja ser o falo e não tê-lo, portanto, recusando-se a aceitar o encontro com a falta. Recalca a função paterna (pai caído), até porque não a teve como lei, não sabe o que é uma mulher e o que esta deseja.

De acordo com Bollas (2000), nos dias de hoje, o sujeito histórico continua a se apresentar aos médicos e hospitais sob o pretexto de uma indisposição corporal, na melhor das hipóteses para mostrar uma nova doença que encontrou ou, na pior, a fim de ter uma parte de seu corpo removida desnecessariamente. Estas seguidas visitas dos históricos aos hospitais representam um contínuo apelo de que a mãe volte a cuidar deles e redescubra o corpo do bebê como algo agora desejável.

As constantes mudanças na sociedade citadas nas linhas acima, faz da histeria uma forma bastante complexa de expressão da subjetividade. As tantas caras da histeria leva alguns autores a falar em histerias (Zimmerman, 2004). Nesse sentido, a ciência empírica não encontra meios de obter o controle das mais diversas formas de expressão da histeria. Talvez, por isso, a histeria foi sendo aos poucos descartada pela medicina, destrinchando-a em uma série de transtornos que se remetem a um referencial orgânico, para que se tornasse objeto de pesquisa, onde não há lugar para a expressão dos afetos da subjetividade.

Diante disto a histeria se adequa a sociedade atual sobre o aspecto do nem sim e nem não, do instável, numa constante fuga da verdade penosa. A existência da ambigüidade também incentiva um estado mental inconstante, passa de um estado, humor, afeto, atitude, idéia, identificação, para o outro de modo que ambos se anulam (Zimmerman, 2004).

## 5.2 Depressão

Dentro deste mesmo intento de buscar nas queixas e na sintomatologia esclarecimentos sobre o adoecimento e sua expressão na atualidade, busca-se as palavras de Roudinesco (2003) que observa que na época de Freud os olhos da psicologia se concentravam na histeria, e nos tempos atuais se ocupam com a depressão. Cada ser humano tem um lado depressivo, momentos de tristeza, diz a autora, mas a depressão não é feita de momentos, é um estado, uma doença. Ela afirma ainda, que depressão é praticamente a mesma coisa que histeria – somente com outro *manto*. Lembrando que a histeria no começo do século 19, era uma revolta contra as opressões sociais *carcon idéologique*, como, por exemplo, a família patriarcal. Hoje chegamos exatamente no outro extremo: a cultuação em redor do *eu, culte de soi*, a felicidade individual e a liberdade se encontram em primeiro plano

em nossas democracias. Por outro lado, vivemos numa situação, na qual perdemos os ideais, os valores de preservação da integridade humana. As rebelhões frustraram, o modelo comunista pertence ao passado e o capitalismo triunfa. Há antes um tédio que ameaça a sociedade. Saber que temos que aguentar a ordem reinante, torna as pessoas doentes, pois a estrutura das nossas sociedades ocidentais são por elas mesmas *depressivas*. Portanto, qual seria a relação entre adoecimento psíquico e a sociedade na qual vivem as pessoas, idem.

A depressão é uma doença muito importante nesse momento da história do mundo. O depressivo não é, necessariamente, uma pessoa triste, desligada, que chora, que se sente culpada. Há pessoas que estão rindo o tempo todo, há aqueles que criam atritos de todo tipo para fugir da depressão, e há ainda depressões mascaradas, que aparecem de forma somática, isto é, pessoas que estão muito bem aparentemente, mas tem um profundo processo depressivo, e esse estado pode expressar-se, por exemplo, através de gripes constantes, de transtornos gastrointestinais, de conduta (como agressividade, violência), de sono, de mortalidade, de alterações de concentração, de atenção, e às vezes apresentar complexos fenômenos psicossomáticos. A depressão é como um *iceberg*, aquela montanha de gelo, da qual só se vê a ponta.

Porém, da tristeza que as pessoas têm temor, aquela da qual fogem, ou para evitá-la ou não senti-la usam drogas legais ou ilegais, engordam ou sofrem de bulimia ou anorexia, etc. envoltos em uma tristeza terrível. No fundo dessas vivências, estão as vivências de desintegração, de morte. É uma tristeza profunda de morte que pode mudar o sentido das coisas, ao ponto desta vivência negativa não ser mais rejeitada, mas exercer uma atração patológica, onde a morte aparece como a salvação, a única esperança, de uma outra vida. O que Freud chamou de pulsão de morte.

O mundo mecanizado, robotizado que o próprio ser humano criou, está se tornando inadequado para a vida humana, pois desvalorizou a pessoa humana. Especialmente os jovens que aprendem daqueles com quem convivem no mundo, onde a morte e a destruição são mais importantes do que a vida, onde se adota condutas nas quais a morte, e não a vida, prevalece. Causando crises de valores que levam a psicopatologia humana, principalmente, as pessoas mais vulneráveis e com tendências depressivas. São pessoas que em seus primórdios de vida tiveram dificuldades de formar vínculos, sofrendo com a falta de cuidados e com o abandono, por separação precoce da família ou por desleixo, o que leva à depressão (Roudinesco, 2003).

Através de muitas contribuições de conhecedores da infância, sabe-se que uma criança necessita, para o seu desenvolvimento sadio, de tempo e de dedicação, formação de vínculos, de contato físico sadio, de constância de objetos de amor, de palavras, para que possa ser

independente e fortificar a sua auto-estima. Assim, uma mãe triste, que, eventualmente, ainda fuma o tempo todo, fala muito tempo ao telefone, deixa a televisão ligada, e ainda amamenta o seu bebê, etc., vive uma vida que ela mesma não tolera, transmitindo uma posição de não-amor à vida.

Dr. Harlow nos anos 60, fez um teste com filhotes de macaco para verificar a questão do afeto no crescimento e desenvolvimento dos mesmos. Ele separou os macaquinhos em três grupos. O primeiro grupo ficou com a mãe macaca; o segundo recebeu uma mãe macaca que era feita de arame e coberta de pele, era um brinquedo, onde a mamadeira nos peitos alimentava os macaquinhos, que brincavam, iam e voltavam, subiam na mãe; enquanto que o terceiro grupo recebeu uma mãe só de arame. Era uma figura muito estranha com mamadeira nos peitos. Enquanto que os macaquinhos criados por sua mãe de verdade se desenvolveram bem. E sempre que os macaquinhos se assustavam, fato ocasionado, artificialmente pelas luzes elétricas ou barulhos fortes colocados em caixas dentro da gaiola, eles corriam para junto da mãe e ficavam com ela, depois voltavam a experimentar o que era aquilo. De outro modo, aqueles criados pela mãe boneca, com pele, que tinha cheiro de macaco de tanto que urinavam e defecavam sobre ela, iam e voltavam, e quando ficavam com medo ou tinham alguma dificuldade, alguns conseguiam sair da situação, enquanto que outros fracassavam. Observou-se que os macaquinhos criados pela mãe de arame apresentavam vários transtornos e depressão profunda, incapacidade de enfrentar as dificuldades colocadas e morriam quase sem se defender.

Baseado nesta experiência, acredita-se que o ser humano tanto mais necessita da presença de uma pessoa que vincule com ela. No entanto, observa-se entre os humanos, que seus filhos, muitas vezes, são delegados às babás, às crechês, a instituições, a TV, a internet, retirando-se do papel de ter que formar vínculos para a saúde principal que é a sua psique. Nenhum animal da escala biológica abandona seus filhos, como faz o animal humano. Parece que se esquece que o ser humano é biológico e subjetivo ao mesmo tempo.

A depressão é uma enfermidade básica mais importante da sociedade atual, e é explorada pelas indústrias farmacológicas, e com capitais fantásticos e com muito técnicos trabalhando na produção de medicamentos, tem oferecido uma grande quantidade de medicamentos. Por outro lado, há uma grande parte da população que se droga com drogas lícitas como o álcool, o tabaco, as benzodiazepinas, ou outros sedativos; e além destes, há ainda as drogas ilegais que se tornaram muito comuns nos últimos tempos.

A máfia que envolve todo tráfico de entorpecentes no mundo, movimenta muito mais do que apenas o tráfico de drogas, financiando movimentos políticos, tráfico de influência e

criminalidades de todo o tipo. O ser humano mais suscetível, mais imaturo, com menos amor, e mais vulnerável, acaba se entregando ao mundo fantasmático causado pelas drogas. E a cocaína se oferece como a substância milagrosa. Pois a organismo humano, como todo o fenômeno biológico de reciclagem, a medida de que produza neurotransmissores, poupa noradrenalina. E, a adrenalina e a dopamina são neurotransmissores que exitam, fazem ter vontade de viver, ter energia, ter alegria, emoções buscadas artificialmente. O organismo as produz e as poupa. O depressivo tem falta disso, e a cocaína corta a poupança, inibe a recapitalização. O organismo produz, e não poupa, e chega ao esgotamento. Por isso ocorre a depressão pós-cocaína.

Zimerman (2004) diz que as pessoas que procuram atendimento hoje apresentam “queixas de problemas relativos a algum transtorno de identidade“, [...] “sentimento de baixa auto-estima, [...] “quadros depressivos e também de indivíduos estressados, com um alto grau de angústia livre“ (por exemplo doença de pânico) (p. 21). Outro aspecto já comentado anteriormente são pessoas que apresentam um falso self: “transtornos narcisista, patologias regressivas, como o são, por exemplo, as psicoses, os borderline, os perversos, os somatizadores, os transtornos alimentares (tipo bulimia e anorexia nervosa)“ idem. Sobretudo em jovens que usam drogas verifica-se perversões e psicopatias. E a nova cara entre os transtornos, a *patologia do vazio*, ou buracos negros, que apresenta uma aspecto diferente de queixa, não mais de culpa por desejos e sentimentos proibidos, “que sofrem uma ação regressora e de fuga, promovida pelos mais diversos mecanismos defensivos“. [...] A queixa inicial dos pacientes é, frequentemente, “a angústia existencial quanto ao sentido de por que e para que continuam vivendo, ou seja, quanto à validade da existência em si“, girando “em torno das carências, provenientes das faltas a falhas que se instalaram nos primórdios do desenvolvimtno emocional primitivo“ idem.

As condições na sociedade em que vive o indivíduo hoje para conseguir um lugar ao sol, a luta e as exigências colocadas podem levar a fracassos e estes, a falta de auto-estima, consequentemente, a depressão. Zimerman (2004) lembra que o fato de ter aumentado o número de pacientes com depressão que procuram ajuda, se deve também ao movimernto atual de mudança de perfil das pessoas que buscam tratamento, idem (p. 300).

## CONCLUSÃO

Em todos os tempos, as questões a respeito da ciência pura ou grandiosa, das possibilidades de novas revoluções científicas, de temas como a origem da vida, do começo e do fim do universo, das teorias sobre a matéria e sobre energia, como também a indagação pelo conhecimento absoluto, e explicações para adoecimentos, sempre foram buscadas pelo ser humano, procurando compreender o funcionamento da natureza, dos fenômenos do corpo e da mente humana, da mente de Deus, de algo superior, ou mesmo encontrar a pedra filosofal ou o Santo Graal, a felicidade, numa busca incessante. Por outro, o sujeito é confrontado com as dificuldades do dia-a-dia, como sustentar a família, seu emprego, seus amores, seus filhos, etc, inserido numa cultura, a mercê dos costumes reinantes, da moral, da ética, do modo como externam seus sentimentos, e como adoecem.

Durante a pesquisa pôde ser verificado que há um abismo entre os conhecimentos conquistados, o desenvolvimento tecno-científico, filosófico e psicológico, por exemplo, e o que realmente alcança a sociedade em geral, a mente, a consciência das pessoas para poder influenciar, modificar positivamente o desenvolvimento humano. Este abismo é um dos responsáveis, ao meu ver, pelo fenômeno do desequilíbrio de possuímos, de um lado conhecimentos, saberes e direitos humanos conquistados e, de outro, a barbárie humana, contra os seus semelhantes e contra a natureza, que é aceita, tolerada, velada, onde todos sabem, no entanto, nada fazem decisivamente, culminando numa falta de raciocínio e consciência da realidade, numa cegueira a respeito de si, do contexto e do cenário histórico, atrelado a uma busca desenfreada por alguma coisa que nem o sujeito sabe o que seria, parecendo que tudo é permitido, tudo é possível, contanto que se proteste, se destrua, se explore, se odeie, se tenha prazer a custo de tudo e de todos, envolto na violência que ameaça a sobrevivência da raça humana.

O ser humano atual se descobriu multi-facetário, inconstante, maleável, adaptável, sem paradigmas e sem interditos. Cenário este que tem levado a muitas falcatruas e falta de seriedade, na ciência, na farmacologia, na psicologia, nas igrejas, contanto que se ganhe dinheiro, surgindo uma gama de ofertas sempre crescentes de falsas sabedorias. Se de um lado a diversidade revela a riqueza, em toda a sua plenitude, por outro, levanta dúvidas, deixando o sujeito desorientado, principalmente, pelas constantes e rápidas mudanças, em que não há mais certezas, tudo é provisório, tudo é relativo. Revelando os limites do pensar, do sentir e do fazer humanos, observando-se que as pessoas se deixam levar por teorias infundadas, que interessadas em ganhar dinheiro, o fazem à custa do sofrimento humano, como nos cursos de

psicanalista de três meses oferecidos no comércio livre, ou da promessa de prosperidade pelas igrejas evangélicas.

Neste sentido pôde ser observado na pesquisa que o ser humano na busca por respostas, curiosidade inerente a ele, sofre influências de quem vende a imagem de saber mais, como os meios de comunicação social, que aliados ao mundo globalizado, cuja ideologia é o poder econômico, incentivam o consumo de conhecimentos e de produtos, de ideologias e de atitudes, de toda a ordem. Neste movimento se misturam o espaço privado, familiar, com o público, numa espetacular transformação, onde ser artista, ser modelo, estar no mundo do espetáculo, como mostra Birman, seria um dos modos privilegiados de estar no mundo, isto é, estar no espaço público, na mídia, na tela da TV, nas comunidades do Orkut ou teclando no MSN, Skype, num movimento que transmite a sensação de pertencente a uma ampla *comunidade*, que acolhe tal qual uma grande *mãe cultural, a tribo*. Não mais minha família, não mais a minha pátria, não mais a minha comunidade, vale a minha *tribo*. Tudo indica que se busca avidamente a exibição do que é mais pessoal, privado e cotidiano, sob as luzes e diante das câmeras de TV, a verdade mais íntima do ser humano, e se olhar nela, insistentemente, como no caso do *Big Brother*. Buscando estar junto, conviver, onde trocar significa, antes de mais nada, exibir um corpo belo, com musculatura perfeitamente definida, mostrar-se disponível a meteóricas paixões, aceitar o amor à banalidade, tendo como meta a eliminação do outro, a concentração das energias na anti-convivência, na anti-criação, na obediência ao script midiático, na anti-experiência, em nome de um possível prêmio em dinheiro e de um sucesso que reproduzirá, num ciclo interminável (paradoxalmente efêmero) a própria cultura da mídia, em que o sujeito é prisioneiro de suas próprias descobertas.

Fenômeno que se observa também nas famílias, onde os pais trabalham, não tem tempo para os filhos, estão cansados, irritados, os filhos mimados pelo ter, onde cada um acaba fazendo o que lhe dá mais prazer, um olha televisão, o outro fica na internet falando com a sua tribo, o outro lê, e assim por diante, sem interação, sem falarem um com os outros, se individualizando, se isolando, entrando em sofrimento pela sua falta de sentido, em que os mais próximos acabam sendo os mais desconhecidos. Sem dúvida, essa é uma questão crucial, considerando a formação do jovem, que na busca por identidade, no processo de tornar-se um adulto numa determinada cultura, precisa de vínculos e de identificações. Mas o mundo que o cerca é percebido globalizado, onde o consumismo, o ter, é colocado como forma absoluta de valor de vida, propiciando relacionamentos em que a afetividade é substituída por mera troca de objetos, também com os pais. Esse aprendizado do outro-coisificado pode prejudicar, o jovem em formação subjetiva, que busca em seu íntimo por respostas mais positivas para o

conceito de si mesmo e de um posicionamento social mais construtivo e participativo, levando-o, numa busca de superar esta situação de desamparo, ao refúgio, principalmente, das drogas que podem acenar como a *solução mágica* para o problema, para o desamor, de um mundo sem sentido, só de aparências, regido pelo princípio do prazer.

Como consequência observa-se a crescente delinquência juvenil que aponta algumas das grandes transformações que vêm ocorrendo na família ocidental. A liberalização dos costumes, a perda da autoridade do pai e a precariedade própria da economia moderna tiraram sua orientação e controle. Antes considerada célula-base da sociedade moderna, a família parece cada vez menos capaz de transmitir os valores que por tanto tempo consolidou. Isso poderia condenar a ordem familiar e, conseqüentemente, a possibilidade de os indivíduos se construírem como sujeitos, pois perdidos se encontram sem base de orientação e identificação, e o fato de não se sentirem amados, de não ter vínculos fortes, reduz os sentimentos de auto-estima, que levam à insegurança, ao desamparo, à propensão à violência.

Numa sociedade avassalada por uma aceleração de mudanças, na qual as configurações e os arranjos familiares e conjugais são cada vez mais múltiplos e variados, as ligações afetivas tendem a ser pouco duradouras, e os investimentos, de grande risco, em que a instabilidade é um imperativo, e a questão do que se transmite e como se transmite, fica sem resposta, em que tudo que representa a tradição virou nome feio. Verifica-se que as formas de transmissão do psiquismo entre as gerações que consistem na identificação com os modelos parentais, incluindo os desejos narcísicos dos pais que projetam nos filhos, os vínculos inconscientes e intersubjetivos, cujo processo está ligado a história do indivíduo, e a transmissão genética das gerações precedentes, a pré-história do sujeito, o que Jung chamou de inconsciente coletivo, é prejudicado violentamente, causando uma instabilidade na manutenção e na continuidade, bem como nos mecanismos de defesa e identificações.

Sabe-se que a transmissão desses conteúdos entre as gerações, é feito por meio das alianças inconscientes, que possibilitam a criação de vínculos, dentro de um espaço intersíquico do grupo familiar, cuja dinâmica sustenta a transmissão de conteúdos inconscientes dos pais, de seus conteúdos narcísicos que permeiam a estabilidade subjetiva, os vínculos intersubjetivos. Uma complexidade que envolve o processo de subjetivação - o que Freud tentou evidenciar em Totem e Tabu. Dessa forma, cada uma das figuras parentais traz seus desejos inspirados na representação de seus respectivos antepassados, numa cadeia ancestral, e esses desejos são projetados no filho que, por sua vez, deveria encontrar nos pais um modelo de identificação, o que hoje parece estar perturbado.

Os estudos sobre a transmissão psíquica se fundam na articulação entre as perspectivas estruturais da família, e mostraram que a história familiar precedente serve de base para que o indivíduo retire dela material necessário às suas fundações narcísicas, como vetores da subjetividade. Nesse processo, ele recebe não só uma herança intergeracional organizada por meio de vivências psíquicas elaboradas, tais como fantasias, imagens e identificações que se fundam em uma história familiar, como também uma herança transgeracional, que consiste de elementos brutos, provenientes de vivências traumáticas, de não ditos (segredos) e de lutos não elaborados. Justamente pela falta de elaboração em gerações anteriores é que esses elementos reaparecem assimilados pelos sujeitos da geração atual. Assim, conclui-se que o movimento pró feminino e pró igualdade que vem sendo elaborado a séculos, explodiu no século XXI, em forma de narcisismo e da patologia do vazio, que justificaria o estado de desordem no palco mundial, político, psicológico e familiar.

Se prestarmos atenção à atitude dos pais ditos afetuosa para com seus filhos, parece mais uma revivência e reprodução de seu próprio narcisismo, a supervalorização com estigma do narcisismo, sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho, de ocultar e de esquecer todas as suas deficiências, enfraquecendo o seu super-ego, oferecendo o palco para que o id possa seguir o princípio do prazer, ignorando o princípio da realidade, da cultura, da ancestralidade, suspendendo o funcionamento de todas as aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e reivindicando privilégios, há muito por eles próprios abandonados. Assim, a criança terá mais divertimentos que os pais, não ficará sujeita a interditos culturais, mesmo reconhecidos como supremos na vida, se mostrando incapazes de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutaram.

O sujeito não está disposta a renunciar à perfeição narcisista de sua infância, projetando diante de si como sendo seu ideal, o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal, a majestade o bebê. Palco ideal para a histeria e sua sintomatologia típica, justamente pela falta de elaboração em gerações anteriores, é que esses elementos reaparecem assimilados pelos sujeitos da geração atual que reverencia o corpo e as aparências, a teatralidade. Ou culminado na falta de sentido, no vazio, na depressão (patologia do vazio) conforme Zimmerman, “nos *buracos negros* psíquicos decorrentes das falhas primordiais no decurso do desenvolvimento emocionalmente primitivo“ (p. 21).

Esta inversão de valores no mundo contemporâneo, levou ao combate da autoridade do pai, da tradição, da moral, da sinceridade, da honestidade, dos interditos, os quais, na realidade, nos fazem humanos, seres culturais. Este movimento fez surgir uma cultura do narcisismo e do individualismo, uma religião do eu, uma preocupação com o instante, uma

abolição fantástica do conflito e da história, levando ao surgimento de uma sociedade sem interdito, fascinada como Narciso pela sua imagem, numa crise de identidade, e passando a negar o envelhecimento, a diferença das gerações, elevando a juventude. Numa sociedade narcísica, onde o indivíduo é perfeito, não tem falha, e a sua sociedade funciona assim, higienizando qualquer indivíduo que não preencha estes valores, ou que não queira se submeter, como no pragmatismo americano, ou levando ao isolamento por não se adaptar às exigências colocadas pelo meio.

Resume-se esta loucura humana que não consegue harmonizar conhecimentos com atitudes, com as palavras de Dalai Lama no início do trabalho, movimento este que está deixando o sujeito do século XXI insatisfeito, infeliz, perdido, desorientado. Confrontado com o fato que não acha a felicidade, não alcança o Santo Graal, se descobre levado pelos prazeres, isto é, com o id pilotando a sua vida, onde o sexo desenfreado como na pornografia, violência com cara de barbárie, passividade com cegueira política, são partes integrantes de sua sociedade. Levando a sentir a necessidade de voltar à ordem natural, à cultura, à civilização, pois o ser humano como tal, só se constitui subjetivamente formando vínculos, e através de interditos. Para tal precisa dar subsídios ao super-ego e espaço ao ego, para que este assuma a direção na busca pela harmonia, na busca pela felicidade, apesar dos avanços tecnológicos, apesar da contestação de idéias, do comportamentalismo, do determinismo biológico, genético, apesar da redução do sujeito a causa e efeito, apesar da globalização.

Uma das tentativas atuais de sair desta infelicidade, como vimos, está sendo a histeria, que se adapta às condições de constante incompletude, na busca do amor da mãe e do interdito do pai, se faz bonita/o num corpo sarado na teatralidade das aparências. Ou a depressão, quadro que aparece em diversos transtornos, em que o sujeito impotente diante da não felicidade, de não achar o caminho, de não ser amado, da não certeza do amor, o leva a falta de auto-estima, à patologia do vazio. E a sociedade é mestre nas ofertas para preencher este vazio, em que prevalecem o ter e não o ser, quando a aparência diferente da idealizada afasta as pessoas, leva a não saber o que escolher diante de tantas possibilidades de ter, provocando a angústia da escolha, permeado também por uma escolha imposta pela mídia, pelos amigos, pelos pais, castrando a sua liberdade, influenciando o seu modo de ser e estar.

A base de orientação do sujeito enquanto humano é a sua cultura, suas tradições, seus interditos, diferente que os animais que são guiados pelos seus instintos. Assim, através deste trabalho foi possível levantar alguns indicadores, responsáveis por levarem o sujeito ao sentimento de vazio, a um vácuo existencial, o que talvez seria a patologia do *Zeitgeist* atual, o fenômeno existencial do século XXI, onde o sujeito não percebe mais, onde estão os limites

do sujeito civilizado, se diferenciando do sujeito selvagem, não lhe é mais dito o que deve e o que não deve, o que é adequado ou inadequado numa convivência onde reina o respeito ao Outro e a si mesmo, conseqüentemente não sabe o que quer. Ele está condenado à liberdade (Sartre e Camus), sofrendo da angústia de escolha. Esta falta de sentido, isto é, a sensação de falta de sentido, que seria uma das causas para a fuga no alcoolismo, consumo de drogas, criminalidade, agressões, ódio contra algo desconhecido, etc.

Verificou-se ainda que a família contemporânea é tanto liderada por homens, mulheres e homossexuais. Homossexuais, que manifestam o desejo de se casar e criar filhos, adotando a ordem familiar, num forte *desejo de família*, numa busca de normatização, uma forte vontade de integração. Fica a indagação se este desejo é o fim do ciclo de inclusão dos homossexuais na ordem familiar ou seria um movimento de retorno à família, impulsionada pela busca por uma nova ordem familiar desejada por todos os sexos?

No entanto, o que significa isto quando se olha para as famílias de hoje, rompidas e recompostas muitas vezes, cortando todos os laços com os costumes anteriores, invadida pelos novos recursos da técnica de reprodução, que prescindem da prática natural do coito entre homem e mulher, provocando uma revolução no próprio conceito de família, que ainda significa a união, reconhecida e apoiada pela sociedade, entre um homem e uma mulher com fins de criar e manter os filhos. Mas, em que hoje é a mãe que determina quem vai ser o pai da criança, passando o homem a ser o alimentador, e a paternidade passa a decorrer da mãe. O pai passa a exercer autoridade sobre o filho/a se a mãe consentir. Conduzindo à total desconstrução do conceito de família decorrente da tecno-ciência e, conseqüentemente levanta inúmeros problemas éticos, políticos, jurídicos, além daqueles da ordem da subjetividade.

Teria havido uma desumanização de processos tão fundamentais para a humanidade quanto à família, à geração e criação de novos seres humanos? Teria, realmente, o *Zeitgeist* deixado o Édipo para assumir a feição narcísica? Como serão as famílias do futuro, e os papéis tradicionais de pai e mãe, de homem e mulher, a necessária gestão da autoridade na educação das novas gerações, os interditos e os vínculos? Como será a nova reinvenção desta instituição insubstituível para nossa própria constituição de sujeitos humanos, conforme Roudinesco? Perguntas que ainda devem ser perseguidas e respondidas.

Vimos que a psicanálise hoje, como coloca Zimmerman, começa a valorizar a figura de Hamlet, quanto ao “ser ou não ser“, e o princípio da negatividade que prega a convivência dos opostos, formulando “ser e não ser.“, comentando que o analista hoje recebe na sua escuta um paciente *cambaleante* entre a (in)eficiência hospitalar e a in(ter)venção do mundo *imagético*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁVILA, C. R. A. *A Teleinvasão; a participação estrangeira na televisão do Brasil*. São Paulo: Cortez/UNIMEP, 1982.

BARTHES, R. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand, 8.ed, 1989.

BERGER, A. *Media Analysis techniques*. (The Sage Commtext Series; v.10). Newbury Park, CA: Sage, 1991.

BION, W.R. : *Elementos em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BIRMAN, J. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *A epopéia do corpo*, in Bastos, Liana Albernaz de Melo, *Eu-corpando. O ego e o corpo em Freud*, São Paulo: Escuta, 1998 (p. 9 – 24).

\_\_\_\_\_. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BOLLAS, C. *Hysteria*. São Paulo: Escuta, 2000.

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação; a ciência, a sociedade e a cultura emergente*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARMO, R. E. *Fenomenologia Existencial: estudos introdutórios*, Belo Horizonte: O Lutador, 1974.

CHAUI, M.S. *O que é Ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2.reimpressão, 2002 (p. 82-113).

DOR, J. *O pai e a sua função em psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

FERNANDES, M. H. *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

FISKER J. *Television culture*. London-New York: Routledge, 1990.

FREUD, S. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In Edição **standard** brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. *Totem e tabu*. (1913-1914) Em Edição **standard** brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. *O ego e o id*. (1923-1925) Em Edição **standard** brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. *O futuro de uma ilusão*. Em Edição **standard** brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização*. (1930) Em Edição **standard** brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. *Fragmento da análise de um caso de histeria: (o caso Dora)*. (1905) Em Edição **standard** brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. *Esboço de psicanálise*. (1940). Em Edição **standard** brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

\_\_\_\_\_. *Além do princípio do prazer*. (1920). Em Edição **standard** brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREIRE, P. *Conscientização, teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979 (p. 26 e 81).

GAARDER, J. *O Mundo de Sofia: Romance da história da Filosofia*. São Paulo: Companhia da Letras, 1995 (e 2000/2002).

HALL, S. *The spectacle of the 'other'*. In S. Hall (Ed.). *Representation. Culture representations and signifying practices*, London: Sage-The Open University, 1997 (p. 223-290).

HECK, M. C. *The ideological dimension of media messages*. In S. Hall, D. Hobson, A. Lowe, & P. Willis (eds.). *Culture, media, language*, London: Routledge, 1996, (p. 122-127).

HEUSCHER, J. E. *Love and authenticity*. *American Journal of Psychoanalysis*, New York: 47, 1987 (p. 21-34).

JUNG, C. G. *Psicologia do Inconsciente*. Tradução Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, 12ª Edição, 1999.

KÄES, R. *Os dispositivos psicanalíticos e as incidências da geração*. In: EIGUER, A. et al. A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica. Trad. Lúcia Helena Siqueira Barbosa. São Paulo: Unimarco, 1998.

KRISTEVA, J. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LEVINE, J. M., & PAVELCHAK, M. A. *Conformidad y obediencia*. In S. MOSCOVICI. *Psicología Social*, v.1, Barcelona: Paidós, 1991 (p. 41-70).

LORENZ, K. *Civilização e Pecado: os oito erros capitais do homem*. São Paulo: Art Nova, 1974.

MARCUSE, H. *Cultura e psicanálise*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MARQUES, F.; DONEDA, D. *A política brasileira de redução de danos à saúde pelo uso indevido de drogas: diretrizes e seus desdobramentos nos Estados e Municípios*. *O Mundo da Saúde*, 23 (23), 1999 (10-19).

MAYER, H. *Histeria*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MOSCOVICI, S. *Psicología social. Representações sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NASIO, J. D. *A Histeria. Teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

PAVÃO, P. R. C. *Informação Psiquiátrica*. *Revista da Unidade docente-assistencial de psiquiatria do Hospital Pedro Ernesto (UERJ) (Editorial)*, 18 (2): 1999 (p. 33).

QUINET, A. *Lições de Charcot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Por que a psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998 (p. 463 e 465).

ROUDINESCO, E. & DERRIDA, J. *Woraus wird morgen gemacht? Ein Dialog aus dem Französischen von Hans-Dieter Gondek*. Tradução do francês. Stuttgart: Klett-Cotta, 2004.

ROUANET, S. P. *Mal-estar na Modernidade*. Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 42, 8, 1997 (9-19).

SAMPAIO, T. M. V. *Provisoriedade em tempos de exclusão - aproximações teológicas ao tema*. Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba, 11(25), 1999 (p. 81-92).

SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SARTRE, J.P. *Questão de método*. in: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973, V. XLV (p. 122-123).

SODRÉ, M. *Claros e escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Televisão e psicanálise*. São Paulo: Ática, 2.ed., 2000.

THERBORN, G. *Sexo e poder: A família no mundo 1900-2000*. São Paulo: Contexto, 2006.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Vozes, 3.ed., 1999.

\_\_\_\_\_. *A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 3.ed., 2001.

ZAGO, J. A. *Sociedade de consumo e droga*. Impulso: Revista de Ciências Sociais e Humanas - UNIMEP, 11, 1999 (p. 93-102).

\_\_\_\_\_. *Drogadição, seu, contos de fadas e recursos terapêuticos: um ponto de vista fenomenológico-existencial*. Informação Psiquiátrica, Rio de Janeiro, 17, 1998 (p. 67-71).

\_\_\_\_\_. *Drogadição, um jeito triste de viver*. Informação Psiquiátrica, Rio de Janeiro, 13, 1994, (p. 155-158).

ZIMERMAN, D. E. *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática..* Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise.* Porto Alegre: Artmed, 1999.

\_\_\_\_\_. *Manual de técnica psicanalítica – uma re-visão.* Porto Aelgre: Artmed, 2004.